

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

SUD MENNUCCI	Uma nova expressão de arte	3
MARTIM FRANCISCO	Viajando (VI)	14
UGO PIZZOLI (da Universidade de Modena)	Psychologia Pedagogica	32
J. A. NOGUEIRA	Paiz de Ouro e Esmeralda (II)	44
AFFONSO D' ESCRAGNOLLE TAUNAY.	Um Album de Elisa Lynch (II)	47
SALLES CAMPOS	Versos	55
FRANCISCO IGLESIAS	Cinco annos no Norte do Brasil	59
OTHONIEL MOTTA	Sem replica nem treplica.	72
TRISTÃO DA CUNHA.	O chapéu de sol	76
A. AMOROSO LIMA	A' margem de um livro	83
PÓRFIRIO SOARES NETTO	Impressões de Viagem	88
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico	99
REDACÇÃO	Bibliographia	102
	Resenha do mez	106

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 37 - ANNO IV

VOL. X

JANEIRO, 1919

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Olavo Bilac (*Redacção*) — O diario de Tolstoi (*Jacomino Define*) — Chile-Perú (*Gastão Netto dos Reys*) — A missão das nossas elites (*José Maria Bello*) — As mulheres na diplomacia (*Do "Imparcial", Rio*) — As epidemias do cholera morbus no Brasil (*Dr. J. J. da Silveira Sardiná*) — A ultima phrase de Bilac (*Antonio Torres*) — Uma reminiscencia historica (*Otto Prazeres*) — As novas nacionalidades (*Do "Imparcial", Rio*) — Brasil-Bolivia (*Do "Paiz", Rio*) — A febre amarella (*Do "Paiz", Rio*) — O assucar das palmeiras e do milho (*Do "Diario de Pernambuco", Recife*) — O trabalho moderno (*Roberto Simonsen*). — Exposição de pintura (*Redacção*).

ILLUSTRAÇÕES: Retrato de Olavo Bilac — Aspectos da enchente do Itapicurú em 1917 — Quadros de Helena Pereira da Silva — Gravuras antigas.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Corytiba.

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Seis mezes	12\$000
Numero avulso	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

Redacção e Administração:

RUA DA BOA VISTA, 52

S. PAULO

Caixa postal: 2-B — Telephone, 1603, Central.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.



BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas-de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

PEREIRA IGNACIO & C.

INDUSTRIAS

Fabrica de Tecidos PAULISTANA E LUSITANIA
nesta Capital, e LUCINDA, na estação
de S. Bernardo (S. Paulo Railway)
Vendedores de fios de algodão, crús e mercerizados

*Compradores de Algodão em
Caroço em grande escala, com
machinas e AGENCIAS nas
seguintes localidades, todas
do Estado de S. Paulo:*

*Sorocaba, Tatuhy, Piracica-
ba, Tieté, Avaré, Itapelinin-
ga, Pirajú, Porto Feliz, Con-
chas, Campo Largo, Boitu-
va, Pyramboia, Monte Mor,
Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Ta-
tuhy.*

*GRANDES NEGOCIANTES
de Algodão em rama nes-
te e nos demais Estados algo-
doeiros. com Representações
e Filiaes em Amazonas, Pa-
rá, Pernambuco, Bahia, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul*

CODICO RIBEIRO PARA TODAS AS AGENCIAS

Escriptorio Central em S. PAULO

RUA DE S. BENTO n. 47

Telephones: 1536, 1537, 5296, Central
Caixa postal n. 931

Proprietarios
da conhecida
Agua Mineral

PLATINA

Cognominada
A VICHY
Brasileira

A melhor agua de mesa

*Ação medicinal
A PLATINA, cuja FONTE
CHAPADÃO, está situada na
estação da PRATA, é es-
crupulosamente captada, sen-
do fortemente radio-activa e
bicarbonatada sodica como
a VICHY e é como esta
agua franceza*

*Vendida em
garrafas escuras*

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STRFET, LONDRES

Filial em São Paulo, RUA S. BENTO N. 44

CAPITAL SUBSCRIPTO . £ 2.000.000	Succursaes: MANCHESTER, BAHIA,
„ REALISADO . £ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
FUNDO DE RESERVA . £ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principais cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Práta, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recbimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em deposito, abonando juros como segue:

Côta Corrente . . . 3 %	Prazo Fixo: Trez mezes 4%
Aviso prévio de 30 dias 4%	„ „ Seis mezes 5%
„ „ „ 60 dias 5%	„ „ Doze mezes 6%

Wilson Sons & Co. Limited

SÃO PAULO

RUA B. PARANAPECABA N. 10

Caixa Postal 523 ■■■■■ End. Tel. "Anglicus"

■ ■ ■ Armazens de mercadorias e depositos de carvão ■ ■ ■
com desvios particulares no BRAZ e na MOÓCA ■ ■ ■

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres . . .	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres . . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edimburgo	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne . . .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubricantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . . .	Ferro em barra e em chapas

Unicos depositarios de

Sal legitimo estrangeiro para gado marca "LUZENTE".
Superior polvora para caça marca "VEADO", em cartuchos e em latas. :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: :: ::
:: :: :: :: Anil "AZULALVO" o melhor anil da praça.

Importadores de

Ferragens em geral, tintas e oleos, materiaes para fundições e fabricas, drogas e productos chimicos para industrias, louça sanitaria, etc. —————

ECONOMISE SEU DINHEIRO

Ha um ponto em que a superioridade da Argentina sobre o Brasil é indiscutivel: nas suas revistas. Tem-nas optimas, prosperas e em melhoria crescente. Porque não havemos nós de conseguir o mesmo? Já possuímos uma por todas as razões em caminho e digna de ser a grande revista nacional. Pela sua tiragem, pela sua collaboração, pela sua independencia, a "Revista do Brasil" está destinada a occupar esse logar. Indica-o a entrada crescente de assignantes novos, cerca de 200 por mez, de Julho para cá. E' muito, dado o marasmo em que sempre viveram entre nós as revistas sérias; mas é pouco diante do objectivo que temos em mira: dotar o paiz de uma revista que marque época.

to, propagal-a com maior efficacia. Foi tendo em vista esta circumstancia que nos lembramos de pedir aos nossos assignantes, em circular, o inestimavel auxilio duma sympathia activa, e que hoje voltamos ao assumpto.

Para conseguil-o nenhum auxilio mais precioso do que o prestado pelos seus proprios assignantes. São elles os que melhor a conhecem, os que lhe tem amizade, os que podem, portan-

--- ATENÇÃO ---

Cada assignantê que nos angariar QUATRO assignantes novos terá a sua assignatura gratuita. Se nos angariar apenas uma terá 3\$000 levados a credito; angariando duas terá 6\$000; tres, 9\$000, e assim por diante. Estas verbas, creditadas em livro especial, serão applicadas na reforma das suas assignaturas ou na aquisição das obras editadas pela revista

--- BOLETIM A ENCHER ---

Illmo. Sr. Gerente da "REVISTA DO BRASIL

Junto seguem.....\$..... . importancia das assignaturas abaixo, angariadas por mim:

(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)
(Nome)	(Nome)
(Residencia)	(Residencia)

Peço-lhe, pois, que me credite a importancia de
.....\$.....
..... de de 19.....

Assignaturas annuaes: edição de luxo, 22\$; simples, 15\$000.

:: CASA FRANCEZA ::

DE

L. Grumbach & C^{ia}

Rua SÃO BENTO, 89 e 91

SÃO PAULO

CASA MATRIZ

EM PARIS

17 Bis, RUE DE PARADIS

Louças, Vidros, Crystaes,
Porcellanas, Objectos de
Arte para Presentes,
Baterias de Cosinha.



VENDAS A VAREJO E POR ATACADO
:: IMPORTAÇÃO DIRECTA ::

REVISTA,
DO
BRASIL

VOL. X

JANEIRO - ABRIL DE 1919

ANNO IV

DIRECTOR, MONTEIRO LOBATO
SECRETARIO, ALARICO F. CAIUBY

S. PAULO - BRASIL



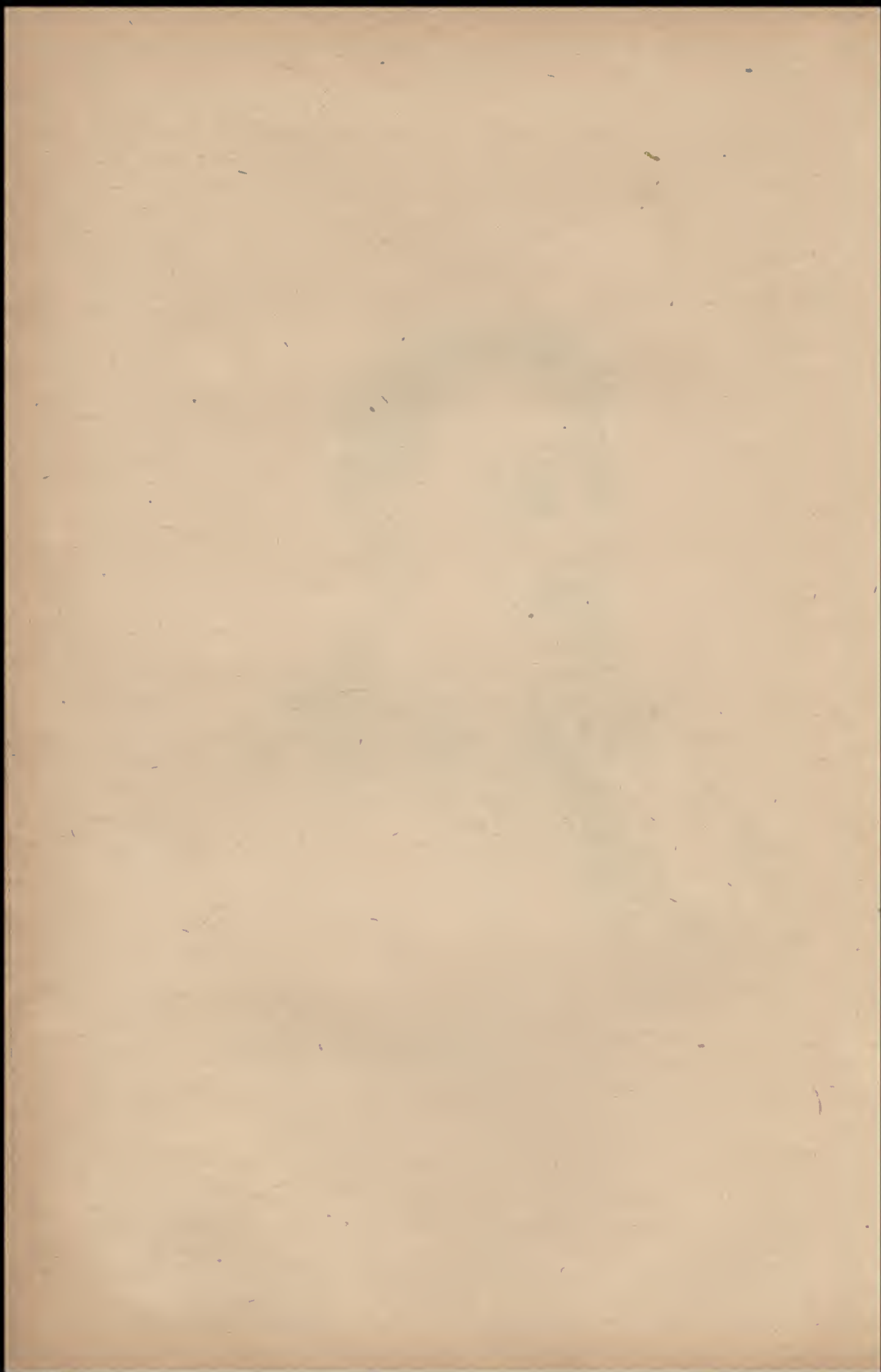
REVISTA
BRASIL





OLAVO BILAC

(Desenho de J. Wasth Rodrigues)





UMA NOVA EXPRESSÃO DE ARTE

I

Devo iniciar este breve esboço critico por uma digressão.

Entre os varios modos do critica que o espirito humano creou para o estudo das obras de arte, um se tem imposto victoriosamente como o mais approximado da imparcialidade.

É' o de começar a analyse pela personalidade do autor, encarada pela sua vida pratica, destringar o feitiço moral e sentimental do artista pela influencia directa do meio e lobrigar-lhe assim, menos erroneamente, o perfil intellectual.

Nos paizes novos — já o frizei uma vez — onde escasseam as obras e abundam, ao contrario, os mallogros, esse tem sido um recurso magnifico para os que desejam curar de assumptos e gente nacionaes.

Bem examinadas as cousas, porém, critica assim não passa de uma hypertrophia da vaidade e redonda, de ordinario, num esplendido meio de ataque de que os aristarchos se utilizam para desancar os incautos autores desaffectedos.

Tal maneira de analyse, bem que apparatusa, tem visiveis defeitos.

Em primeiro logar o estudo dos literatos, iniciado pela sua vida intima ou publica, leva-nos, invariavelmente, a bordar commentarios que dependem de nossos preconceitos sentimentaes, religiosos, philosophicos, mesmo politicos e isso num caso em que elles não deveriam intervir.

Ao depois, o que mais farto pabulo á nossa curiosidade apresenta um homem é a sua vida social.

Inferir por ella o valor intrinseco, moral ou sentimental ou intellectual de um artista parece-me uma como que levandade. Os actos da vida social de um homem — até os chamados de vida intima — são o que podem ser dentro das normas do convencionalismo dos outros.

E que se pode, em verdade, julgar de um espirito, si nos baseamos em acções a que elle se vê obrigado como homem, pelo habito, por indolencia, por hypocrisia ás vezes, si elle as pratica para não chocar a sociedade, para não quebrar a praxe, para evitar malquerenças inuteis ou mesmo para commodidade e facilidade de vida, quando não por pöse e vaidade?

A tal exame frivolo e inexpressivo, — pois não corresponde a verdade nenhuma acerca do genio dos artistas, mesmo que o pareça, em casos raros, do raciocinio — eu preferiria que me contassem dos literatos os ditos de espirito picante, as piadas de sal grosso, de que elles são sempre prodigos.

Isso, sim, valeria a pena. Revelariam, de improviso, certas feições caracteristicas do individuo, verdades sentimentaes a serviço do intellecto, flagrantes reaes do pensamento sempre disfarçado pelo homem, emfim clarões — relampagos que illuminam de um jacto toda uma psyche.

Não me refiro á blague systematica, que é hoje uma attitude de elegancia a que nos levou a educação.

Falo desses repentes, sempre licenciosos, muita vez obscenos, mas sempre tambem esfusiantes de graça, e de chiste, em que a verve fulgura como num meio impuro, em que as palavras são torpes pelo significado, mas que o arranjo e a applicação ennobrecem podem ser relatadas sem faltar com o devido respeito a todos os moralistas e crentes.

Lucrariamos todos com essa substituição. Em lugar de uma insulsa historia da vida utilitaria e vegetativa de um autor, isto é, onde nasceu, o que estudou, quando casou, quando tirou a sorte grande, quando teve appendicite, quando foi nomeado para tal cargo publico, quando viajou, teriamos as manifestações imprevisas de seu espirito pilhado a nú e desprevenido.

Eu, positivamente, não amo essa critica do "homem social" porque não ha meios de me esquecer que os censores tambem o são e só podem assim criticar sob o seu estreito ponto de vista pessoal.

Ha, entre elles, por exemplo, os que admiram porque lhes aconteceu, um dia, encontrarem as suas proprias emoções dominantes na hora, exaltadas na obra de um artista desconhecido.

Coincidencia fortuita, que pode não repetir-se mais em toda a vi-

da, mas que fica valendo pela saudade que evoca de um instante de afinidade sentimental e que se não esquece mais.

Tambem ha os que detestam porque um dia vibraram em opposição ao que um autor sentiu ou pensou. Vêm deste facto certas idiosyncrasias com bons artistas a quem reconhecemos tudo, desde o talento á forma rica de expressão e que, no emtanto, ao nosso espirito repugna aceitar como um autor querido. E' que, lá atrás, a paginas tantas, ficou um boccado de leitura que contrariava a pureza ou a intensidade de nossas emoções e a gente, por mais que faça, não pode mais reconciliar-se com esse homem.

Ha os que amam por meras questões de affecto pessoal, com um tal fervor religioso de amizade, uma estima de fanatismo mussulmano, que extendem a admiração morbida a tudo quanto o amigo produz, sem indagar si a adoração é, no caso, legitima.

E ha tambem — e em que numero! — os que detestam por simples questiunculhas personalissimas e da mesma forma que os outros veneram, estes condemnam irremissivelmente a produção do des-affecto.

Essas coisinhas, apesar de tantas vezes ditas, são desgraçadamente sempre novas e a tal ponto que eu cordialmente me espanto quando vejo um amigo de um artista, ou um seu inimigo, elevar-se acima do nivel de homem de argilla impurissima e assumir uma attitude de intellectualismo superior e sadio, ir lobrigar o perfil do autor atravez do livro — e não da sociedade — “louvando sem cynismo” e criticando sem azedume.

— Mas — ha de emfim inquirir o leitor, farto com tão estirada digressão — a titulo de que vem isto?

— Siga-me, si nada tem que fazer, e verá a correlação existente entre ella e o resto. Mas si tem, largue a Revista e vá dar conta de suas obrigações, que eu não amo prosear com sujeitos atarefados.

Vou tratar do apparecimento de uma nova expressão artistica em literatura, e, o que mais importa, em literatura nacional. Tanto equivale a dizer, o primeiro tentamen serio, sentido, vivido, pensado de uma esthetica brasileira.

E' preciso frizar que ella não representa o verdadeiro ambiente mental do paiz.

E' um prechronismo, um salto á frente, de um ousado, pois resulta de uma philosophia que vem de alheias plagas.

Não deixa com isso de ser nacionalissima, pois a philosophia, summula que é dos conhecimentos humanos, não tem patria, e nos povos moços ha sempre, entre os seus artistas, os precursores, os que se avantajam ao tempo, sobrepoem-se á epoca em que vivem e aos homens com que lidam para lhes ficar sendo um fanal e um guia.

Ademais, para a arte, não valem as verdades seccas que a scien-

cia descobre e que a philosophia coordena e alinha em syntheses. Valem pela intensidade por que, respeltando-a, realçam a nossa exaltação, e pela força com que somos capazes de exprimil-as, intellectualizando-as, sem lhes deturpar o que de sentimento incluíam.

Que é um creador, em literatura?

A arte é a natureza vista ou corrigida ou idealizada por um temperamento. Mas arte coada através um temperamento já é de per si a esthetica.

Modernamente não se comprehende esthetica nova que não tenha feito o cotejo das antigas. E diversas estheticas comparadas, eis ahí a critica.

Uma expressão artistica victoriosa, acceita e generalizada, ahí está a escola.

Tomada no seu devido valor essa serie de verdades logicas, a resposta á pergunta apparece clara:

Creador é aquelle que, num momento dado, se torna elle só o foco gerador dessas quatro cousas differentes: arte, esthetica, critica e escola. São nelle synonymos. Geram-se num mesmo ponto, partem do mesmo angulo e affirmam que, verdadeiramente, as palavras valem pouco: o que vale é o temperamento.

Em ultima analyse, o innovador é — para me exprimir com J. A. Nogueira — “um quebrador de formulas”, servindo modulos seus.

Foi assim que se apresentou Amadeu Amaral com o seu ultimo livro, *Espumas*.

Ora, esse livro, bem que encontrasse um arguto e elegante critico em J. A. Nogueira, não tem sido, em nosso paiz aquilatado como devia e como deve.

Parece incrível que para exalçar os nossos poucos, pouquíssimos padrões, não direi de gloria, porque assusta os medalhões, mas de affirmação de nossa existencia nacional, seja necessario discutir tanto uma obra prima.

Parece incrível... mas, justifica-se.

Nós andamos até agora a decantar umas tantas carrancas de próa de nosso genio artistico, para provar ao mundo que existiamos.

Fizemo-nos pregoeiros não só, mas pregadores de nossas pequenas glorias — homens intelligentes, por certo, que se destacavam da massa analphabeta — e annunciavamos, desassombrados, a excellencia da prata da casa, na falta do ouro.

Foi no intento generoso de nos libertarmos da tutela estrangeira, eu bem sei.

E' hora, porém, de acabar com isso, desde que chegamos a ter

quem vá além, um pouco, em poesia, da lamuria lacrimolenta e dos desaforos, na prosa.

Depois, digamos a verdade toda, ha tambem um mctivo inconfesado que nos esconde o pouco do ouro que existe.

Quando, no paiz, surge um innovador, si ha meia duzia de homens que alcancem e sejam capazes de apanhar, no vôo, a curva da parabola que elle ensaia na sua arte, ha tambem uma porção de medallhões — consagrados, não se sabe porque, com o pomposo rotulo de "talentos" — que não a percebem e vêm logo á scena mostrar que não comprehendem o artista... e porisso, humanamente, o malsinam.

No Brasil, o facto tem acontecido a todos os typos fundamentaes de nossa literatura e que são tão poucos, para nossa desgraça.

O unico, que conseguiu escapar mais benevolamente a esse exame, foi Raymundo Corrêa.

Poeta, fillado, no começo da vida litteraria, ao parnasianismo — que nelle, para nossa felicidade, não se firmou em gafeira de escola, mas virou synonymo de amor á lingua e á sua pureza e aperfeiçoamento, como instrumento unico capaz de affirmar a existencia de um povo — acharam o que analysar na sua obra.

Como?

Explicarei o facto. Mas como já me arrumaram a pecha de obscuro, e apezar de todo horror que sinto pela expressão didactica dirigida a cerebros que já se não destinam ás escolas primarias, "baixarei as cravelhas" e tentarei ser claro, clarissimo, didactico, emfim — ao menos uma vez e para meu eterno escarmento!

A Poesia se compõe, como a Prosa, como todas as artes — quem ainda o não sabe? — de suas partes distinctas: a idéa, que engendra a obra e a forma, que a reveste.

Na poesia, comtudo, a forma é uma tortura.

Em prosa ha liberdade de movimentos, pode-se ser irregular e nervoso, como Camillo, frio e conciso, como Machado de Assis, desbordante e prolixo, como Eça, sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um grande e forte escriptor.

Na poesia não ha essas liberdades: tudo é, alli, medido, regrado, definido. Ao menor signal de rebeldia pelas formas consagradas, desde a syllaba ao poema, zune a saraivada das zombarias.

Isso faz que ao elevo a poesia á mais difficil de todas as artes e... devia fazer que ella fosse a menos procurada.

Toda obra poetica, seja um soneto ou um poema, tem por obrigação ser uma joia, desde a idéa fundamental que a inspira té os minimos detalhes da factura. Poeta é synonymo de lapidario, si se não esqueça que o lapidario ahi incluye necessarla e irrevogavelmente a

accepção de pensador. O que vem a dar um lapidario sui generis, pois elle não só trabalha o ouro, mas fabrica-o tambem.

No emtanto o Brasil enxamea de poetas. Ha-os ás carradas, proliferando com uma fecundidade de cogumellos.

E a explicação desse phenomeno, si a poesia é tão difficil e a natureza tão sovina em distribuir typos?

Está no acolhimento dos criticos. Estes sabem que a poesia se presta sempre a um exame minucioso e com a vantagem de ser, por mais prolixo, sempre superficial.

Vae dahi metteram-se com os parnasianos a moer o estribilho da forma.

A um poeta novo examina-se-lhe a technica dando-se assim amstras de profundos conhecimentos. Ha uma bibliotheca inteira sobre o jogo das syllabas, a assonancia, a elisão, o echo, o hyato, o numero, o rythmo, a rima, os accents, as tonicas, as cesuras, emfim, os importantes tudo-nadas da technica.

Depois vai-se ao sentimento do dedo — o sentimento dominante nas faltas de todo o mundo, (são homens) é o amor, do qual disse Sem Benelli:

“Questa é la sola scienza che sappia fino in fondo un ignorante.”

E ha outra bibliotheca sobre o sentimento, si é vasado em bons moldes, objectivo ou subjectivo, melancolico ou alegre, humoristico ou tragico.

Findo o exame, que equivale, em ultima analyse, a indagar, num pianista de fama, si elle dedilha bem, dão-se parabens ou pezames á literatura.

Quanto á parte essencial, o elemento ideologico, a concepção philosophica... ficamos ás escuras.

— Porque?

— Ora, porque! Porque os criticos costumam ser, ou pelo intellecto ou pela preguiça, gente que não gosta de pensar.

E' sempre difficil tratar desse assumpto, que exige larga cultura, poder de synthese e uma directriz mental com um mínimo de preconceitos.

E depois porque, emfim, é sempre mais facil tratar da technica, pois alli não ha duas opiniões contradictorias. E são inexoraveis. Tratam todo o mundo á virga ferrea. E' o seu forte.

Os poetas perceberam e comprehenderam qual era a chave para a entrada no campo da arte e fizeram ao conceito fundamental da poesia uma pequena substituição. Ella se compõe de idéa e forma. E elles fizeram: forma o imagem, uão esquecendo de que a imagem deve ser, para garantir o successo, de um feitto novo que fira o nosso sentimentalismo, em especial o das mulheres.

Donde uma comparação, um paralelo, uma tirada pathetica ou com laivos de philosophia ad usum delphini representam inspirado-



ras sem iguaes. E não é mesmo difficil, por mais enxuto que um homem possa ser de fantasia creadora, descobrir pela observação, uma relação entre um facto de ordem natural e outro de ordem sentimental. E isso — garanto-o — dá sempre um bom soneto.

Raymundo não havia de fugir á doença.

Elle tambem foi moço, tambem teve as suas crises de "coração" e tambem sentiu a necessidade de pô-las em verso.

Foi por ellas que Raymundo se salvou.

E já não fecho a nova digressão sem me referir á lição que me deu essa dualidade do poeta.

Eu amo Raymundo ha muito poucos annos. Tinha-lhe mesmo, antigamente, certa ogeriza. E' que lhe não conhecia as Poesias completas e o que d'elle ouvia recitado pelos salões ou estampado nos jornaes de provincia valia tanto quanto a poesia dos outros: As Pombas, O mal secreto, O monge, Gessica, Cythera, Conchita, Primavera, Tentação do ermo, os pieguissimos Beijos do Céu.

Do resto, nunca ouvira falar: Os ciganos, Job, Desilludido, Versos a um artista, Nada, Nirvana, Vac-Victis! Deus impassivel, Amor creador, Feticchismo, emfim, a obra pensada, a obra dolorida, arrancada fibra a fibra do coração de um homem que paesou pelo mundo munido de um aparelho cerebral, nada disso anda pelas anthologias e pelos jornaes.

Dantes isso irritava-me. Hoje acho-o razoavel e necessario. Não ha interesse nenhum em que os outros que se deleitam com assumptos sentimentaes se apoderem a contra gosto dessas jolas que nada lhes dizem ao intellecto. Para que metter a torturante philosophia de um Raymundo na cabeça de gente cuja alma não foi feita pela sentir?

Raymundo fez bem, no fim de contas, em dividir-se. Si fizesse como Anthero do Quental acontecer-lhe-ia o mesmo que ao extranho vate portuguez: lembrarem-se d'elle alguma vez porque os allemães disseram que elle era grande.

Tambem é verdade que lhe ficava o consolo — supremo e solaz consolo — de dizer: — *Omnia munda mundi.*

E' mais ou menos isso que acaba de acontecer a Amadeu Amaral.

Emquanto perambulou, moço, pela vida, com a eterna chaga dos artistas, "essa dôr de viver que é, para Remy de Gourmont, a consciencia obscura de se sentir morrer", espalhando melancolia em seus versos, a nostalgia de uma vida que não vinha, a ante saudade de um gozo que não houve, nas Urzes e nas Nevoas, saudaram-n'o.

Compreende-se: augmentava o côro, trazendo um cerebro pouco vulgar. Era como que uma justificação e um consolo... para os outros.

De subito, Amadeu lança as Espumas. Ha, a principio, um silencio expectante. Um elogio, após, que não é nem cynico nem louva-minheiro.

Depois os primeiros sussurros.

Que aconteceu?

O poeta transformou-se. Não traz o esperado livro de ternos queixumes e doces lamurias. E' novo, é inédito, é mesmo, para os que vivem ainda de olhos fitos na sua juventude, paradoxal, sophista, subtil, si quizerem, mas "poseur." Não é o mesmo, emfim. Houve uma metamorphose tamanha em sua individualidade que, claramente, indica que elle ainda não n'a firmou convenientemente, nem n'a attingiu, portanto.

Sabem o que é que os homens chamam "attingir á individualidade"?

E' chegar ao ponto de se enfiar das outras opiniões que não sejam as nossas; de não achar mais emoção alguma nas idéas alheias, de não admirar mais os pensamentos de outrem.

E' isso "attingir á propria personalidade."

Porque si alguém se deixa impressionar ainda, si tem a alma jovem e impressivel, capaz de vibrar ás alheias manifestações, isto é, ainda não se tornou de cerebro fossilizado na adoração das proprias descobertas, esse é alguém que ainda tactea.

Chame-se, embora, Amadeu Amaral, que não passa de um imitador.

Ora, Amadeu Amaral traz nas Espumas o foco gerador de um novo credo, inspirado na philosophia de Nietzsche.

Creador, portanto, e coisa que ingenuamente nos assombra, de uma expressão que não existe lá fóra.

O nacionalismo tem nella o seu mais formal desmentido: nada é alli feito ou pensado com a preocupação nativista.

E nada, comtudo, é mais forte affirmação de nossa existencia como nacionalidade.

*
*
*

As Espumas apparecem como o livro de um homem que está cansado de lamuriar. Não lhe acha nobreza, nem mesmo quando a lamuria se incende e se alça até a revolta.

A dôr é a dôr: não n'a abrandam palavras ou attitudes. Nasce com o homem, morre com elle.

Lamuriar para quê?

Chegar a esse ponto extremo de philosophia humana é ter chega-

do á derrocada de todas as theorias, de todos os preconceitos, de todos os prejuizos.

Mas vista dahi a vida só pode, em verdade, ser aceita com a fatalidade de um resignado, na attitude de quem é capaz de todas as attitudes: em ultima analyse, o estoicismo.

Parece que elle o prova claramente no mais desalentador dos seus sonetos, *A um philosophante*, em que o poeta nos mostra que no mundo tanto vale ter a furia constante e indomavel do mar, como a immobillidade cynica e sarcastica do rochedo:

“Pregas a audacia, o esforço, a luta indefinida;
Ama a Vida, qual é, sobre todás as cousas.
Luta! ambiciona! canta! ousa! delira... E' a vida.
A onda esplendida e cruel te esmaga, se repousas.

A paz, a doce paz, mora entre as frias lousas
do camposanto; aqui, freme a perpetua lida.
Viver é desejar. Tu vales pelo que ousas.
A renuncia nasceu do sonho de um suicida”

Assim falavas tu, fervido, o gesto forte.
O mar, junto de nós, a eterna dôr bramia,
— dôr sem compensação dos anseios, sem norte.

E eu, sem mais nada oppor á tua audaz vehemencia,
um rochedo mostrei-te á flor da agua... Dir-se-ia
morto: vive, ousa e luta. A onda embate-o: elle vence-a”.

E no emtanto vai um mundo de distancia entre esse soneto e o estoicismo. O que o vate affirma é a necessidade de cada um ser aquillo que é.

Porque ser rochedo quando se tem a alma de onda?

E' inutil ser qualquer uma dessas duas cousas, mas é fatal que se seja uma. Escolha-se aquella a que nos ligam e nos empurram as nossas mais fortes tendencias.

O homem assim está abandonado a si mesmo, perdeu toda ligação com o seu antigo mundo moral. Nada do que lhe serviu para a ecclosão de sua personalidade pode ser directriz nesta nova forma de encarar a vida, sem revoltas e sem lamurias.

O homem pode e deve, então, bastar-se a si mesmo, como si fôra o senhor do seu proprio destino e como arbitro dos seus proprios esforços.

Desde que é verdadeira a inutilidade da existencia e que tambem victoriosa se affirma muito mais a sua fatalidade, é mister fazer dessas duas certezas, uma do instincto e a outra da razão, como que

clarões postados no alto da consciencia a illuminar-nos a marcha. Não se lhes discute a verdade da luz que derramam. Basta-nos examinar a intensidade maior ou menor que nos mandam e contemplar, serenamente, as sombras e avantesmas que provocam.

Quereis ouvi-lo? Elle se define nitidamente nestes versos do Açude:

“Tudo quanto me alenta o esforço — é o proprio esforço.
 Como quem, sobre um lenho, erra por sobre o dorso
 mutante da agua viva, ora os remos batendo,
 ora os remos largando, inaeclavel bebendo
 todo o vario esplendor da infinita paisagem,
 sonhando entre dois ceus, e só termina a viagem
 quando é força parar, e, parado, só pensa
 em reatar bem depressa a ebriedade suspensa,
 tal eu vou pela vida, ansioso, de obra em obra...
 Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
 Minha existencia é um rio, eu quero-a como um rio,
 impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,
 — e porque amo a caudal, quero vagar sobre ella,
 contente se me exalta, feliz si a acho bella.”

Claros, esses versos: a liberdade do individuo dentro da inutilidade e da fatalidade da vida.

Podem achar essa concepção muito parecida com o fatalismo.

Não é o fatalismo. E' um pouco mais, é o determinismo scientifico, elevado de sua aridez de theoria declamadora á curul de uma sabia e profunda philosophia da experiencia.

A obra de Felix de Dantec conduz á conclusão de que o homem nada deveria fazer para não fazer o mal.

A' mesma conclusão chegou o buddhismo, aconselhando a adoração do proprio umbigo como formula de vida social.

O erro inicial, porém, das duas conclusões está nisto: que fazer o mal é nada diante do facto consummado do viver.

O determinismo é uma concepção de gente mais sarcastica que sceptica.

A philosophia de Amadeu Amaral corrige-a, dando-lhe o que lhe falta para alcançar o desejado sabor humano: dá-lhe alma.

O homem não pode destruir o encadeamento dos phenomenos da vida, nem modifical-os a seu bel-prazer, para delles extrahir o que suppõe ser o seu maximo gozo. Mas pode sempre gozar, na hora em que se apresentam, das bellezas que encerram e que transparecem, fatalmente, a todos os que lh'as sabem descobrir.

E' pois um determinismo de olhos abertos e alma serena, vivendo sem illusão, mas tambem sem torturas de quem não “chora á

Vida que alvorece", de quem não "pede á Vida o que ella dar não pode", de quem não "recusa os bens que ella offerece".

E', emfim, a finissima concepção delicadamente dita no introito, tantas vezes citado e tão mal comprehendido:

"Eu não construo: canto... E entre todas as glorias
basta-me a de espelhar em poemas incolores
o perpetuo esplendor das cousas transitorias."

(Continúa)

SUD MENNUCCI





VIAJANDO ⁽¹⁾

(COIZAS DO MEU DIARIO)

1913

No noturno — Março, 14—15.

— Cartas, contas, cambiaes, e outras perturbações na minha autonomia, mandam que esteja eu em Paris antes de 22 do corrente. Obedeço correndo. E o meu itinerario? E a comparação, em Turim, da estatua de Ramsés com as de arte moderna? E o mez de curiosidade que me eu prometera na Suissa? Paciência. Consola-me a esperança de voltar. O melhor programma de quem viaja é não ter programma: dizia-me ha muitos annos, em Santos, o irrequieto conego Luiz, que aliás nunca viajou.

— Roda o trem. Nem é tão longa a viagem que aconselhe leito, nem tão curta que o dispense. Amortecem os colloquios; fecho os olhos; estabeleço tal qual soliloquio interno. Veneza? Mas eu sei de Veneza muito mais do que Veneza sabe de mim. Léon Gallibert, livro de capa doirada que abri e fechei em 1871, forneceu-me noticias his-

(1) Vide os numeros de agosto a dezembro.



toricas que acrizolam de particular simpatia a sintheze veneziana na civilização do ocidente.

De Atila a Bonaparte está a republica de Veneza entre o berço e a sepultura. Enferma, ia desesperando quando o caminho pelo cabo da Boaesperança lhe quiz dar cabo do commercio; convalesceu, porém, graças á privilegiada situação geografica, communicante com os principaes mercados da Europa. Da sua fuga defensiva para as lagoas até a entrega á Austria por uma das muitas perfidias do tratado de Campoformio, atravessou ella quatorze seculos: seculos cheios de reformas de instituições, de conluios, de assassinatos, de intrigas, de lutas internas e externas, mas tambem de atividade, de progresso, de maior ou menor gloria, mas de gloria sempre.

Manobrando nunca menos de duzentos navios de guerra, Veneza soube ser forte. Criando, durante as cruzadas, a industria dos grandes transportes, soube ser opulenta. Mantendo, mais que outro qualquer poder italiano, altivez perante o papado, soube ser independente. Soube tambem ser uma generosidade lucrada: grato ao refugio salvador que de Veneza recebera, cazou-a o pontifice Alexandre III com o Adriatico, ofertando-lhe o anel para a cerimonia: cerimonia que Veneza deliberou repetir annualmente, convencida, como todo mundo, de que cazar é bom.

— Estou a considerar naquelle “Conselho dos Quarenta”, exemplo unico de poder coletivo diminuindo de 75 % o numero de seus membros. Estou vendo a acquiescencia boquiaberta do doge, intimado a não ter, fóra do paiz, mulheres e terras. Estou vendo... Mas estou vendo que cheguei. E se não vejo bem Veneza é porque não ha sol de noite.

Chegando.

— Noite ainda. Estrellas e sofrivel illuminação commecam-me a revelar a encantadora cidade. Dezaparecem-me



a invazão das semsaborias bizantinas, os acrescimos da arte gotica e, de vez em quando, á guiza de restaurações, uns laivos de disfarçados modernismos. Não ha gosto que alli não encontre o seu bocadinho preferido

Da fachada, imponentes, empinados, de bronze doirado, prezidiando a atenção do aproximante, estão aquelles quatro cavallos a embaraça-lo em duvidas. Na policia, chamadas a inquerito, seriam incapazes essas duas parelhas de responder nome, idade e profissão. Foi-lhes pai Lizipo? Vieram da Grecia quando, puxado por tigres, por lá andou o artista Nero? Como o seu retransporte para Bizancio? Descendem do de Troia esses cavallos? Embarcou-os, sim, para Veneza o doge Henrique Dandolo; furtou-os e restituiu-os a França: até aí tocava a minha sciencia, observei ao guia que immediatamente me prelecionou:

— Como cavallos de corrida não ha, com certeza, eguaes no Brazil. Correram mais paizes do que o senhor, e veja como estão alegres e promptos para correr de novo! São cavallos viajantes.

— Sim... E' exato. Muito mais, todavia, viajou a excellentissima senhora sua avó no dia do cazamento: re-truquei.

— !?

— De manhã estava ella no cabo da Boaesperança, á noite no cabo das Tormentas, e no dia séguinte nos-Estados-Unidos.

— Vou entrando. Largã, ostenta a porta de bronze caprichadas incrustações de prata. O adro, elle só, expondo os objetos valiozissimos arrecadados no litoral mediterraneo, merece muitas horas de examinadora tardança. Maravilhozo, dando idéa duma interminavel nigromancia, tudo quanto, nessa egreja de S. Marcos, com tanta ordem, tão bem disposto, se vai admirando sem poder, horas depois, coordenar na memoria! Não acabam mais aquelles mozaicos vindos do oriente, e que ladrilham quazi todos



os 76 metros de comprimento e 56 de largura (instrue-me friamente o guia, e eu finjo medir o edificio com um olhar retrospectivo) desse monumento religioso onde, a falar a verdade, as surpresas mais se sucedem dominando pela arte do que pela crença.

Reza-se pouco em Veneza. Na Praça de S. Marcós, onde se pode ficar um dia inteiro a recordar, sobretudo a harmonizar priscas leituras, agradavelmente semi-as-apagando ao contato de novos raciocinios, vi um grupo de padres interromper marcha batida e paralizar batinas deante duma revoada de pombas mãnsas que, a convite meu e principalmente do milho, me estavam a comer á mão. Fosse em Roma, e o escândalo provocaria suspensão "ex-informata conscientia!" Na Igreja de S. Marcos eu não notei uma pessoa de joelhos. Num enterro, rico, que encheu rua proxima ao Hotel Regina, havia roupa de todas as cores, e os grupinhos dialogavam como se estivessem combinando em S. Paulo a nomeação dum fiscal de consumo para Taquaritinga.

— Bellissima a Praça. A' esquerda, lá em cima da Torre Municipal, numa escala discutivel, os dois gigantes, prestes a tocar horas no sino; depois, o "Leão Alado"; um pouco adeante uma "Nossa Senhora" e o "Relogio" de verdade. A' direita, aquelle compridissimo "Canudo", reconstruido restauradamente como um acinte ás-derradeiras traições sismicas. Emfrente, no soberbo vestibulo da Cathedral, o S. Marcos, talvez o mais artistico mozaico occidental, dezenho de Ticiano, trabalho dos irmãos Zucati: irmãos de verdade, irmãos no esforço, no coração, na correção, nos triunfos, e até no equitativo elogio da posteridade. O evangelista move-se, virando-se para o nosso olhar obedientemente.

Tambem eu! Fui doge.

— Marino Faliero, unico doge a quem devo obsequio (devo-lhe a leitura duma das mais audazes produções



de Byron) foi decapitado, apagando-se-lhe o nome da lista dos 76 na sala do Grande Conselho, e substituindo-o por insolente inscrição. Frizo a circumstancia de, nada devendo a doges, lhes haver generosamente visitado o "Palacio" durante duas horas. Verdade seja que: favor allegado é favor pago.

— Riqueza. Sumtuozidade! Não ha sala pobre, não ha sala feia nessa construção ogival, de aspeto grandiozamente senhoril. Não ha compartimento insignificado nesse conjunto dominador e sobranceiro. Mais ou menos magnifico tudo quanto se vê.

"Sente-se, no "Palacio dos Doges", a impressão dum mundo extranho. Goza-o quem alli penetra sabendo estar num palacio, numa prizão, num tribunal, num muzeu, numa vastissima lição de historia: que tudo isso foi, e quasi tudo isso ainda é, esse edificio a cujas portas vieram tantas vezes pedir senha os destinos da politica occidental!

Subo devagar, bem devagar, os trinta degráns da "Escada dos Gigantes". Inopinadamente incerta, não decide a vista si se fixe nas colossaes e marmoreas estatuas de Netuno e Marte do inexgotavel Sansovino, si se perca, confuza, naquella ornamentação lateral de arabescos, infinitas de minuciozidade! Subo. Mas o acazo, amigo que me não abandona, que faça de mim o que quizer neste templo de arte onde tudo se me antolha extraordinario.

O pincel do Tintoreto não se separou, aqui, de sua capacidade creadora. Numa das paredes (sala do "Grande Conselho") deixou elle a maior das telas, — "Gloria do Paraizo", com 1285 cabeças, que lá estão no reino dos ceus á espera da minha. Mas que sala! Dariam para dois bailes ao mesmo tempo os seus 56 metros de comprimento e 26 de largura. Nas ocaziões solemniissimas ficavam cá em baixo, na platéa, os nobres inscritos no "livro de oiro"; galgava o doge o tablado, ladeando-o de longe os senadores, e de perto, hombreando-o, o Conselho dos Dez. Um cordão vermelho põe impertinente separação entre



os visitantes e o tablado. Afasto-o com dez liras e com uma iroza reclamação de Jaques Servier, alfaiate em Biarritz, ex-saltimbanco (soube-o no hotel), que me despede cortantes olhares quando me vê, frio e deliberadamente, chegar ao posto do doge, assentar-me, fechar os olhos, e allí permanecer oito minutos.

Mentalmente, meditando, refiz a sessão do "Grande Conselho" no caso "Marino Faliero", cuja prizão ato continuo vizitei e achei muito pequena para tão grande homem.

Voltei. Jaques bufava!

— Mas em que é Jaques prejudicado por ser eu doge alguns minutos? "Opozicionite" agúda? Inveja trazida dalguma existencia anterior?

Os Jaques.

— Aceita a doutrina da metempsicoze, e não é licito nega-la em absoluto dada a eternidade da materia e respectivo movimento, a logica e a observação permitem a suspeita de que algumas pessoas já tenham sido pernilongos numa existencia anterior. E' crível que os Jaques já tenham mordido e chupado numa outra vida.

Reincarnados na sociedade moderna, constituem elles um tipo especial. O Jaques é intelligente sem talento, inquieto sem objetivo. Onde chega monopoliza a nullidade, pouzando temporariamente em cada um dos seus aspectos. Especialista em vida alheia, nella depozita o microbio da má vontade e os germens da intriga; isso incessantemente, inevitavelmente. Pernilongo pouco dorme, mas não quer que a gente durma; Jaques não sobe, mas não quer que os outros subam.

Jaques-pernilongo é legião. Ha-os em todas as cidades; em todas as villas. Nos arrabaldes é mais que duvidosa a possibilidade dum quarteirão sem dois Jaques. Ha-ós dambos os sexos. E, conforme as ultimas estatísticas, Jaques-mulher é fanhoza e uza pipocas no rosto.

Dezassocegado, impulsivamente insidioso, metidoço, parlante onde não é chamado, é Jaques uma extravagancia da natureza, utilizavel em todo cazo para estudo da degenerescencia com longa escala pela mediocridade. Jaques não me conhece. Ve-me pela primeira e ultima vez. Mas lhe é incontinente a vontade de impedir que eu seja doge! Nem um mal lhe fazem as dez liras que o guia vai distribuir aos filhinhos, mas é irreprimivel sua interferencia em prol do cordão que limita o tablado do doge. Porque? Não sabe. Porque ha de ser pernilongo. Porque é Jaques.

Não ha quem não tenha tido e sofrido, quando menos, sete Jaques na vida.

— Voltei á sala do "Grande Conselho". Chamara-me um globo terrestre, alto de dois metros e pouco, lá no fundo á direita, cercado por uma grade, que poucas objecções opoz aos meus restantes conhecimentos ginasticos. Pula-la, rindo para Jaques, foi obra duma lira mais.

Nem nome de autor, nem data, traz esse globo. E' enorme. Minha altura, porém, perfeitamente lhe alcançou o sul americano, que era o que nelle mais me poderia interessar. Com explicaveis incorrecções geograficas insere as denominações localizadas de "Cananéa, Tahnhaen, S. Pablo" e S. Vicente; um pouco ao norte tem "Reys" (Angra? Necessariamente). Pareceu-me cópia castelhana de mapa luzitano posterior, não muito, á expedição de Martim Affonso de Souza, e contemporânea, talvez, do governo de Mem de Sá. No estuario meridional ha apenas a designação "Solis".

— Na sala dos "Embaixadores", quando reparava eu no quadro "Sebastiano Veniero voltando de Lepanto", e raciocinava já poder estar o otomano confinado na Azia si houvessem deixado o heróe tirar todas as consequencias do formidavel conflito, interrompeu-me o guia para, com a ogeriza do veneziano á legenda bonapartista, explicar,

em varias telas, os rasgões praticados em Paris de maneira a caberem ellas nas dimensões das paredes do Louvre! Apreciado com um binoculo á distancia de quinze ou dezeseis metros, esse trabalho de Veronezo, interpreta, dessa vez sem fundo escuro, a serenidade valente do seu contemporaneo, com tal complexidade de correções que está a gente a ver o marinheiro, o patriota, o funcionario, o vencedor, o veneziano: homem e carater conjuntados.

— Nua dos seus pannos pretos, mas sempre emporcalhada em suas tradições, encontrei a salinha da inquirição. Não quiz ir alem do corredor que conduzia ao compartimento das torturas. Torturar e matar gente porque não pensa como nós pensamos. Acabadissimas zebras!

— Na vizinhança. Trabalho e depozito de vidros. Industria cara. Serviço sofrivel.

— Adeante, bem adeante: movimentada fabrica de rendas. Caixeiros dum para outro compartimento; freguezia, discutindo preços; encomendas chegando e saindo. E, indiferentes aos olhares masculinos, meninas coradas, operarias, proseguem no exercicio do officio como si ninguem lhes estivesse a analisar as feições.

Caras as rendas? Mas quantas crianças perdem a vista nessa labuta? Um ponto errado e lá vai o dia, e com elle o salario; e com o salario o pão.

— Atravessei, descançando o espirito na despreocupação da vista, os tres e meio kilometros do "Grande Canal". Tive ainda tempo de entrar, de passagem, no "Palacio "Papadopoli", moradia de familia aristocratica e propriedade, hoje, dum deputado e dum senador, que diariamente se violentam (como isso compunge!) cobrando entrada nesse edificio quatro vezes secular, mas ainda tão somitico!

Obras de entalhe excellentes. Soberbos medalhões. Bellissima louça oriental. Veneraveis velludos. Um candelabro antigo, de cristal de rocha, primorozo. Armarios edozissimos. Mas: mezas modernas, luz electrica e um as-



censor. Um aparelho telefonico, ainda! Só faltou um automovel.

Academia de Bellas-Artes — Março, 16.

— Quem vem de Roma e Florença sente empachos para admirar, nas vinte salas da “Academia de Bellas Artes”, a repetição dos temas e dos feitiços do XVI seculo.

O terceiro original da “Ascensão da Virgem” de Ticiano obriga lembrança daquellas segundas estréas da atriz Fulana de tal, annunciadas na quarta pagina dos jornaes de 1869 no Rio de Janeiro. Da nova edição, correta e diminuida, do “Adão e Eva” de Tintoreto, porém, só ha a dizer elogios. Rocco Marconi engordou Cristo antes da inhumação; maior, porém, fosse o seu delito artistico, e todo se lhe deveria perdoar deante daquella cabeça da Magdalena, cabeça perfeita, encantadora, mesmo quazi de frente como foi imaginada e realizada. Na “Ceia” de Veronezo, Jeruzalem corrige a historia mostrando sinos e varias igrejas.

Na escultura, porém, ha muito que ver e aplaudir. Bastariam “Dedalo e Icaro”, no momento em que o pai recommenda ao filho cautela nas alturas, para a competencia de Canovas, mais uma vez, se impor como um axioma.

— Impressão inesperada e especial: dos tres maiores artistas da Renascença fui encontrar, numa saleta lateral, estudos á penna. Ignorava-os. Gracioso, Rafael; satirico, Lionardo; nervozo, Miguel Angelo. Outro e maior inesperado: superior aos tres, no genero, Cezare di Cesto, inexcedivel, quazi reunindo (no genero, repito) o merito daquella triplice culminancia do sentimento!

No Lido.

— E' o Guarujá de Veneza. Mas um Guarujá com trinta hoteis abertos e oito por abrir; com uma empreza balnearia amiga da limpeza e não inimiga da modicidade nos



preços. Tudo alli é progressivo, asseiado, bonito. Inglezas pudibundas, allemães rubicundas, hollandezas iracundas e até portuguezas furibundas não conseguem diminuir a delicia desse arrabalde veneziano.

Dir-se-á mesmo que a magia do local transmite aos que o procuram meiguice e serenidade. Vi uma franceza, relativamente socegada, distribuir doces aos filhos, tres loirinhos vivazes, enquanto o marido, concizo, cortez, me vendia "pour le quatriéme prix", duas estatuetas de marmore de Carrara.

Ida e volta oferecem panoramas lindos. Povoação contente e que contenta a quem a vê, esse "Lido" que tem todos os elementos para progredir. Daqui, do fundo do meu "diario" é com a maior sinceridade que a minha saudade lhe diz: "cresça e apareça".

Balanço de Contas.

A fizionomia do veneziano é característica: não a tem. A mulher não é bella nem feia; nem triste, nem alegre, o homem. Não encontrei em Veneza uma pessoa chorando, nem unia rizada disponível. Vive-se bem, indiferentemente bem, nessa cidade de quazi duzentas mil almas, das quaes nem uma parece dezalmada pois as cadeias, pouco frequentadas, disseram-me, mal asseguram, a carcereiros e respectivas familias, caza, comida, roupa lavada e engommada.

Basta aos domingos não cair pingo de chuva para, como em Roma, dois terços da população irem para a rua. Povo! Povo a fazer suspeitar que não ha nesta terra medicos e farmacias. Ruas largas; rarissimas carruagens; bonde electrico algum tanto constrangido. O canal e a gondola são estrada e veiculo indestronaveis. A' praça de S. Estevão, pequena, assejada e bonita, é inutil ir aos domingos; fazem-na, então, propriedade da meninada collegial que alli estabeleceu e consolidou, hebdomadariamente, o jogo da bola, a cujas peripecias o veneziano assiste com pachorrento dezinteresse.



Tres jornaes — o liberal “Adriatico”, a conservadora “Gazeta” e a independente “Gazetinha” — agridem um vespertino clerical que se diz “Defeza”. Não é, porém, uzual a leitura desses jornaes. Por habito, espera-se á tarde o trem de Milão e compra-se o “Seculo”, ou de preferencia o “Correio da Noite”, cuja leitura tambem não é uzual.

Como explicar o quietismo dessa gente? Não se trata de indolencia, menos ainda de fleugma; trata-se dum cazo de bom humor, dum fenomeno de tranquillidade generalizada, rezultante quiçá de variadas confluencias historicas, afastadas umas, outras muito proximas. Pezo de tradições, cansaço civico, bem estar, honestidade administrativa, tudo isso e mais fatores devem ter conecorrido para que Veneza dê a idéa dum logar de repouzo. Dorme-se perfeitamente, mesmo nas suas ruas de maior movimento, mesmo perto dos mais percorridos canaes.

Mas para que irritações si a cidade é tão bem governada? Molhada por tantas lagoas, não acolhe febres, não tem mosquitos! Porto pequeno, não ótimo, porém otimamente balizado, não inscrevendo ha muitos annos no seu passivo noticia dum dezaestre. Assistencia hospitalar a melhor da Italia, e das melhores do mundo. Nos seus setenta e cinco hotéis de primeira e segunda ordem deixa o estrangeiro, de Março a Setembro, mais de dez mil contos de réis.

E' natural que se não amotine um povo que só tem motivos para dar “apoiados”.

Demais, e a explicação póde servir em falta de outra: terra plana é quazi sempre terra calma. Em Veneza, por mais que a gente procure, não acha uma montanha. A planura chega ás vezes a enganar a perspectiva. Da baixada do Jardim Publico, a cem metros de distancia, os homens só aparecem da barriga para cima. A esses nem as revoluções de ventre são permitidas.

— Adeus, Veneza. Continúa a bem proceder. Ninguem perde por não fazer barulho: a policia existe.

Em Milão — Março, 17.

— O primeiro dever de quem chega a Milão é evitar o "Palace-Hotel"; o segundo é ir embora.

— Fatigado. Seis horas de monotonia através duns terrenos chatos onde o pedregulho brota; dentro do vagão uma franceza, postiça de cabellos e de trinta annos interminaveis; fóra, felizmente em vizão rapida como o trem, os dois açougues — Arcole e Montebello — que, com intervallo de sessenta e tres annos, tiveram, batido e abatido, o gado austriaco.

Chego. Ruas muito grandes, praças larguissimas, muitas estatuas, cazas enormes, movimento, commercio. Pequeno Paris, consentem os milanezes que lhe alcunhem a cidade.

... que os carregue!

— Humidade. Choveu de manhã. Peço um guia para, como costume, buscar uma primeira e generalizada impressão (Descartes: primeira regra do "Metodo"); não ha guias em dia de chuva. Porque? Misterio. Guio-me ao celeberrimo "Teatro Scala". Fechado. Porque? A pergunta é inutil: as portas não respondem. Passa um carro. Chamo-o. Está ocupado. Aceno com o guarda-chuva e com o lenço; vêm dois carros ao mesmo tempo. Debate incipiente. Gratificações.

Ora... que os carregue! Arranjo, afinal, um carro.

— Il Duomo.

— Só as cinco portas da "Catedral" atenuariam o crime duma viagem a Milão. Das fachadas que tenho visto nem uma é mais complicada, mais rica de senas, mais superabundante de fisionomias a memorarem trechos biblicos, milagres, legendas.

Colossal, o monumento! Planejou-o Arler, um germanico; e, por mais que a imaginação latina lhe alterasse a arquitetura, persiste o gigantesco do primitivo plano. Cabem-lhe dentro trinta e duas vezes a população de Itobi. Das suas duas mil estatuas — numero que a confiança que tenho em tudo quanto ouço me dispensou de verificar — uma, lá em cima, á direita, a de Napoleão I., tem o incontestavel dever de alli não estar; outras — as de Adão e Eva, por exemplo —, desmedidas de tamanho, não podem deixar de ser discutíveis quanto á semelhança com os respectivos modelos.

Terrassos e mais terrassos. Profusão de escadas, Marmore, muito marmore, tudo de marmore.

— Aproximamo-nos: um padre moço e eu. “Que me não atrapalhasse com o estilo gotico-lombardo da maior construção em marmore que o mundo vê, viu e verá; que me não passasse innotada a diversidade de capiteis; que “S. Pedro em Roma” era igreja mais rica porém não mais bella; que...” e num compartimento lateral me foi o simpatico joven mostrando oito santos, tamanho natural, em prata, um dos quaes, Burromeu, pelo significativo nome me ficou gravado na memoria. Pedi-lhe que, conhecedor que era do “Duomo”, me mostrasse alguma coiza mais, lealmente se entregando minha curiosidade aos alvedrios do seu gosto. Feliz inspiração!

Extaziei-me diante dos trabalhos de Fontana calcados nos dezenhos de Miguel Angelo. A despeito da exiguidade da luz, mal inevitado em quazi todos os templos italianos, tive-os em mão, fixando-os, admirando-os, dezenhos á penna de Benevenuto Cellini. Vagarozamente, commodamente, olhei, olhei bastante as janellas que ficam ao fundo, cada uma do tamanho das cazas de Jacarépagná, mas com dezenhos preenchendo todas as vidraças, e um delles — Job abraçando hospede que se despede — excelente na combinação do azul suave com um vermelho que arde! O famoso “Candelabro de Nuremberg...” Mas começa a escurecer. Um boni chefe de familia se recolhe



cedo. Hei de voltar ao "Duomo" quando voltar a Milão; hei de voltar a Milão quando voltar á Italia. Hei de voltar á Italia quando voltar á Europa.

Mãos á palmatoria.

— Errei. Como me enganavam as apparencias! Errei, confesso-o. Quarto pequeno, tapetes velhos, nada de pressa, corrimões ensebados induziram-me a sentenciar de pessimo o gerente do hotel, pacatão inabalavel, e afinal de contas um generoso bem intencionado.

O homem levanta-se ao ver-me, e, com a mais amena das blandicias, aviza-me de que já dera todas as providencias para que amanhã ás 8 horas tenha eu os meus dois bilhetes de ida para Lausanne.

Alma bem formada! Melhor dos gerentes europeus! Adivinhando que eu saira do Brazil sem o minimo dezejo de aborrecer-me, espontaneamente me ajudou a fugir d'elle e de Milão. Que S. Onofre te proteja, magnanimo gerente, enquanto te não envio uma saca de café escolha, ou um soneto, ou outra coiza que eu não digo.

Recopilando.

— Vi bazilicas em Roma. Vi movimento em Napoles. Vi ruinas em Pompéa, arte em Florença, gloria em Bologna, historia em Veneza, arquitetura em Milão: mas o que em toda a Italia eu vi foi a Italia.

Na possivel derrocada das patrias será ella a ultima a desaparecer. A italiana é bella, o que constitue uma resistencia; o italiano é resistente, o que constitue uma belleza social. Não ha na peninsula rivalidades municipaes, emulação de zonas, rixas de logarejos. O cazo, essencialmente paulista, da briga Itú—Sorocaba é por completo ignorado de Tarento aos Alpes.

Na Italia a Monarquia profundou raizes. O nome de Vitor Emmanuel I traduz um simbolo nacional. O soberano reinante é estimado; a rainha é adorada. Só uma

revolta de quartéis, para crescimento de soldos, fato que em nem um paiz da Europa a dignidade popular toleraria, poderá derruir as instituições vigentes.

Ao redor das cidades, repletas de monumentos outr'ora investidos pela artilharia pedestre, vão surgindo cazas leves onde as fabricas funcionam, as industrias se desenvolvem, os batallhões do trabalho se afileiram e a civilização substitue pelos combates da concorrência os morticínios do passado. Certo, a tuberculoze enche, nos cemiterios, os claros deixados pela retirada da catapulta. Mas ao lado da fabrica e da molestia ha a plantação do cereal, abunda o trigo, floresce a vinha; e essa evolução trará definitivamente, quaesquer que sejam as alternativas intermediarias, o predominio da paz e da ordem.

Não ha, porém, gestação sem perda, produção sem dor. Gerando a Italia politica, expira a Italia artistica.

Parodiando os quatro seculos fundamentaes da civilização hellena, os tres da Renascença repetiram, na Italia, as discordias, as dezavenças, sobretudo as divizões territoriaes da Grecia polipartida. E á proporção que tocavam á realidade, impostos pela logica dos acontecimentos, os sonhos de Petrarca e os designios geniaes de Dante; quando, retardada de seculos mas inevitavel, a unidade italiana se foi apropinquando, também se foram lentamente despedindo da alma italiana a muza de Leopardi e as harmonias de Verdi. Muito, muito dificeis de conjugação os regulamentos administrativos e a autonomia da genialidade.

Foi sempre assim. A Egreja Catolica, o maior exemplo da unidade, em vinte seculos não teve uma descoberta sientifica. O extremo oriente, quando dividido, produziu Lau-Tsé, Confucio, Mencio; unida, centralizada, militarizada recentemente, a China desterra e exclue Kang-You-Wei!

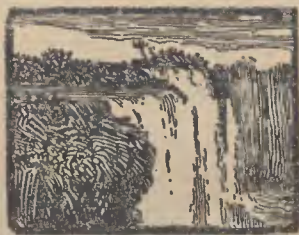
A arte é a expressão da natureza, e a natureza (o optimista Leibniz teimou nisso mais de vinte vezes) nunca foi uniforme. Não convivem dois predominios. Não se

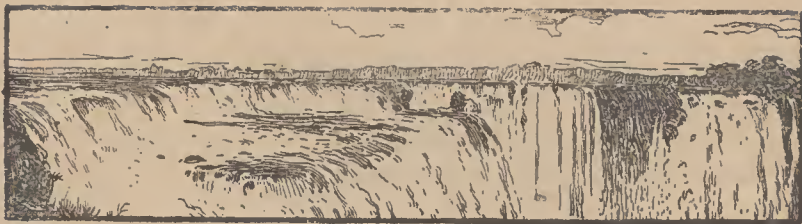
hãõ de compatibilizar unidade italiana e arte italiana, realizando aquella todo o seu programma e mantendo esta a sua tradicional supremacia. "Ceci tuera cela".

Renasce Roma? Atenas estrebucha.

(*Continúa*)

MARTIM FRANCISCO





PSYCOLOGIA PEDAGOGICA ⁽¹⁾

“HARPA IMMENSA...”

Corria o mez de Maio de 1899.

Carducci, com seu rancho de amigos, assentára tendas no Café Galvani. Entre estes, havia literatos, poetas, um ou outro advogado, raramente algum medico. Os tempos favoreciam as pesquisas relativas á fina tessitura do systema nervoso. Aos classicos estudos de Tamburini e de Bianchi sobre as localisações cerebraes, se juntavam as originaes descobertas de Belmondo sobre as cellulas nervosas da medulla espinhal e as decisivas conquistas de Golgi com suas novas e geniaes applicações de coloração dos elementos histologicos nervosos. Já não era o entusiasmo commum, que as novidades despertam nas almas delicadas, mas um verdadeiro delirio que estimulava a um trabalho febril tantos cultores das sciencias biologicas.

Erguera-se uma nesga do manto que recobria o maior segredo do mundo e havia desejo de arrancar-o por completo.

Pretensão desmesurada? sonho de loucos? Sim — tudo o que quizerdes: mas “bemdita pretensão” — digo eu — pois que a ella sómente devemos as maravilhosas descobertas da physiologia cerebral, que tantas fadigas, tantos heroismos custaram a uma pleiade de pesquisadores geniaes. A esses delirantes entusiasmos agradece a sciencia hodierna as suas conquistas...

(1) O presente artigo foi vertido do original italiano pelo professor Adaigiso Pereira.

*
* *

A psychologia experimental dispunha de um canto apreciavel de actividade no gabinete do phrenocomio de Reggio-Emilia. Todos os psychologos de Italia passaram por aquella gigantesca officina. A psychologia estava no seu periodo de formação, periodo epico, e tambem nós — a certos respeito — viviamos a vida dos rhapsodos! Cincoenta kilometros divididos entre manhã e noite e as visitas medicas realizadas ao alvorecer ou ao lusco-fusco me permittiam gosar alguma vez a vida da sciencia.

Eu vivia então — medico num valle bolonhez — com os olhos em Reggio. Estava alli — para mim e para outros ainda — a maior fonte de alegria, o verdadeiro centro de luz!

Com a mente repleta desse sacro enthusiasmo, certa noite perdi o trem e vi-me obrigado a pernoitar em Bolonha. Onde ir? Ao Café Galvani, sem duvida.

Enthusiasta de tudo o que cheirava a mocidade, disse-me o advogado Bojardi, ao ver-me chegar:

— Com que então estamos em vespervas da descoberta da alma! O rancho circundou-me de perto e me incitou a falar.

E sobre o marmore da mesa comecei então a mostrar os desenhos que, de mão em mão, illustravam as minhas descripções. Eram neuronios, eram cellulas pyramidaes que, com suas ramificações, se punham em contacto com outras cellulas, eram secções da camada-cortical que se mesclavam a emmaranhamentos de fibras! Que cahos! Depois, comparei o cerebro a um mecanismo com rodas, engrenagens, cadeias de transmissão, campainhas electricas para avisos, para ordens e assim por diante, sempre buscando comparações suggestivas.

E todo o rancho attento, sem pestaejar...

Então, para reforçar a theoria, lembrei um caso pratico:

— Este centro do ouvido é como uma roda que gira quando as imagens sonoras são evocadas pelo estro musical...

— Ahi está uma roda que me falta ao mecanismo, interrompeu Carducci.

— O centro graphico, continuei, é estimulado por imagens gra-



phomotoras e guiado pelo sentimento esthetico para as artes figurativas...

— Ahi está outra roda que não tenho, tornou ainda o Poeta.

Ninguem ignora que Carducci não sabia desenhar e que, em materia de musica, não ia além do hymno de Garibaldi.

Tentei um terceiro exemplo, mas foi inútil: Carducci, erguendo-se com uma bonacheirona expressão de commando, volveu-me:

— Basta! não continue... Aliás, me convencerá de que o meu cerebro não tem uma roda sequer!

Dada meia-noite, acompanhámos a casa o mestre e, ao deixar-me, tornou-me elle:

— Bravo! Vá tambem a Reggio, e quando houver descoberto quem dá corda ao relógio... mental, venha dizer-m'ó!

São passados annos, os estudos progrediram muitissimo — mas... ainda se não descobriu o relojoeiro.

*

* *

A' parte estas recordações pessoais — que portentoso apparelho encerra o estojo craneano! Milhões e milhões de cellulas, uma ao pé da outra, como num mosaico, todas em communicação entre si — ainda as mais distantes — por meio de subtis filamentos brancos: as fibras nervosas. E todas estas cellulas estão collocadas em torno á periphéria da massa cerebral. São como as estrellas que envolvem o nosso globo. Verdadeiramente, são os astros da nossa mentalidade! Se movemos um dedo, é porque um grupinho de cellulas se pôz em vibração por ordem da vontade; se procuramos em nossa memoria uma descorada recordação, é a nossa consciencia que, penetrando no armazem das recordações — os psychologos lhe chamam o centro da memoria — examina uma por uma todas as cellulas, até encontrar a que contém a recordação buscada, e a arrasta para fóra...

Falamos, escrevemos, caminhamos, pensamos? — para todas estas varias acções ha um grupo de cellulas: encarregam-se de executal-as. E os grupos não se confundem e se dividem entre si e occupam um posto estavel e fixo. E' possivel? Decerto: nem ha sobre isso a menor duvida. Quando a impressão da

"rosa" nos eae sob os olhos, estes a transmittem ao centro visual, que está situado nos lóbos occipitales do cerebro. E' erro pois

dizer: "eu vejo com os olhos" porque os olhos não vêm, transmittem apenas a impressão.

O mesmo diremos de todos os outros sentidos, os quaes têm um centro proprio.

Se imaginarmos o cerebro visto em projecção, como na figura seguinte, então não será difficil perceber os prin-



cipales centros sensoriaes. No alto, o centro do tacto: todo o contacto, delicado ou grosseiro, nelle se vai fixar.

Sob o centro do tacto, na região das temporas, encontramos o centro do ouvido; mais abaixo, no bulbo raebidiano ou medulla alongada, o centro das sensações fundamentaes da vida organica: o prazer e a dôr.

Mas estes são sómente os centros das duas fórmãs de sensibilidade: a externa e a interna. Na chamada cortical (substancia cinzenta) encontramos ainda os centros que dirigem os movimentos das nossas mãos, das pernas, dos museulos do rosto, de todos os outros, em summa.

Estas duas erianças me dão a opportunidade de illustrar duas acções algum tanto diversas.

Observar a da esquerda.

Na direeção dos olhos e na parte posterior do craneo, está o centro da memoria visual. A eriança esereve a palavra "rosa", por exemplo.



Do centro da memoria visual, o estimulo, dirigido pela vontade, vae fazer vibrar o centro grapho-motor, que está por traz da fronte; deste centro parte uma ordem para um centro executivo da referida ordem, que se localisa na medulla espinhal, e, deste ultimo centro, aos musculos da mão e da vista, os quaes escreverão "rosa".

Assim se realisa a acção.



Mas, na mente dessa criança, a imagem da "rosa" desperta outras visagens de cor e de perfume, as quaes se ligam aos dois centros mediante fibras associativas.

Vejam,os, porém, mais claramente este mecanismo de associação.

A, B, C, D, são quatro cellulas nervosas, ehamadas neuronios, formadas por uma dilataçãõ ramificada e por uma fibra longa cuja extremidade tambem se ramifica. Supponhamos que A seja uma cellula do tacto e que em O, S, venha a pousar um mosquito. Que succederá? A impressãõ de prurido é transmittida, por meio da fibra A á cellula B, que se acha na medulla espinhal, e desta



a C, C, que é o centro cerebral do tacto. Deste parte a ordem de enxotar o mosquito, ordem de que se incumbem a cellula C, que, percorrendo um caminho centrifugo, transmite a ordem á cellula D. Mas esta se expande nos musculos da mão e fal-a contrahir-se, isto é, obriga-a a executar o gesto necessario para afugentar o importuno insecto.

*
* *

Na vida, cada um de nós faz o seu officio, pratica a sua arte, segue a sua profissão; por outros termos — realiza actividades manuaes ou espirituaes que requerem a acção de um ou mais centros cerebraes.

O colono que colhe o café executa uma acção muito simples. Bastam-lhe os olhos para dirigir as mãos, e o centro do movimento destas para apanhar o fructo. E' um acto puramente mecanico. Com o habito de realisar esta acção os centros que interveem a dirigil-a se associam, se harmonizam e, depois, com a continuidade, se tornam mais aptos para a acção que optimamente effectuam.

Assim o operario, que desde criança se habitua a bater o malho na bigorna, terá, com o exercicio, bem desenvolvido o centro dos movimentos dos braços e das mãos; o soldado, affeito ás marchas, á corrida, juntamente com a agilidade dos braços para as manobras



da carabina, deverá adquirir uma decisiva gallardia nos movimentos dos membros inferiores.

Não basta, porém. As virtudes somaticas não fazem por si sós o soldado. Ellas devem harmonisar-se com qualidades sentimentaes ligadas ao altruismo, á obediencia, — mas para estas não organisei, neste artigo, o substracto material.



Os dois jovens indianos que aqui estão e que fazem pontaria com o arco — que centro farão funcionar?

Os centros visuaes, necessariamente, e todos os do movimento. Digo todos, porque nelles entram as attitudes do corpo, unidas ás dos braços e das mãos.

E assim, passando destas actividades de movimento dos grandes grupos musculares aos movimentos menores, mais delicados do larynge e das cordas vocaes, será facil fazer um juizo de mecanismo physiologico-cerebral de um cantor.

O centro do ouvido estará em intima relação com o centro do movimento do orgão da palavra, centro descoberto por Broca e que se encontra na terceira circumvolução frontal ascendente.

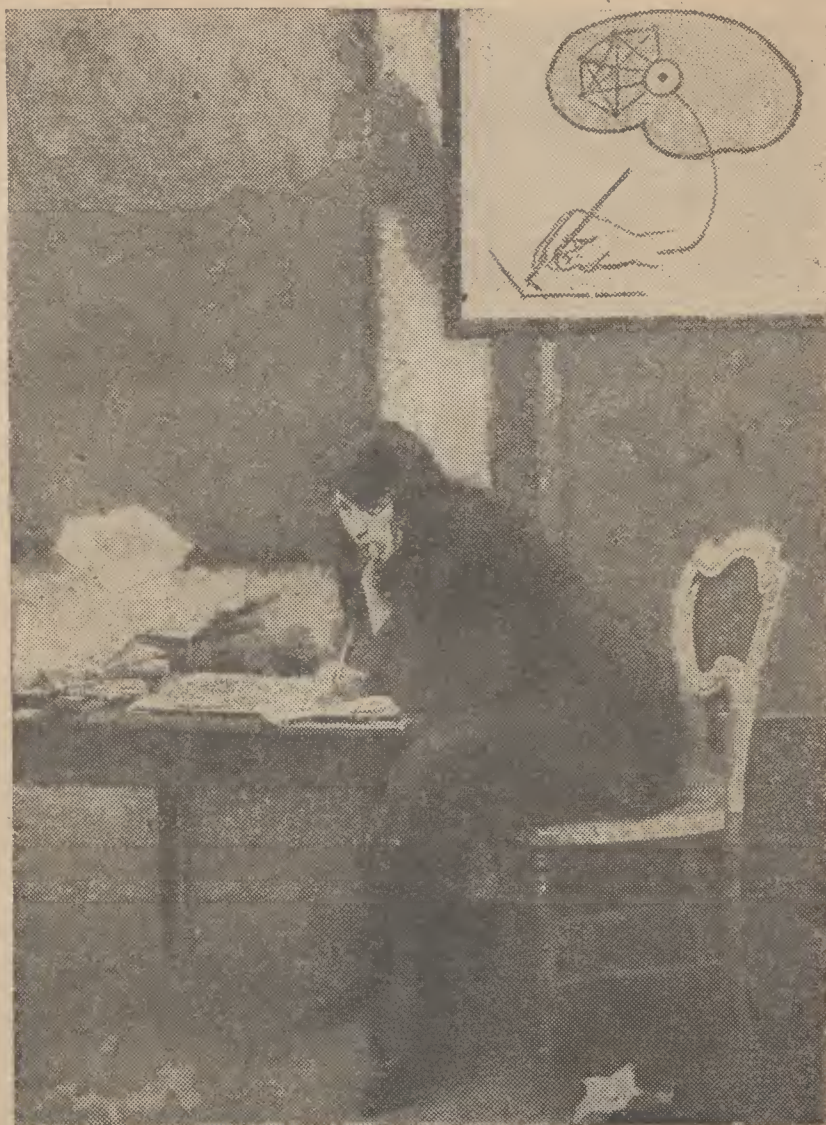
Isto para os cantores como simples executores, pois que muito mais complicado é o mecanismo no cantor creador das notas que elle proprio executa. Em Rouget de Lisle, por exemplo, que, num momento de profunda emoção esthetica encontra o motivo da Marselheza, aos centros nervosos das acções materiaes se associa a vibração delicada dos centros da paixão, que com toda probabilidade estão localizados na medulla alongada.

O pensamento profundo, a grave especulação, que precede ou



acompanha um trabalho de raciocínio, não é por certo obra dos centros que acima estudamos.

Aqui, o movimento é todo íntimo, se desenvolve em vibrações



internas, endo-cerebraes, com trocas de oscillações entre os centros mais elevados do pensamento, entre os centros associativos, ideativos, da abstracção, da razão. O campo de acção destas



fórmãs superiores de elaboração intellectiva escapa ás pesquisas do physio-psychologo. Acredita-se que sejam as regiões frontaes do cerebro que se incumbem da criação das obras da intelligencia, mas não ha nada positivo. Os microcephalos, com frontes fugidias, têm o cerebro, na sua parte frontal, muito adelgado e não dispõem de intelligencia. Mais: as molestias que atacam isoladamente essas regiões do orgão do pensamento, profundamente o ferem mesmo em suas funeções. Os traumatismos, os ferimentos, as commoções que compromettem a contextura morphologica dessas circumvoluções frontaes prejudicam seriamente as manifestações do intellecto.

Por ultimo — nos advogados, muitas zonas cerebraes são postas em jogo. Centros associativos, centros sentimentaes, ligados entre si, devem fazer perfeita equação com os centros da lingua-gem e da mimica.

Se prevalecem estes ultimos sómente... então, em vez de advogado, teremos um palrador, um tagarela, um charlatão.

*
* *

Tornando ao principio, passados poucos mezes, encontrei-me de novo com Carducci. E como eu continuasse mais entusiasta que d'antes, lhe disse :

— Professor, porque não toma por thema o maravilhoso mechanismo do cerebro para entoar um canto digno desse prodigioso phenomeno ?

— E' grandioso — tornou-me elle — é bello, bellissimo, esse gigantesco instrumento musical! Perfeitissima... bella, esta... "immensa harpa" de cordas nervosas, que vibra ao tanger dos affectos humanos!

E todo se concentrou em profunda meditação...

UGO PIZZOLI,

da Universidade de Modena.



PAIZ DE OURO E ESMERALDA⁽¹⁾

III

Era um homem singular o doutor Strauss. Medico, mas acima de tudo grande sonhador, emigrara para o Brasil, fazia quinze annos, estabelecendo-se a principio em Santa Catharina, onde desposara uma compatriota já entrada em annos e que havia nome *frau* Mathilde. Mais tarde transferira-se para S. Paulo, a convite de um amigo, tambem allemão, sequiosos ambos de terem com quem trocar idéas sobre a essencia do universo e os grandiosos destinos do povo de senhores a que tinham a gloria de pertencer.

Em chegando á Paulicéa, fôra viver á rua Aurora, paredes meias com o outro. Quebraram, porém, com a velha amizade, não havia muito, por causa da irreductibilidade das doutrinas philosophicas que professavam. Doutor Strauss entendia que a maior obra de Kant era a "Critica da Razão Pura" e que o mestre cantára a palinodia com a sua moral baseada no imperativo categorico. O companheiro, ao contrario, teimava em convencel-o da unidade e da harmonia de todos os ensinamentos do philosopho maximo. Disentiram, beberam e sonharam

(1) Vide numero de Dezembro de 1918.



juntos durante quatro longos annos e alguns mezes; mas, como nenhum delles cedesse terreno, capacitaram-se de que a lei superior a que cada um devia obedecer os obrigava a um rompimento definitivo e separaram-se corajosamente; consolando-se com a idéa de que talvez existisse immensa orbita sideral na qual estivessem comprehendidos, quaes curtos segmentos, os caminhos aparentemente oppostos que tomavam as suas profundas meditações. Não era a primeira vez que dois grandes alemães sacrificavam a amizade a exigencias de ordem puramente intellectual. Bem o sabiam elles, e foi com secreto e justo orgulho que repetiram os gestos dos seus illustres antepassados Wagner e Nietzsche.

Doutor Strauss poz-se então a procurar uma morada socegada, onde pudesse dar livre curso aos seus sonhos metaphysicos. E teve então noticia, por um annuncio inserto no "Estado", do afastado *chalet* cujos apartamentos de baixo os irmãos Orsini queriam alugar a um casal sem filhos, com a condição de fornecer-lhes refeições nos dias em que não precisassem ou não desejassem sair de casa. E como a vivenda correspondesse justamente aos intentos do medico, foi logo escolhida.

Eis como Leonardo e Angelo se tornaram amigos do doutor, embora este nem sempre pudesse ouvir sem contradicta a entusiastica exposição das utopias sociaes do primeiro.

O tudesco, desde o começo, descobrira em Angelo, por causa do seu natural taciturno e melancolico, um pobre doente em quem se propunha experimentar a applicação de um engenhoso methodo de reeducação. Consistia a cura em inocular-lhe no espirito umas tantas cousas que elle chamava com prazer idéas-forças, transmutoras da sensibilidade... Mas, ao cabo de algum tempo, declarou-se a fallencia, em semelhante caso, do tal processo, e o moço foi conscienciosamente classificado sob a rubrica dos "destinados a perecer" — o que não tolheu que continuassem entre ambos as mais estreitas relações de amizade.

Acontecen, porém, uma cousa que veio transformar em poucos dias o moral do jovem italiano. Strauss, que havia tra-

tado do coronel Vieira curando-o, segundo diziam, de grave enfermidade, tornara-se não só seu medico permanente, senão tambem frequentador assiduo de sua casa, aonde ia quasi todas as noites ora só, ora em companhia de *frau* Mathilde. As meninas recebiam-n'os com extremos de gratidão, e o velho — não ha encarecimento que pinte bem a realidade — nutria pelo doutor uma verdadeira adoração.

— Porque não levamos de vez em quando o snr. Angelo á casa do coronel? propoz um dia ao marido entre timida e maliciosa a risouha e gorda Mathilde.

Strauss pensou de si para consigo que o methodo de cura lembrado pela mulher talvez fosse mais efficaz do que a systematica inoculação das idéas-forças.

Assim fizeram — e ao cabo de alguns dias insolita exaltação succedia ao abatimento e melancolia do costume. Angelo trocara-se inteiramente. Animara-se e transfigurara-se... Agora fallava muito e tinha expansões que se lhe não conheciam dantes. Ria ao menor gracejo, contava aneddotas, chegava até a esutar com prazer a flauta do medico. Porque Strauss adorava a musica e todos os dias, infallivelmente, alli pela volta das nove horas da manhã, antes do almoço, não deixava de tocar uma ariazinha, lembrando-se talvez, a imitação de Schopenhauer, de que a emoção musical é uma communição da realidade metaphysica do universo...

(*Continúa*).

J. A. NOGUEIRA



UM ALBUM DE ELISA LYNCH

IV

Apesar da subserviência geral na nação paraguaya pôde Heitor Varela verificar quanto entre as senhoras da melhor sociedade de Assumpção reinava, profundo e rancoroso, o odio a Elisa Lynch, com quem recusavam entrar em relações. Falavam acerbamente da cortezá, muito embora a tremer de medo, acompanhando-as nesse temor, os circumstantes que geralmente pediam, com a maior instancia, se mudasse o assumpto da conversa.

Voltando a visitar Lopez teve Varela a coragem de lhe falar com a maxima franqueza acêrca da oppressão paraguaya. Retrucou Solano vivamente e entre as suas ponderações fez acerbos criticas á "supposta" liberdade argentina. Não fôra tão sanguinario, seria Rosas o governador ideal para a Republica Argentina avançqu. Depois de uma serie de phrases ditadas pela colera declarou-lhe preemptorio: Meu pae está velho e sua vontade e a dos meus compatriotas é que eu o substitua no supremo mando da nação. Neste dia farei o que elle, apezar dos meus conselhos, não tem querido. O Brasil e vocês argentinos cubiçam o Paraguay. Temos, porém, elementos sufficientes para resistir a ambos. Não esperarei, porém, que me ataquem: hei-de ser o agressor. Ao primeiro pretexto que me dêem, declararei a guerra ao Imperio e ás Republicas do Prata. Não poderei garantir a independencia e segurança do Paraguay sem abater, antes, a preponderancia do Imperio e das republicas platinas. Para quando chegue o dia comecemos a nos preparar... Impressionou-se com estas palavras, e tanto, o publicista argentino,

que, ao voltar a Buenos Ayres, as relatou por miúdo aos homens mais eminentes do seu paiz como o então presidente Alsina e o general Bartholomeu Mitre.

Não deixou Lopez que o interlocutor partisse sem lhe perguntar se conhecia Elisa Lynch a quem classificou *viajera inglesa distinguida de una solida instruccion*.

Dias depois passeando Varela pelos arredores de Assumpção, em companhia de alguns compatriotas, teve a occasião de encontrar ao longo do Paraguay numerosos bandos de banhistas em trajos paradisiacos. Por elle cruzou então a galopar num soberbo corcel, que guiava como verdadeira amazona Elisa Lynch, maravilhosamente vestida e indifferente ao espectáculo proporcionado por aquella scena frescal. *Elle en avait vu bien d'autres.....*

V

A Orion coube o ensejo de frequentar um dos estrangeiros que viviam prisioneiros com menagem no Paraguay, facto este comeseinho no paiz, desde que Francia o transformara em carcere de homens como Aimé Bonpland e Artigas. Era elle um hespanhol, homem de letras, certo Don Ildefonso Bermejo, que a conselho de Solano Lopes viera estabelecer-se na Assumpção. Pessoa muito instruida tivera logo mil occupaões, fôra nomeado director da Escola Normal da Imprensa Official e redactor chefe do famoso *Semanario*. Haviam-lhe promettido mundos e fundos e faltavam-lhe, os Lopez com a palavra; Era miseravelmente pago e matavam-no de trabalho. Verdadeiro prisioneiro do Paraguay seguidamente lhe davam mil encargos; entre estes o de construir um theatro e o de preparar e ensaiar uma troupe de actores paraguayos, apanhados a laço, chucros e boças.

Após insano trabalho fizera o pobre Bermejo o seu pessoal decorar uma zarzuela: *O valle de Andorra*, peça com que se inaugurou o theatro, justamente no anno de 1856. A este magno acontecimento accudiu a sociedade paraguaya em peso. No camarote de estado destacavam-se Carlos Lopez, a mulher, os dous filhos, Francisco e Venancio e as duas filhas. Em frente do camarote presidencial Elisa Lynch. "Cora Pearl, a mais celebre cortezã parisiense de então, não se teria apresentado mais bem vestida, nem mais luxuosa e elegante, na Grande Opera".

Contemplavam-na os homens com certa admiração respeitosa. As senhoras, sobretudo um grupo, á esquerda, na platea, deitavam-lhe olhares cuja expressão não era exactamente a de uma terna sympathy.

A mais curiosa figura do theatro era, sem duvida alguma, a de Carlos Antonio Lopez, disforme de gordura, mammothico. A "cabeça

completamente unida ao rosto proseguia numa immensa papada, sem linhas nem contornos e como que tinha a forma de uma pera. Cobria-a colossal chapéu de palha, com quasi um metro de alto, verdadeiramente caranavalesco na sua feição de Kiosque.

Comportava-se a assistencia como se assistira, compungidissima, ao mais solemne dos requiems. Mesmo nos intervallos, apenas, e com difficuldade se percebia o ligeiro murmurio de uma ou outra conversa, iniciada com apparente temor e não tardando a suspender-se.

Reflectia o auditorio a immobibilidade, a impassibilidade do presidente. De repente poz-se elle de pé.

Em massa, como impellida por possantes molas levantaram-se então, e de chofre tambem, os espectadores.

Minutos depois sahia da sala seguido pelos seus pretorianos o "Monarcha das Selvas".

Não lhe ouviu Bermejo uma unica palavra acerca da função theatral e este silencio enfureceu-o ao ultimo ponto, desanimando-o ao mesmo tempo, profundamente. Sua mulher, humilhada e tambem exasperada, relatou então tudo quanto sabia de Elisa Lynch, a quem attribuia em grande parte as attribuições do casal. Tudo isto se devia ao facto de se negar ella, terminantemente, a entreter relações, sequer de cumprimento, com a cortezá, affirmativa. Assim, pois a Snra. Belmejo dizendo-se perfeitamente informada passou a enumerar as seguintes façanhas da amasia de Solano Lopez. Esposa de distincto official do exercito francez, de familia nobre, seguira-o á Argelia quando o seu regimento para lá fora destacado. Linda e elegante, inspirara vehemente paixão a um official superior; pouco depois era sua amante. Um nobre russo de grande fortuna, viajando em Africa pouco depois lhe alcançava tambem as boas graças. Dahi um duello que ao general francez custara a vida; quinze dias mais tarde fugia Elisa, voltando a Pariz, onde se entregava á vida airada. O marido, que fora destacado para o centro da Argelia, viera então buscal-a, tentando regeneral-a. Convencido da triste situação em que ficara ella, se separara afinal e para sempre.

A um lond coubera-lhe a successão. Gastara rios de dinheiro com a formosa compatriota. Fizera-a viajar muito pelas estações de aguas, dera-lhe um hotel em Pariz luxuosissimo, satisfazendo-lhe os mil e um caprichos.

Isto não impedira que o deslocasse um segundo russo, tambem riquissimo, joven principe e Ajudante de ordens do Imperador Nicolau I. Durante quatro mezes viajara Elisa com o seu moscovita pela Italia e Hespanha. Regressando a Pariz, ao seu quartel general, notaram todos que o russo desaparecera. Substituiu-o um conde, francez, de uma das principaes familias de Normandia. Reinava o normando

quando fora Elisa assistir a uma parada no Campo de Marte. Fardado de grande gala figurava Lopez no sequito de Napoleão III. Passou pela fila de carruagens, cruzando a soberba victoria da cortezã cujos magnificos baios, chamavam a attenção geral. Rodeada de galanteadores analysava ella o cortejo, quando um dos amigos, certo argentino, mostrou-lhe o paraguayo. — Quem é? perguntou desdenhosamente. — O filho do presidente do Paraguay e seu herdeiro. Será um dia dono de colossal fortuna — Você o conhece? — Sim. — Então faça-o vir ceiar commigo — Perfeitamente.

Dous dias depois estava Lopez ás garras da irlandeza de quem nunca mais conseguiria desfazer-se.

VI

Um dos espectaculos que a Heitor Varela mais impressão causaram no Paraguay foi a da attitude do povo á passagem do presidente, as demonstrações do mais absoluto servilismo, multidões inteiras prostrando-se de joelhos, ao encontrar a carruagem de Carlos Lopez.

“Os pobres paraguayos hão de morrer todos quando e onde Lopez os mandar matar” reflectia, revassando o futuro.

Bermejo que privara com o presidente, informou-lhe então que este não era propriamente um homem mau. Ao filho, Solano, a quem Lopez I idolátrava, a este sim, cabia a suggestão dos actos de barbaria do governo.

Tinha Carlos Lopez certa instrucção e leitura. Percorria frequentemente as obras de Machiavel e os livros de historia. Acompanhava a politica universal analysando a acção dos governos com grande presumpção e fatuidade, pois, como politico e administrador, julgava-se superior a todos os governantes contemporaneos. Com a maior facilidade lhes verberava os actos. Detestava os Estados Unidos, cujo governo dizia ser uma quadrilha de ladrões e cujos ministros e diplomatas apregoava compraveis por meia duzia de pesos. Vlesse ás aguas paraguayas alguma demonstração naval americana que elle, abrindo a bolsa, saberla arrumar-se com o plenipotenciario e o almirante.

Ao falar destes assumptos exprimia-se Carlos Lopez com relativa calma; bastava porém tocar no nome do Brasil, porém, para que desvairasse allucinado pelo odlo.

Jámais pronunciava a palavra brasileiro; só nos designava pelos nomes los negros ou los cambá (macacos em guarany).

Qualquer nota, vinda do gabinete de S. Christóvam, era motivo para furiosos accessos da colera do tyranno. Poucos dias antes ouvira-lhe



Bermejo dizer ao conselho de ministros : — “Yo no me he ido ya hasta Rio Janeiro porque les tengo lastima a esos macacos : no hay un solo que tenga la figura de hombre. Con diez mil paraguayos yo conquisto el Imperio de Don Pedro. ”

E redobrando de ira acrescentara, sem se importar com o que poderia affectar ao filho.

— Venham estes corruptos, estes cevandijas com a sua esquadra ! eu os espero nas Tres Boccas com a Ingleza. Desde o seu pretenso ammirante até o ultimo mono das suas tripulações todos se hão de entreter com ella a ponto de se esquecer do objecto da expedição ! ”

Tinha Carlos Antonio Lopez verdadeiro odio á sua nora da mão querda. Nunca quizera com ella trocar uma unica palavra e nem admittia que a seu respeito se fizesse a minima referencia, sequer lhe repetissem o nome.

VII

Nas ultimas paginas do seu livro relata Heitor Varela horrivel episodio de que foi protagonista Francisco Solano Lopez : uma tentativa de estupro praticada sobre uma linda rapariga da melhor sociedade paraguaya, Pancha Garmendia.

Don Juan barato, depois de uma serie de facilimas conquistas, “pois poucas eram as que desejava e a elle se não rendiam pelo terror”, cubiçou Pancha, “conjuncto de graça e formosura realçada modos pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos rogaram os paes de Pancha á pobre moça que cedesse; esteve ella a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo peremptorio quanto o detestava por mais que lhe protestasse elle violento affecto.

Assim, pois, repelliu-o violentamente desde as primeiras demonstrações, que se seguiram continuas e cada vez mais apaixonadas.

Afinal, vendo que o objecto dos seus desejos o evitava de todos os modos pediu-lhe Lopez uma entrevista. Espavoridos pediram os paes de Panche á pobre moça qua cedesse; esteve ella a sós com o seu perseguidor e disse-lhe, de modo peremptorio que o detestava por mais que lhe protestasse elle violentamente affecto.

Enfurecido, prometeu-lhe então que se vingaria e retirou-se para, d'alli a uns dias, facto que basta para caracterisar a vida de então no Paraguay, voltar uma madrugada, a assaltar a casa da sua perseguida como o mais vulgar dos satyros. Conseguindo attingir-lhe o aposento não o detiveram os gritos da infeliz que para se defender o mordida desesperadamente com toda a força; pedia a misera socorro lancinantemente, e circumstancia atroz! ninguem da familia, paes e irmãos, reunidos num quarto ao lado, ousava acudir-lhe, tal o pavor inspirado pelo despota.

Afinal ia vencer o fauno, quando Pancha Garmendia, armada com um grande alfinete de chapéu, fundamente o feriu.

Pasmo de resistencia e louco de ira, sacou Lopez do bolso uma pistola e visou a sua victima.

— Atira, miseravel! é o unico bem que me podes fazer! disse-lhe a heroica joven.

Vencido então, e sem retorquir palavra, retirou-se o satyro acabrunhado, pelo jardim por onde passara.

Logo depois entrava no quarto a mãe de Pancha, a chorar convulsamente. — “Perdoá-me, disse-lhe a misera. Prometteu mandar matar-nos a todos se lhe vedassemos o passo”!

Todas as mínucias da repugnante scena, affirma Varela tel-as ouvido dos esposos Bermejo, intimos da familia da desventurada donzella; algumas semanas mais tarde, confirmou-lh’as a propria Pancha.

— “Vingar-me-hei, ameaçava o tyranno ao sahir, se não és minha, jámais serás de pessoa alguma.” Foi então que, exasperado com o insuccesso, retirou-se, para a Europa, onde longo *prazo viveu na maior libertinagem. Voltou com Elisa Lynch que conhecedora do voluvel amasio e receiosa de uma recrudescência da paixão antiga, quiz conhecer Pancha Garmendia. Recusou esta o encontro, altivamente, motivo pelo qual sobre si attrahiu o rancor perigoso e inapagavel da irlandeza.

Alguns annos mais tarde, Lopez que nunca perdera de vista, um dia sequer, a antiga e linda desejada, a quem constantemente fazia espionar, inflingia-lhe, já em tempos dos seus revezes militares, toda a especie de ultrajes. Afinal mandou assassinal-a depois de requintados e longos supplicios!

VIII

Terminou a estada do publicista argentino em Assumpção com uma excursão á colonia Nueva Burdeus, de infelizes immigrantes francezes, localizados a uns sessenta kilometres da capital e á margem do Paraguay. Realizou-se a excursão a bordo de um vapor recentemente adquirido pelo governo de Lopez e transformado em vaso de guerra.

Nelle fazia a sua primeira aprendizagem nautica um coronel de cavallaria! fardado, e exotico ao ultimo ponto, mãos, pés e braços de dimensões pasmosas; cabellos é barba, que eram verdadeiras cerdas.

Ah! se Gavarni e Paulo de Kock o apanhassem! reflecte o viajante portenho. Era o instructor um official francez que lhe mandara repetir os commandos em sua lingua materna, cousa totalmente impossivel ao aspero larynge do paraguayo e provocadora de homericas



gargalhadas dos passageiros. Não insistiríamos acerca do marinheiro de cavallaria ou do cavalleiro de marinha se não fosse para nós muito conhecido chefe Mesa, o vencido de Riachuelo, dez annos mais tarde! Educavam os Lopez o seu futuro almirante! Este incidente bem frisante é de quanto naquelle paiz, unico no universo, e onde tantas singularidades e tantos despropositos havia, quanto contribuiam, de modo capftal, para o descalabro da infeliz e heroica nação, na lucta insana sustentada com a Triplice Alliança, o desvario do orgulho do tyranno. Suppunha o allucinado que a simples designação da sua vontade bastava para crear aptidões e supprir a superioridade dos tirocinios longos.

Sem que ninguem a esperasse, surgiu do camarim Elisa Lynch vestida de seda, com um luxo e elegancia inexciveis, e acompanhada de uma ama que carregava ao collo um menino de anno, parecidissimo com Lopez II e cujas roupas e rendas eram "dignas de um Principe de Galles".

Ao vel-a descobriram-se o chefe Mesa e todos os passageiros presentes com infindo respeito; della se acercaram então alguns dos passeantes. Viu-se Varela em dura contingencia; a senhora a quem acompanhava, uma argentina, recusou-se terminantemente a ser apresentada á ingleza que para os dous olhava com a maior insistencia. Sentindo-se em falsa posição decidiu-se o jornalista, depois de larga hesitação, a saudar a soberana do Paraguay. Recebeu-o esta ironicamente, alludindo irritada á senhora que recusava a sua companhia e, sem a minima cerimonia, despachou os cortezãos paraguayos afim de conversar á vontade. Pareceu ao interlocutor que pretendia debical-o. Estomagou-se e, resolvendo responder-lhe no mesmo tom, perguntou-lhe á queima roupa: se algum dia havia amado?

Provocou a questão interminavel descurso da ex-lorette em que lhe narrou a vida, a disseccar-lhe o coração e a explicar-lhe a complicada psychologia do ser.

Exprimiou-se eloquentemente, expoz-lhe os embates d'alma com verdadeira paixão. Incontestavelmente, reflecte o interlocutor, tinha en deante de mim uma mulher de intelligencia superior — Acabou Elisa o seu discurso a enxugar lagrimas; precisava de um desafoço como aquelle que tivera, declarou. Desde muito tinha a alma enferma e ninguem que a consolasse.

Seria esta scena um tributo á verdade dos factos ou pura comedia da cortezá, habil em fingir emoções e sentimentos? Pareceu a Varela mais plausivel a primeira hypothese.

Cessando as suas expansões sentimentaes, mandou Elisa aos lacaios que offerecessem as fructas e os vinhos de tres riquissimas bandejas á dama argentina. Persistindo na imprudente ativez, de-

monstrada desde o principio, voltou a obsequiada as costas aos creados.

Uma expressão de desvairada colera incendeu o rosto da amasia de Lopez; contentou-se porém em dozer que nunca vira mulheres tão orgulhosas como as buenayrenses: e, acrescentou: "ademas las hay mal educadas". E tomando uma vingança, característica da "cocotte", de baixo cothurno, ordenou que ao rio arremessassem os lacaios tudo o que nas bandejas havia.

Em Nova Bordeus não tardou a atracar o navio. Alli viviam uns miseros francezes, ao Paraguay emigrados embahidos, por funesta miragem que se convertera na mais terrivel das decepções. A vida se lhes tornara verdadeira tortura, mixto de oppressão e miseria inacreditaveis. Confinados a um pequeno territorio, eram os infelicissimos emigrantes vigiados, dia e noite, pelas auctoridades paraguayas, dizimavam-nos a malaria e o typho; a transição de clima os aniquilava, exigindo a pujança da seiva tropical, trabalho dobrado dos agricultores para defender as plantações dos insectos e das hervas damninhas. Fracos como estavam haviam visto as miseraveis roças arrazadas.

males.

Chibateados e estaqueados homens e mulheres por questões de nonada, tinham alguns dos colonos enlouquecido. Outros haviam tentado escapar áquelle inferno. Tinham então sido caçados por escoltas, como feras, e assassinados covardemente. De nada valiam as reclamações do ministro francez a Lopez. Bem sabia o tyranno quanto a posição dos seus dominios lhe permittia zombar da força das maiores potencias militares.

Souberam os visitantes que um dos colonos mais conceituados pela posição e familia na terra natal, tinha a esposa á morte, de typho.

Commovida, ou simplesmente para se fazer notada pela acção caridosa, ordenou Elisa Lynch que o desditoso casal embarcasse para a Assumpção. Chegado o vapor á capital paraguaya annunciou que levaria a doente para a propria casa. Queria ser-lhe a enfermeira. Não sabia o pobre marido o que pensar de tanta generosidade. Mal havia porém a doente caminhado duas quadras numa padiola, entrou em agonia. Fel-a Elisa transportar para a choça mais proxima onde não tardou a expirar.

D'ahi a pouco apparecia a soberana do Paraguay ao publicista argentino e sem apparentar a menor commoção, dizia-lhe: "Acompanhe-me á casa, estou suffocada de calor." Voltava-lhe integral a insensibilidade propria das cortezãs e adquirida pelo desvirtuamento dos sentimentos que lhes impõe a tortuosidade da vida.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY



EXPOSIÇÃO HELENA P. DA SILVA



“Mãe e enfermo” — Oleo

EXPOSIÇÃO HELENA P. DA SILVA



"Tangerinas" — Oleo



"Crysandalias e Pecegos" — Oleo



VERSOS

O PANTANO

*Neste ermo bosque de onde um rio nasce,
A's quentes faiscões do sol de estio,
Verá, quem quer que por acaso passe,
O pantano tristissimo e sombrio.*

*E contam que jamais a aza fugace
De um pequenino passaro erradio
Veiu turbar-lhe a placidez da faee:
Todos lhe fogem o ar por ser doentio.*

*Tambem sei de um espirito tristonho
Em que não passa, azas ruflando, um sonho,
Semelhante a esse tetrico ataseal.*

*Delles qualquer que se transvie, evita
Voejar por perto da região maldita
Do pantano miasmatico e fatal.*

PAIZAGEM MARINHA

*Crepusculo de Outubro. As pequenas jungadas,
Que reflectem ao sol tonalidades d'ouro,
Soltando ao largo vento as velas enfunadas,
Procuram calmamente a paz do ancoradouro.*

*Vagas indecisões... A' claridade pallida
Da tarde, o verde mar no branco arcal estua;
O ceo amplo parece uma enorme crysalida
De onde em breve ha de voar a phalena da lua.*

*Do poente se levanta uma nuvem esparsa,
Que, á luz mortiça, tem refrações côr de rosa;
E, não raro, a aza leve e albente de uma garça
Passa na plaieidez dest'hora religiosa.*

*O atro manto da treva envolvente se expande;
A briza sopra e esfrola os eomoros de areia.
Illumina-se o oriente. Aurea, redonda e grande,
Sobre a crista de um monte exsurge a lua cheia.*

COMO O SOL

*A luz fulva e claríssima se enfresta
Atravez da folhagem, de tal geito
Que das moedas metalicas empresta
O louro á relva, e lhe transforma o aspeito.*

*Tambem si o olhar para a minh'alma deito
De uma maneira mysteriosa e lesta,
Vejo que o teu amor me entrou no peito
Como o sol pelas franças da floresta.*

*Aves cantavam, rutilas, em côro,
E elle que, ainda hoje entre esplendores arde,
Joeirava pingos fulgurantes de ouro.*

*E ora a tristeza que me empana o rosto
E' pensar que tambem, ao vir da tarde,
O amor se ha de sumir como o sol posto.*

A LUZ

*Luz, genese do bem, templo silente e antigo
Onde vão ajoelhar essas almas de escôl,
Que perseguem o mesmo ideal que em vão persigo,
E's minha crença, és meu conselho, és meu pharol!*

*Em ti sempre encontrei um porto bom e amigo,
E, quer brilhes no luar, ou fuljas no arrebol,
Eu te contemplo, eu te idolatro, eu te bemdigo,
Qual Zoroastro curvado ante o plaustro do sol!*

*Sejas rosea, azulada, ou fulva, ou purpurina,
Só quem te ama possui a concepção divina,
E tem o proprio Deus dentro do coração!*

*Vem, noiva desejada, alampada do Sonho,
Illuminar o meu espirito tristonho,
Purificando-o no crysol da Inspiração!*

PELA ESTRADA

*O meu amor — sol em que gelo e em que ardo,
Fulgurações de luz dentro da treva —
E' a adoração cspiritual que um bardo
Consagra á loura castellã medieva.*

*Si longe della, sol em fogo, neva
Na minh'alma, e, si perto, me acobardo.
Quando lhe falo, a voz, manso, se cleva
E ruma os céos, como espiraes de nardo.*

*Pela existencia, tremulo, prosigo
Todo impregnado de um sabor de lenda,
Qual triste carro cantador e antigo,*

*Vencendo abysmos e transpondo escolhos,
Eternamente guiado, nesta senda,
Pelos dois boiadeiros dos seus olhos.*

SALLES CAMPOS.





GRAVURAS ANTIGAS

O Rio de Janeiro visto do adro da igreja de S. Bento

Desenho de Fleury

GRAVURAS ANTIGAS

Rio de Janeiro

Desenho de Fleury





Desenho de Fleury

Colheita de café

GRAVURAS ANTIGAS



GRAVURAS ANTIGAS

Habitação de negros

Desenho de Fleury

CINCO ANNOS NO NORTE DO BRASIL

NOTAS Á MARGEM DO RELATORIO
DO DR. ARTHUR NEIVA SOBRE O NORTE

I

Desde Junho de 1913, até Julho de 1918, percorri o nordeste brasileiro procurando estudar a natureza e o homem destas interessantes regiões tão mal entendidas por uns e mal-sinadas por outros.

A impressão que me deixou gravada no espirito a prodigalidade da natureza, abundante em materias extractivas e a pobreza do homem, foi a de um mendigo repousando num bloco de ouro indifferente á riqueza por seus pés calcada.

Em as narrações dos factos e cousas que vi, assim como aos commentarios que ajuntar, procurarei sempre ser o mais simples e claro possivel, afim de que a verdade não seja sacrificada.

Dos autores de trabalhos que eu conheço sobre o Norte, poucos são os que se não deixam arrastar pela poderosa força dos extremos: se o Norte não é um paraiso terraqueo, não pode deixar de ser um inferno onde em vez de prantos e ranger de dentes, ha molestias perigosissimas, calor asphyxiante, que tornam a vida impossivel.

Ver, e contar justamente o que se viu, interpretar um facto



natural com criterio, não é tão facil como parece á primeira vista. Homens eminentes, seientistas ante os quaes nos devemos curvar respeitosaente cáem em erros grosseiros de observação.

O notavel botânico, que ha pouco tempo desapareceu de entre os vivos, Dr. Lofgreen, a quem a sciencia brasileira muito deve, nos seus valiosos relatorios, tratando do Norte brasileiro, especialmente da região flagellada pela seeca, diz que a cabra é responsavel pela formação do deserto que de mais em mais se vai accentuando no sertão do Ceará. Acho que é um facto mal observado, se não uma injustiça, querer fazer da cabra o bode expiatorio da devastação das regiões cearenses. Em vida do illustre seientista, cuja memoria venero, tive a ousadia de contestal-o no artigo que eserevi no "Criador Paulista" sobre umas cabras que estudei no Piauhy.

"Em Março de 1915, epoca em que a seeca desolava os sertões cearenses, dizimando quasi todo o gado vaccum, e levando ao suicidio e á loueura os infelizes eriaadores, nos internámos até Quixadá, onde tivemos a desventura de presenciar uma parte dessa terrivel tragedia. O quadro era impressionante: no sólo pedregoso nem uma só moita de capim; as arvores seecas, despidas de suas folhas, como que imploravam aos ceus, como o rico da parábola biblica, uma gotta d'agua... Aqui e alli, heroicos e resistentes joazeiros, como uma esperança divina, ostentavam, apesar de tudo, a sua frondosa copa de um verde bellissimo. Nessa paisagem triste, via-se um homem de tez escura, chapeu de couro na cabeça e uma foice na mão, fazendo tombar, de um só golpe, os galhos das arvores que ainda tinham vida para alimentar o seu gado que o seguia, magro, de andar incerto, quasi moribundo... Era o vaqueiro!"

Dos trabalhos que mais me satisfizeram um ha que está de accordo com o que observei em 5 longos annos em o nordeste brasileiro, é o dos Drs. Arthur Neiva e Belisario Penna, publicado nas Memorias do Instituto "Oswaldo Cruz": "Viagem scientifica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhy e norte a sul de Goyaz".

As linhas que se seguem, não serão mais de que notas á margem desse importante relatorio, cujo cabedal scientifico é

tamanho, que chega a admirar ter sido tão somente o resultado de uma viagem ligeira através dos sertões nortistas. Nelle, seus autores revelam-se notáveis naturalistas.

Como o meu fim não é entoar loas aos illustres autores, desde já peço venia se em algum ponto as nossas observações não estiverem de accordo, o que, aliás, em nada os desabonará, visto como em 5 annos tem o observador tempo sufficiente para controlar as suas observações, o que não acontece no lapso de tempo de uma viagem.

Clima: Aqui está um assumpto, que tem dado e dará lugar a muita diseussão, que se presta ás mais disparatadas conclusões, ás vezes proferidas com sineeridade, outras vezes por mero amor á fascinadora originalidade: oh! dizer o que os outros ainda não disseram!

Quando estava nas vespervas de partir para o Norte, pela primeira vez, ouvi informações mui oppostas: de um lado horrores, do outro maravilhas. Não obstante isso, não posso deixar de erêr na sineeridade de todos. Quem vai ao Norte e adocee, dirá que é uma região inhospita; o contrario dirá aquelle que passar bem por lá. O seientista precisa fazer abstracção da sua individualidade, o mais possivel, para evitar os erros nas conclusões das suas observações.

O poeta sensivel, diz Balmes, que ao entrar num mosteiro solitario depois de uma longa jornada, fatigado, cheio de sol, encontrar um monge bondoso, de olhar doce, de maneiras delicadas, prompto a guial-o e, com carinho, proporeionar-lhe suave deseango, sahirá pelo mundo em fóra, proclamando que não ha nada como a religião e que os monges são umas santas creaturas; mas, se ao invetz de um monge bom, encontrar um velho impaciente e rabugento, então ai da religião e de tudo quanto com ella se relaciona! E' justamente o que se dá com a maioria dos homens que relatam sobre o clima do Norte.

Quanto á celebre phrase: "O Brasil, é um vasto hospital", que considero a maior injustiça praticada nestes ultimos tempos contra o Brasil, por um homem eminente, creio que no correr destas notas, ella será contestada.



Em o Norte só se distinguem duas estações: verão e inverno. Aquella correspondente á estação secca e esta á chuvosa.

“Naquellas zonas, só ha duas estações no anno, a “*secca*”, que vai de Maio a Setembro e o “*verde*” de Outubro a Abril; as designações de verão e inverno são mais raramente usadas.”

Drs. *Neiva e Penna*.

Estas duas estações variam um pouco segundo a zona. No Maranhão, no valle do rio Itapicuru', o inverno começa em Novembro e termina em Maio. No dia 27 de Junho de 1915 observei uma boa chuva em Coroatá, cidade que fica á margem esquerda do Itapicuru'. Em Therezina, capital do Piauh, as chuvas começam de fins de Dezembro e começo de Janeiro e vão até Maio. Em 1917 que foi um anno de muita chuva em o Norte, o “inverno” se prolongou, até Junho, chovendo copiosamente.

No Alto Parnahyba, municipio de S. Philomena, no Piauh, e no de Victoria no Maranhão, as chuvas começam a fins de Setembro a começo de Outubro e vão até Abril, isto de um modo seguro, pois mui de longe em longe se fazem sentir ahi os effeitos da secca.

Na zona sul, que começa no parallelo de 7.º, um pouco além da cidade de Floriano, á margem do Parnahyba e com 60 mts. de altitude, do valle do rio Urussuh para diante, não só os rios, como até os riachos são perennes. Quando cheguei ao Alto Parnahyba, lá estavam, do lado do Piauh, (S. Philomena), o riacho Topuyo, irrigando os pomares da villa, e da banda do Maranhão, (Victoria), o riacho Rapadura com a sua bella cascata offerecendo delicioso banho.

“Em espaço de cerca de 20 dias, ha interrupção que dizem nunca faltar, o que é conhecido por “*veranico de Janeiro*”; Drs. *Neiva e Penna*.

No periodo chuvoso ha uma “fermata” que o povo qualifica de “*veranico*”. Este, segundo a zona, se dá em Dezembro ou Janeiro, apanhando as culturas tenras justamente quando ellas mais sentem a falta d'agua. As plantações de algodão que fiz,



no Alto Parnahyba, em Novembro de 1917, muito soffreram com o "veranico" que se manifestou em Dezembro.

Como que para fazer "pendant" com este pequeno periodo secco intercalado na estação chuvosa, ha as "chuvas do caju", ou dos cajueiros" em Agosto, que irrigam os cajueiros prestes a dar o saboroso caju'.

Em Therezina não são raras ás tempestades acompanhadas de fortes trovões. D'ahi o nome popular por que é conhecida a collina, comprehendida no angulo formado pelos rios Parnahyba e Paty que se encontram onde está localizada a cidade — *Chapada do corisco*.

Tempestades como as que assisti no Alto Parnahyba, nunca as vi em parte alguma tão carregadas de electricidade.

Em Agosto de 1915 eu e o meu companheiro de viagem, o illustre engenheiro do Telegrapho Nacional, Dr. Agenor Augusto de Miranda, fomos apanhados no alto de uma chapada, em S. Philomena, por uma tempestade tão forte que os animaes da nossa montaria, mal podiam continuar a marcha: as faiscas electricas caiam por todos os lados.

O inverno de 1917 a 1918 me encontrou morando na Villa Eng. Dodt, por mim fundada na foz do Riachão no Parnahyba, municipio de S. Philomena.

Rara era a chuva que não viesse acompanhada de grandes descargas electricas. Um dia, depois de ter cahido um aguaceiro, já o ceu se ia clareando, começaram as descargas electricas em torno da villa, como se fosse bonbarbeada por um forte com poderosos canhões.

Temperatura: Os observatorios meteorologicos, ainda não estão devidamente organizados, nestas zonas. No Posto Zootechnico de Pirajá, da Companhia Agricola Pastoril e Industrial Piauhyense, ha dois annos que funciona um, que já satisfaz. Neste observatorio fiz muitas observações de que nem todas podem aqui figurar, porque as deixei no Piahy; só mais tarde, num supplemento as publicarei.

Embora o thermometro indique altas temperaturas, não se pense que o calor do Norte seja asphyxiante. A sensação do calor é muito mais desagradavel em Santos e Rio do que em o Norte do Paiz.



Do canhenho do meu companheiro de excursões, pelo Piauhy, Dr. Agenor A. de Miranda, vou apanhar algumas notas interessantes:

“Entre nós a sensação do frio se manifesta com grande differença em relação aos paizes europeus. Estudando a influencia da humidade e do vento na sensação thermica, no Rio de Janeiro, o Dr. Morize, á vista dos graphicos que organizou, com observações de Junho de 1915 a Dezembro de 1918, conclue que “o simples exame visual revela logo que, no clima do Rio de Janeiro os observadores são muito sensiveis ao frio. Lá vimos que na Europa, Lanlanié attribue a temperatura de 16 graos á sensação “temperado” da escala de Vincent, enquanto que entre nós aquella notação pertence ás temperaturas que oscillam de 22 a 30 graos. A temperatura citada por Lanlanié certamente corresponderia aqui á notação “fresco” ou talvez menos, de forma que para o europeu das medias latitudes, todos os numeros da nossa escala de sensação deveriam subir um grao, pelo menos; mas nossos valores correspondem com os notados no Congo pelo Padre Molitor, onde as 62 observações registradas com a nota “tepida” cahem entre 25° e 30, enquanto que as nossas, muito mais numerosas se distribuem, apenas com uma unica excepção, entre 24,2 e 29 graos. “As conclusões do nosso, eminente director de metcoreologia e astronomia, são as seguintes, cujo conhecimento nos interessa:

I. A humidade atmosferica contribuo fortemente para augmentar a sensação do calor, a comecar da sensação “temperado” da escala de Vincent.

II. A sensação “fresco” é independente da humidade. Na mente á sua velocidade.

III. A sensação fresco é independente da humidade. Na zona sul observamos dois factos que autorisam a proclamar a excellencia do seu clima; 1.º A ausencia de abundante humidade que como vimos acima contribue fortemente para augmentar a sensação do calor; 2.º durante os dias sopra uma viração intensa da nascente diminuindo essa sensação.

E' por isso que marcando o thermometro 33° á sombra sentiamo-nos bem. A commissão de melhoramentos do Rio Par-



nahyba registrou na Corredeira da Vargem da Cruz 228 observações, e seu director assignala que na época secca tambem sopra de S. e S. E.; enquanto que na época chuvosa sopra de N.

Observamos muito accentuadamente a sensação do frio desde que a temperatura descia de 16°, e que o ambiente geralmente era muito secco.

Em rarissimos pontos, e só nas immédiações dos grandes brejos, notamos o campo orvalhado. Igualmente não notamos durante as primeiras horas da manhã, quando a temperatura se eleva a formação de cumulus que, como sabemos, provêm da humidade que se desprende da terra, onde se havia condensado durante a noite.

Um facto interessante temos que assignalar: a grande amplitude da oscillação da columna de mercurio entre o maximo e o minimo. Enquanto que essa amplitude deve ser de 2 a 5 millimetros nos tropicos, observando a curva da oscillação em Floriano, achamos para a amplitude o valor de 5 mm. e em Bom Jesus o de 7 mm.. Duas unicas observações, uma em cada ponto, não podem constituir dado para uma discussão e estudo, mas penso que devemos mencional-a. Variando a amplitude dessas oscillações da columna barometrica com a humidade do ar e a temperatura (Vialy, Contribution à l'étude des relations existantes entre les circulations atmospheriques, etc. pag. 122) e tendo verificado que o ambiente dessa nossa zona interior, que segundo o Dr. Draenert, deve ser considerada tropical, pelo menos agora se apresenta secco, a amplitude da oscillação barometrica fica quasi tão sómente dependente da temperatura, e Vialay nos diz: "Nous avons dit que la présence de la vapeur d'eau était la cause principale de l'oscillation barometrique. Il y a lieu de tenir compte également de la temperature de l'air. C'est elle qui en rendant celui-ci moins dense dans l'apres-midi augmente le minimum de quatre heures de matin; ce dernier minimum est en effet assez sensiblement inférieur à celui de l'apres-midi."

Em Therezina, a temperatura mais baixa que constatei foi de 16°, que já dá sensação de frio; a mais alta foi de 37° centi-

grados, sem que sentisse um calor soffocante. O que acontece é que se súa muito.

Em Novembro de 1911 houve dia em que a temperatura attingiu a 30° e em Janeiro de 1912 a temperatura ascendeu a 39,2 maximo observado para aquella cidade. A minima registrada foi de 15° em Setembro. Estes dados, embora incompletos, dão idéa da temperatura á margem do S. Francisco, em grande zona dos Estados de Bahia e Pernambuco.

Drs. *Neiva e Penna.*

Temperaturas tão elevadas, felizmente, não observei em nenhuma das zonas por mim percorridas, nos Estados de Piauhy e Maranhão.

Em "David Caldas", colonia agricola a uns 35 kilometros abaixo de Therezina, a margem do Parnahyba, a maxima que observei foi de 36° no dia 5 de Novembro de 1914. As altas temperaturas, ou melhor, as maximas sempre se observam das 2 ás 3 horas da tarde.

Neste ultimo sitio, a media das maximas, em Junho de 1914 foi de 35°.

Viajando atravez do Estado do Piauhy, tomei as temperaturas seguintes: em Floriano, as 5,5 da tarde, 33°, em Côcos, morada proxima a Jerumenha a uns 12 kilometros do rio Parnahyba:

8,5 h.	da noite de 26—7—1915	—24°
11,	" " " " " " "	—27°
2,	" " manhã " 27—7— "	—24°
6,	" " " " " " "	—23°

Com esta ultima temperatura senti um frio agradavel.

No valle da Gurguêa, Fazenda Grande, a uns 150 kilometros de Parnahyba, em Junho de 1917 observei uma minima de 14°, produzindo um frio que chegava a incommodar pela manhã; em Conceição, na margem do riacho Pirajá, affluente da margem esquerda do Gurguêa, proximo á villa Bom Jesus, na manhã de 6 de Agosto de 1915, notei que a temperatura desceu

ASPECTOS DA ENCHENTE DO RIO ITAPICURU' EM 1917



- 1) Um rebocador subindo o rio Itapicuru' — 2) A Matriz de Codó Inundada — 3) A cidade de Croatá, após a inundação.



Outro aspecto da enchente do rio Itapicuru, em 1917

até 10°,5. Quem (*) julga que o Norte é um forno, onde só se registram altas temperaturas, engana-se.

Já o meu antigo e illustrado lente de zootechnica, Dr. Ferreira de Carvalho, em 1893, notara a temperatura de 10° no Piauhy.

A minima absoluta foi de 7°,5 registrada na localidade bahiana de Perypery, municipio de S. Rita de Rio Preto, Bahia. Do dia 5 ao dia 29 a minima absoluta oscillou entre 7°,5 e 12°.

Dr. *Neiva e Penna.*

A' medida que se avança para o sul do Estado do Piauhy, a temperatura abaixa, pois vai-se subindo em altitude: as cabeceiras do Parnahyba e Gurguêa, estão, na serra de Tabatinga a 480 m. o ponto culminante da serra é de 880.

Em homenagem ao dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt, que percorreu e estudou com muita competencia estas regiões e aos relevantes serviços e estudos que este notavel engenheiro prestou ao Norte, principalmente ao Piauhy e Maranhão, a Companhia Agricola, Pastoral e Industrial Piauhyense, por mim superintendida, deu á villa que fundei no Alto Parnahyba o nome de Villa Eng. Dodt.

Na Villa Eng. Dodt, a minima absoluta foi registrada em começo de Setembro de 1917—14°. No mez de Outubro do mesmo anno a minima foi de 22° e a media de 23°,6; a maxima foi de 36° e a media de 35°,5.

Para terminar vou ajuntar o quadro da viagem que fiz de Therezina a S. Philomena, cerca de 900 kilometros, juntamente com o Dr. Agenor A. de Miranda, que foi o organizador d'elle. Addiciono, tambem, o quadro das observações meteorologicas da commissão de melhoramentos do Rio Parnahyba em 1883.

(*) a 1.º de Agosto de 1917, no mesmo lugar o thermometro desceu a 10.º.

MARÇA ITINERARIA
De FLORIANO a S. PHILOMENA

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas de marcha	°	S. f	B. o	Mh.	OBSERVAÇÕES
23	7.º	Floriano	13.290	2.05	30°	758.	754.3	60.9	As 8 horas. Manhã quente. Parimos de Floriano á tarde. As 6 horas. Muito fresco.
24	»	» Pão de Leite . .			26°6	756.5	753.6	68.5	
25	»	» Cannaveiras . .	16.665	2.45	33°				
»	»	» Varzea	16.622	?	32°5				
26	»	» Jeromenha. . . .	24.480	3.40	32°				
»	»	» Riacho Cocos. . .	16.290	2.10	32°				
27	»	» Coqueiro.	19.825	3.30	33°	754.5	751.7	88.8	
»	»	» Rio do da Porta	23.660	?	32°				
28	»	» »			22°5	745.	742.3	192.9	
»	»	» Aparecida	23.644	4.30	30°	745.	742.6	189.6	
29	»	» Inhuma	21.354	3.30	20°	750.	747.8	131.8	
30	»	» Bebedeiro	19.056	3.20	18°				
»	»	» Fazenda Grande	17.580	3.25	33°				
»	»	» Franqueiras. . . .	16.473	3.00	18°3	749.	746.8	142.6	
31	»	» Santa Rosa			32°5				



MARÇA ITINERÁRIA — Continuação.

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas da marcha	° C.	B. ρ mm.	B. σ mm.	Alt. m.	OBSERVAÇÕES
1. ^o	8. ^o	Santa Rosa . . .	20.221	3.25	17°	751.	748.9	119.9	A's 6 horas. Frio pela madrugada.
»	»	Rosario	20.482	3.30	32°				» 12 » Fresco.
2	»	Uburanas . . .			17°	752.	747.9	130.7	» 6 » Frio pela madrugada.
3	»	Macambira . . .	20.225	3.20	17°	750.	747.9	129.5	» 6 »
»	»	Pedrinhas . . .	21.995	4.00	28°5				» 12 »
4	»	Bom Jesus . . .	31.950	5.30	22°	746.	743.8	180.5	» 20 » Viagem morosa.
5	»	»	24.522	5.50	21°				» 6 » Noite fria: As 2, 15°, as 5, 30, 12°
6	»	Conceição . . .	18.499	4.50	10°5	744.	742.8	187.5	» 12 » Fresco.
»	»	Vereda Grande.	16.539	5.30	33°				» Andamos a passo.
»	»	Chapadão . . .			19°	721.	718.8	461.4	A's 6 horas. Noite fresca.
7	»	»	26.132	5.20	30°				» 12 »
8	»	Barra Nova . . .			21°	738.	735.5	269.5	» 6 »
»	»	»	13.937	2.30	31°				» 12 »
»	»	Malva	12.173	2.35	16°	744.	742.1	195.1	Chegamos á margem do Urussuthy.
»	»	Fazenda do Meio			32°				Noite fria.
9	»	»	24.777	5.00	19°	740.	737.7	243.	A's 12 horas.
»	»	Tucuns	15.190	4.00	34°				Andamos devagar.
»	»	Mouros							A's 12 horas.
10	»	»							
»	»	»							



MARCHA ITINERARIA — Continuação e fm.

DIA	MEZ	PARADAS	Kilometros percorridos K	Horas de marcha	☉	☉ _f mm.	☉ _o mm.	Alt.	OBSERVAÇÕES
10	8.º	Uruçú	23.294	3.55	12°3	738.	736.6	257.4	Atravessamos o Urussulhy, na Formosa. A's 6 horas. Noite fria.
11	»	»	20.028	4.15	33°	738.	736.6	257.4	» 12 »
»	»	Vereda do Meio Altos	22.093	4.05	14°	737.6	735.9	265.1	» 6 »
12	»	Jacú	19.105	3.30	15°	732.	730.2	330.8	Na "Cruz" entramos nas terras devolutas. Passamos a viajar para NO.
»	»	Morrodagua. . .	18.743	3.35	32°	718.	716.	508.4	A's 6 horas. Frio.
13	»	»	24.535	4.40	18°	728.	725.1	373.4	» 16 »
»	»	Sete Lagoas . . .	7.772	2.00	32°	742.	739.	227.8	» 6 »
»	»	Chapadão	18.267	3.15	24°6				» 13 »
14	»	Cab-Riachão. . .	25.556	4.50					» 8 »
»	»	Philomena. . . .							
15	»	»							
			701.880						Observação importante: Nos dias 25 e 16 percorreremos todo o valle do Riachão.



ESTADO DO PIAUHY

Quadro das observações meteorológicas da Comissão Melhoramentos do Rio Parnahyba em 1882

LUGARES	Data da observação	Pressão media atmospherica	Temperatura media dos aneroides	Temperatura media do ar ambiente	Maxima	Minima	Quantidade de chuva	N.º de obs.	Observações
Cidade de Parnahyba	Abril.7640	26.37	26.85	27.20	26.20		6	
Cidade de Therezina	Abril.7561	27.61	28.50	35.00	25.80		9	
Cidade de Amarante	Maió7547	25.98	25.18	31.00	23.00		78	
» » »	Junho7563	23.73	25.86	28.50	21.00		53	
Corredeira da Vargem da Cruz	Junho7562	25.43	25.50	31.50	14.50		228	Acima da actual cidade de Floriano.
» » »	Agosto7562	27.12	28.78	33.50	21.00	mm.	161	16.00
» » »	Setembro7443	27.17	29.31	37.00	21.50		183	3.70
» » »	Outubro7481	28.13	28.28	37.00	21.00		138	91.40
» » »	Dezembro7543	26.85	26.85	31.80	21.80		112	
Pogo do Surubim . .	Dezembro . .	.7497	27.83	27.83	33.00	22.00	mm.	80	108.20

FRANCISCO IGLESIAS.



SEM REPLICA NEM TREPLICA

Na "Revista" de novembro, após longa e dolorosa gestação, appareceu um artigo do sr. Alberto Faria, com ares de replica ás minhas "Breves annotações" de setembro.

Não é replica, não poderia ser. São bicadas, aqui e ali, aos pulos de tico-tico, deixando sem a minima referencia o grosso das questões. Apontei uma centena de erros ou impropriedades, e o articulista aborda quatro ou cinco!

A não ser na questão do "assez coté", em que tomei por descuido condemnatorio de revisão aquillo que não passava de um trocadilho, tudo quanto escrevi ficou. Pois os raros pontos em que o articulista ousou tocar offerecem margem a uma rapida polemica, em que me seria facil calar tambem as baterais que ainda não foram desmontadas com o bilbode certo que emmudeceu as outras.

Não posso, porém, entabolar polemica de especie alguma com adversarios que escrevem naquelle tom e que usam daquelles processos, pois onde escrevo: "Sentia que faltava certa graça" elle me faz dizer: "Sentia que me faltava certa graça", intercalando um pronome para viciar o verso; e onde se encontra: "De olhos castanhos e de barba preta" elle copia: "De olhos castanhos e barba preta", supprimindo a preposição para fazer mancar o verso.

Taes polemistas são invenciveis. Com elles não se discute. Se a defesa do meio social, dos altos interesses ou direitos da collectividade o exige, o mais que podemos fazer — immolando-nos embora num prelio sem coroa — é dar-lhes uma pancada, uma só, mas de cego, como quem

deseja matar cobra, e, depois, deixar a cobra agitar-se até que a peçonha esfrie. E ha de esfriar. E' questão de tempo.

Ha dois pontos, porém, nos sarrabulho do articulista, em que sou forçado a falar.

O primeiro é quanto ao grego "philia".

Pelos livros citados no artigo do sr. A. Faria, sou levado seguramente a enxergar, lá no escuro, alguém que se empenha em sustentar a causa do hellenista campineiro. O sr. Faria, como provei com o celebre soneto de Wordsworth, não sabe inglez; não obstante cita Liddell and Scott! Não sabe uma palavra de allemão e cita Schneider!

A esse alguém aqui vae a minha resposta!

Affirmei que á nossa palavra "amiga" corresponde o grego "philê", não "philia". Responde o sr. Faria, citando Liddell and Scott e Sneider (!) que "philia" tambem significa "amiga" e, portanto, assim deve ser traduzido no passo de Anacreonte.

Está erradinho, illustre Academico.

A nossa palavra "amiga" tem duas "accepções": uma é substantiva, outra é adjectiva. A palavra grega que corresponde a ella nessa dupla funcção é "philê", não "philia". Nisto não tenho retractação alguma que fazer. Até lá chega a minha tintura hellenica.

Existe, é certo, o adjectivo "philios", com um feminino "philia".

Não é fórmula poetica, tal como foi affirmado, mas por demais prosaica. Occorre frequentemente na "Anabase", que foi o meu livro de classe. Ser-me-hia facil enfeixar uma serie de exemplos, se isso não tirasse a erudição barata.

O seu primeiro sentido é: "do amigo". Depois, "da parte do amigo, amigavel, propicio, alliado, etc."

Ora bem, será a fórmula feminina desse adjectivo a que apparece na expressão anacreontica — "philia georgôn?" E' o que asseverou o sr. A. Faria, com ares de quem me dava um golpe de morte. E' esse o tom dos literatos tardios, que faziam Horacio exclamar: "**O seri studiorum! qui ne putetis difficile et mirum!**"

O adjectivo "philia", até onde vae a minha tintura hellenica, não pode estar ali por uma razão muito simples: elle é dos que, de rigor, sómente regem dativo, não genitivo. E' regra de grammatica. O proprio adjectivo "philos" só admite o genitivo quando se substantiva.

D'onde se conclue que os hellenistas campineiros, vivos e trefegos como o alambary, estão, como o alambary, navegando em aguas rosas. E como prova disto ainda se me antolha uma observação do sr. A. Faria, que me apanhou um falso por não haver eu enxergado uma fórmula verbal grega "makavizomén". Não poderia, certo, enxergar, por que ella não existe.

O que existe é "makarizomen". Aquelle accento na syllaba final só se explica no texto de Anacreonte, onde elle é exigido pela enclitica sé, que o perdeu. Isto tambem é do iniciô de grammatica grega.

Foram as razões acima expostas, certamente, que levavam Lecomte a ver no referido passo anacreontico o substantivo "philia", dando-nos aquella transparente e inexpugnável traducção que, aliás, o contexto reclama irrevogavelmente.

Que importa que eu tenha apenas a traducção de Lecomte, se ella é a unica verdadeira, a unica defensável perante o bom senso e a grammatica? Seria de lastimar se eu a abandonasse para apegar-me a um montão de traducções erradas que não podem dar uma razão de si.

E não se apouque aos homens de poucos livros: Pascal só lia a Biblia e Montaigne.

Os homens de muitos livros correm dois perigos serios.

O primeiro é o daquelle nobre que apresentava ao marquez de Pombal os seus dez mil volumes. E o marquez, mui maliciosamente, assestando as lunetas:

— "Dez mil virgens..."

O outro é apontado por G. Giusti na sua poesia intitulada — "Contra um literato intrigante e copista:"

"Somigli un scaffale
Di libri un tempo idropico e digiuno,
Grave di tutti, inteso di nessuno."



O outro ponto é no que toca a um engano que tive, attribuindo ao sr. Faria uma pagina interessante de João Ribeiro, pagina que eu desconhecia inteiramente, por um lamentavel descuido, e que, por desconhecida deixou da poucò de me prestar relevante serviço na interpretação de um passo camoniano.

O meu engano será o de todos quantos lerem o trecho da "Aérides" com espirito desprevenido, na supposição de que o autor não vae dizer um "absurdo ou commetter uma "fraude". Entra-se naquellas paginas com a impressão de que ellas pertencem ao sr. Faria. O livro ahi está e todos podem verificá-lo.

No fim da interessante dissertação, no ultimo periodo, vem uma chamada, a que corresponde nota retorcida, verdadeiro engrimanço para ser servir de anteambulo, uma burundanga por fanal. Nessa nota o que se attribue a João Ribeiro é o "periodo", e por **periodo** se quer significar (pasmae, povos!) paginas inteiras lardeadas de citações classicas!

Faz lembrar uma sentença de Labruyère:

"Les fautes des sots sont quelquefois si lourdes et si difficiles à prévoir qu'elles mettent les sages en défaut et ne sont utiles qu'à ceux qui les font".

O grande pensador esqueceu-se de que, ás vezes, isso não se dá só com os "tolos", mas tambem com "imminentes" Academicos.

Campinas, Janeiro de 1919.

OTHONIEL MOTTA.



O CHAPEU DE SOL

“...o tacápc da nossa burguezia”.

SOUZA-BANDEIRA

No terraço do passeio publico, olhando o golfo maravilhoso, os dois asiaticos se inteiravam das cousas da America. E dizia o residente ao recémvindo:

— Outra instituição que notarás é a do guarda-chuva, ao qual chamam não sei porque chapéu de sol. De começo cuidei que se tratasse de objectos claros, apropriados a este clima luminoso, de azul constante e intenso. De facto as mulheres trazem parasóes de côres vivas, e mesmo alguns homens dissidentes usam-n’os de verão, brancos e verdes, como quer o preceito ophthalmologico. Mas não é destes que falo, nem do guarda-chuva que outros só levam quando chove, e recolhem logo, movel economico e pratico, despido de mysterio. O que interessa é o outro, o que tem a dignidade d’uma instituição. Nada tem com a chuva, nem mesmo já o nome, como viste, e tanto anda ao luar como a cavallo. Vai á igreja e ao theatro. Faz-se da seda mais negra. E’ uma arma e um symbolo. Carrega-se geralmente desenrolado, e muita vez os litigios que em outras terras se liquidam a murro ou bengalada, conduzem á ameaça do guarda-chuva. Existe uma

expressão comminatoria: — Metter o chapéu de sol. E' também um symbolo, dizia. Não se adquire, como na Europa, por troca subrepticia nos vestiarios de hotéis ou clubs. Nem se compra como cousa servil. E' offertado com solemnidade, geralmente por cotisação de admiradores, em dias fastos, entre orações de louvor. Nesses casos tem castão de ouro, alguma vez de prata, datas e nomes gravados. E' uma consagração. E' a seu modo um bastão de marechal. Quem o recebeu com o verdadeiro espirito não o deixa mais. E verás como alguns o transportam ritualmente, como se fosse um cirio...

— Talvez seja uma divindade, lembrou, suspeito, o viajante.

— Não é outra cousa. Ia justamente dizel-o. Deve ser uma daquellas formas domesticas e faceis que o Espirito, não menos mysteroso que benevolo, consentiu em habitar ao lado do homem seu protegido. E' um dos lares modernos.

— E achas que se póde obter um? perguntou o peregrino, homem curioso de cabala e de investigações occultas.

— Nada mais simples, nem também mais enganoso. Eu ha muito tempo venho a comprar guarda-chuvas de toda a casta, sempre esperando o beneficio secreto. Mas até hoje não percebi nada. Os comprados não têm virtude. São corpos sem alma. De resto, talvez a falta de virtude seja minha. E' bom tentares.

— Vou tentar.

E mais não disseram nesse dia, indo-se cada um aos seus negocios.

O do viajante era estudar os costumes locais. Subiu pela avenida mui larga, admirando-lhe em silencio os mozaicos de quarto de banho, e o rapaz de bronze, diuretico, jovial e votivo.

Entrou na primeira loja de guarda-chuvas, e rejeitou logo os de preço baixo. Elle tinha a sua ideia. O merito paga-se. O mercador comprehendeu logo.

— Sem duvida quer daquelles? perguntou, mostrando



um compartimento. E a malícia do seu olhar não deixava duvidas.

— Exactamente, fez o outro, e pagou largamente. Estavam ambos triumphantes. O viajante arriscou um dito:

— Este tem alma...

— Se a tem! Ah! lá isso vá V. Ex. em paz, que com elle vai bem!

E o homem que o suppunha Excellencia ficou a rir com ruido. O asiatico sorriu calado, saudou e sahiu, levando a carga preciosa.

E pensava: — Meu irmão sem duvida só comprava do ordinario. Ia tranquillo. O olhar do vendedor, o seu discurso seguro dizia-lhe que acertára. Sentia-se enervado, queria repouso. E como a fealdade da architectura e a agitação incomprehensivel das gentes lhe pezassem, tornou ao mar divino.

Muito tempo esteve sentado o viajante no terraço, vendo mudar a luz sobre a agua. Ao lado, no parque, uma quietude humida entorpecia tudo. Aqui e além, raios de sol já pallido filtravam-se pelas folhagens e vinham pousar nos gramados com tal doçura e lentidão que eram como se fossem mãos carinhosas.

Elle sentia uma plénitude de ventura, só, no meio da belleza. Ebrio de claridade e de ar maritimo, adormeceu. Quando acordou, era o crepusculo. Então, respeitoso do silencio e dos deuses, que guardam ou mostarm os thezouros conforme querem, o oriental ergueu-se e foi caminhando ao longo do cáes, esperando confiado o que encontrasse.

Encontrou o Amor.

Elle trouxera da Asia principios assentados sobre a materia sexual. No seu paiz estas cousas passavam-se lisamente. Em chegando a idade nupcial, um pai zeloso adquire para o filho como pode uma esposa legitima, e depois vem outra, e outra mais, segundo o permitta o céu, que dá o ouro, que dá as mulheres. E assim se forma o licito gineceu. Isto evita aos fieis as surpresas e temores



do Occidente, onde o amor na mocidade é cousa incerta e collectiva. Por isso esquivára sempre ás tentações.

E nem só por isso o fizera, senão ainda por escrupulos de consciencia. Elle era religioso, como todo o asiatico, e, como todo o religioso, possuia a verdade unica. Mas os asiaticos são polidos, e este nunca aventára o seu sentir sobre os christãos do immenso Poente, a quem chamava irreverentemente perros infieis. E continuava a envolver no mesmo rancor inquieto e no mesmo sorriso ironico a Europa toda e toda a America, Orthodoxos e Catholicos, Romanos e Reformados, Lutheranos e Anglicanos, Igreja Alta e Igreja Baixa, Presbyterianos, assim Unidos como do Estado, Velhos Catholicos e Santos de Ultimos Dias, Calvinistas, Jansenistas, Jomaristas, Methodistas, Arminianistas, Congreganistas, Scientistas, Ritualistas, Puseystas, Não Conformistas, Adventistas, Modernistas, Unitaristas, Racionalistas, Theosophistas, Americanistas, Fideistas e Concordistas, Quietistas e Pietistas, Baptistas e Anabaptistas. E considerava a mulher occidental uma forma particularmente perigosa e complicada do Demonio occidental.

Mas nessa tarde uma deliciosa molleza adormecia-lhe a memoria das cousas aprendidas. Começou de sentir cousas novas. Aquelle crepusculo não era como os outros crepusculos. Eis porque, quando vio sem espanto uma linda creatura, sentada no quadro incomparavel de montes e céu, logo entendeu que essa que ali estava não era como as outras mulheres. O destino já o possuia.

A desconhecida, só e paciente entre a verdura, sem duvida esperava tambem o favor do alto, cuja hora é incerta. Era morena, mas não anemica. Tinha o rosado ardente dos fructos tropicaes. Nos olhos negros immensos, em todo o corpo mal encoberto, operava um magnetismo singular. Ao seu chamado recondito o rapaz quiz resistir, e não resistio. Deu alguns passos para fugir, e tornou atraz. Ella mirava-o tranquillamente. Sentindo o vacillar, sorrio. E vio-o vir chegando de vagar, em voltas hypocritas, preso sem remedio aos circulos da influencia inevitavel. A

noite, amiga e dadivosa, estava sobre elles. Quando o mancebo se acercou a desconhecida estendeu lentamente os braços sobre o encosto do banco, e inclinou a cabeça para traz. Por entre os labios humidos um raio de luz ia pousar nos dentes brancos. A mão do adolescente acariciou um dos lindos braços, e a corrente nervosa fechou-se. Debruçado sobre ella, vio-lhe nos olhos a promessa, o delirio, o perigo tambem. E como corpo morto chamado pelo abysmo, a cabeça d'elle cahio, rolou para a bocca entreaberta, e os seus labios se foram esmagar nos dentes frios.

Repetir qual fosse o discurso que entre elles passou, ninguem o póde repetir. De resto, não falando os amantes a mesma lingua, as palavras ditas foram poucas e confusas. Mas o que as palavras não disseram, disseram-n'o os olhos, os labios e as mãos, e todas as obras com que Amor mata de amores, segundo o Poeta.

Uma vez feito o entendimento obscuro mas profundo, a desconhecida o foi conduzindo a melhor agasalho. Caminho curto e deleitoso, por sob arvores favoraveis, cruzando outros pares enlaçados. E caminhando, o viajante inda pensou nas cousas prohibidas. Mas já pensou sem as sentir, como em materia de disputa, abstracta e vaga. As defezas religiosas, os escrupulos salutaes de longo ensinamento, os receios da mulher occidental, ainda lhe atravessavam a mente, mas como sombras fugitivas. Todo o passado tinha perdido a força. A força agora estava só naquelles braços e naquelles dedos, que lhe pesavam tão docemente. Chegou a sorrir das antigas verdades, ora vacilantes. Chegou a pensar irreverentemente que as verdades da Asia são como o chá, que, por muito bem resguardado, a jornada de mar sempre o altera.

E cheio deste ardor novo penetrou na casa da desconhecida, que lhe evocou o Oriente, pelas flores, pelos estofos ricos, pela brandura das luzes abrigadas. Com mão faminta desfez os véus que não queriam resistir, e pôde contemplar perdidamente a flôr divina. Comparou-a em espirito aos typos sabidos e famosos, achou-a superior a todos. Andando em torno a forma tão formosa, considerou-a



callipygia e sem defeito, toda pulchra. E peccou copiosamente.

Quando acabou de peccar, meditou no peccado. Pareceu-lhe agora menos delectavel. Já uma vaga melancolia estava nelle. O perfume das rosas encerradas trazia-lhe a idéa da morte. Ditos insidiosos de doutores insinuavam-se-lhe no espirito exausto. A desconhecida, com uma graça de panthera, afastára-se, não sem agrado do adulescente, ora dado a cuidados de homem lasso.

Então, como corresse os olhos somnolentos pelas cousas que ainda não vira, vio distinctamente agitar-se uma cortina, sahir della um braço, que estendeu a mão para as suas roupas, tirando-lhes subtilmente a bolsa onde estava toda a sua fortuna de longos dias. N'um grande brado o rapaz ergueu-se. Mas a cortina, abrindo-se de todo, mostrou-lhe um desconhecido enorme, varão pilloso, dos que os latinos certificam serem ou valentes ou amorosos, e este era dos brigões, bem lh'o vio o moço no aspecto minaz.

Hesitando, accudio-lhe á mente o feitiço que comprára com fito de estudo. Voou a elle, tomou-o, interrogou-o, sacudiu-o, na desesperada certeza de obter delle soccorro. E, oh! maravilha! eil-o que cede, eil-o que se abre, e lhe sae de dentro uma lamina de aço, aguda, polida, longa. Um punhal! Uma espada!

No espirito do rapaz foi um grande clarão, de saber não menos que de alegria. Compreendeu e admirou o manhoso engenho dos occidentaes, entendeu todas as cousas obscuras que interrogára essa manhã, achou num momento o que o irmão tanto tempo pesquisára em vão. E como, já resolute e seguro, se fosse ao barbaças, brandindo o cluço milagroso, os pensamentos luziam-lhe fugazes e continuos como relampagos de verão: — Ah! era isso!... ah! era por isso... Hei de dizer a meu irmão!... Hei de escrever no meu diario!...

Mas não disse nem escreveu, nem estas nem outras cousas, porque o bruto fraudulento, vendo-o chegar, pegou



d'uma pistola, despejou-a de longe sobre o mancebo atordado; e tudo se acabou.

E tal foi o seu primeiro e ultimo dia da America.

TRISTÃO DA CUNHA

(Do *Livro de Historias do Bem e do Mal*).





Desenho de Fleury

Ponte de cipó

GRAVURAS ANTIGAS



GRAVURAS ANTIGAS

Habitaggio holandeseza

Gravura de Charannes

A' MARGEM DE UM LIVRO

A' pécha de excessivos, ha tanto assacada aos brasileiros, tenho que antes nos cabe o labéo de hesitantes. A massa de nossa gente é timida, e como tal incapaz de insurgir-se ou gabar-se. Nós somos, na accepção commum da palavra, um povo de romanticos, promptos a sacrificar a acção á contemplação. Somos fatalistas. Estamos sempre perante a adversidade em posição defensiva. Essa posição tambem a guardamos perante os livros que surgem, os estadistas no poder, as suggestões que esvoaçam. Tememos as idéas defimidas, as opiniões irreductiveis, sobretudo as glorificações. Só conheço entre nós um homem glorificado — Ruy Barbosa — e esse mesmo entre a massa illetrada. A quem queira alçar-se entre os seus pares, logo lhe descobrimos fragilidades intimas ou intenções inconfessadas. Se é artista não tarda o apôdo de insincero ou plagiario. Ao pobre Machado de Assis lhe concedemos genio, mas com que restricções!

Emfim, se tal é o nosso vêzo, e será antes humano que nosso, vivamos com elle. Não haverá nelle, até, a semente de um espirito de critica apurado, de uma concepção superior de "humanidade", de uma largueza de idéas, que nos torna, de um geito, precursores?

Por óra, o que vemos é o apreço pela mediocridade. Ainda agora, com o aflorar de um livro, (*) repetio-se o phenomeno. Houve quem tentasse glorificar o poeta, quem

(1) *Meu Sertão* — de Catullo da Paixão Cearense (liv. Castilho-Rio).



nelle visse a arvore maravilhosa de nosso sólo: logo a sonda da critica foi inquirir de que sólo extranho viera a seiva ás raizes.

Fallo da critica e outra coisa aqui não faço. Póde, entretanto, o leitor avaliar do sacrificio que me imponho em escrever friamente de um poeta tão ardentemente lido e sentido, quando souber que escrevo de janella aberta sobre a matta, que anda lá por fóra uma orgia de luz e que o canto das cigarras em bando faz de cada folha uma garganta. A penna quer resistir, a gotta de sertão que anda nas veias do menos nacional de nós outros quer inflammarse no brazeiro da Terra Cahida ou do Quincas Micuá, mas faço calar o coração e procuro esquecer as cigarras.

A critica ao Poeta penso ter vindo como reacção aos que delle querem fazer o nosso Poeta Maximo. E nisso é totalmente fundada. Catullo é mais do que um poeta regional, menos, porém do que um poeta nacional, e muito menos um Poeta Maximo. Será elle um poeta racial, o poeta de uma grei, o Vate dos Sertanejos. E como tal o devemos julgar e sentir-lhe as bellezas sem conta. Poeta Nacional só póde ser aquelle cujo estro exprima a onda de toda uma população, cuja obra seja a expressão de um patria. Só póde haver Poeta Nacional quando ha perfeita unidade nacional. O Brasil não póde ter hoje um tal poeta, porque ainda não crystalisou completamente. Sub-raças variadas espalham-se por um territorio onde ha todos os climas, flora da mais rica, costumes e aspirações divergentes. E' certo que por detraz dessas variaveis se crystalisam as constantes num lento trabalho de unificação. Nesse periodó transitorio de fixação, porém, não podemos produzir um Poeta que seja a expressão da nacionalidade.

A' espera do caldeamento vindouro entre o interior e a praia, devemos contentar-nos com artistas cuja obra seja a voz de um grupo ou de uma região. E para esse artistas não sejamos acanhados de apreciação. E' tão falso julgar o Brasil por S. Paulo ou Rio como pelo Tocantins ou o S. Francisco. O sertanejo dos Campos Geraes é tão nacional como o maritimo da Bahia ou o operario dos grandes centros. O poeta que canta as paizagens e as paixões sertanejas é tão nacional como o que procura exprimir a alma torturada dos praeiros, attrahidos pelo mar e enfeitados pela terra.

Catullo é a flor maxima da flora sertaneja; e como tal seu livro, aspero como ella, exhala um perfume que inebria as almas menos sensiveis, os olhos mais extranhos ao

panorama de nossa terra, os corações mais fechados ás tragedias dos humildes. Obra de arte, sim, não obra de artificio. Não é a poeira anonyma das quadras do sertão, onde a belleza é um relampago fugidio. E' essa belleza captada, acarinhada, penetrada, é o relampago prisioneiro e deixando pelas paginas em fóra como uma esteira de luz.

E Vate dos Sertanejos que é Catullo, nem por isso só sertanejos poderão comprehendel-o. Já foi dito que o céo é muito menos admiravel do que o homem que o soube desvendar. Esse homem, cuja capacidade de comprehensão é tão alta que poude alçar-se ás estrellas, só poderá sobre a terra sentir aquillo que lhe tóca directamente, immediatamente? A belleza é tão complexa, de fórmãs tão variadas, que seria grande vergonha para o homem se assim fóra sua mente mesquinha. Felizmente tal não se dá. Nem por admirarmos uma gravura de Hokouzai, uma aquarella de Turner, um verso de Dante ou um torso de Rodin, deixamos de beber o leite de nossa terra, de anciar com o "Leñhador" espavorido, de palpitar com a "Assombração" das tapéras, de molhar as palpebras perante a "Saudade". E com estas palavras eu quizera tocar não só quem néga aos brasileiros, humanos de cultura, o sentimento sincero de nossa vida sertaneja, como aos nacionalistas tacanhos, ainda aos maiores, determinando que para um brasileiro o sertão é o mundo.

Nós, praieiros, cuja vida oscilla entre o mundo e o sertão, bem comprehendemos essa dualidade substancial e espontanea de nossas sensações, tão bem expressa por Joaquim Nabuco e vivida por Affonso Arinos. A mancha do livro de Catullo é justamente essa, derramada que está nas suas primeiras paginas, "A Caminho do Sertão", onde elle esbraveja contra os homens que lêm Musset, veneram a Grecia ou viajaram pela Italia. E a proposito, lembra-me um epizodio, contado por Affonso Arinos, que traz um pouco de luz sobre o admiravel poeta que peccou de intolancia. Só por isso refiro o caso.

Arinos convidou Catullo para uma estadia na fazenda de um seu cunhado, á beira do Mogy-Guassú. A' casa da fazenda e a seus arredores não faltava nenhum requinte de conforto e ainda de luxo. Logo, porém, que se entrava na mattaria ou se beirava o rio, começava o sertão. Arinos, que era um sertanejo, queiram ou não seus detractores, preparou uma pequena expedição, explorou a região, e largando dos salões da vivenda senhoril, foi armar acampamento numa clareira da matta. Levou consigo Catullo,

um sobrinho e alguns camaradas. A noite, naturalmente, era de lúia, e a serenata longo tempo perturbou o somno dos tatús. Afinal, recolheram-se ás barracas. Durante a noite alguma onça, que as ha pela região, ou um gato do matto, cantou á lua, de sua "verde capoeira". De madrugada choveu. Na manhã seguinte, quando os gallos amudaram e Arinos largou de seu somno de matteiro, Catullo indagava de um camarada o caminho certo da volta, e sobreabrando o violão, sem attender a rogos, foi descancar num colchão civilizado das attribuições daquela noite de sertão: "Não, seu Arinos, isto não é mais para mim".

Não quero, com esse caso, dar armas a quem põe em duvida a sinceridade de Catullo. Sinceridade de poeta, quaes os teus limites? Sinceridade não pôde ser sómente a expressão de uma sensação immediata, de uma visão completa das coisas. A memoria, a fantazia, o desejo, tudo concorre para a obra poetica, e tudo concorre — nos verdadeiros poetas — expontaneamente, do fundo da alma sensível e aberta. Catullo largou do sertão aos 18 annos, viveu na cidade, perdeu os hábitos rudes do sertanejo, mas ficou sertanejo de alma. Longo tempo, na propria alma, o artificio citadino obumbrou a luz admiravel que elle trouxera do seu berço. E Catullo foi poeta mais que mediocre, Thomaz Ribeiro ou Casimiro de Abreu edição Quaresma, piégas verzejador de esquina. Um dia, porém, ignoro se os véos tombaram por si, ou se lh'os fizeram tombar; o certo é que um dia se lhe foram os restos do trivialismo inodoro e surgiu o vate sertanejo, o cantor da terra, o filho do sertão que adormecera na cidade. E a floração foi magnifica: O Luar do Sertão, os Filhos do Ceará, o Marroeiro, a Terra Cahida, o Lenhador, diamante por diamante a ganga rude foi pintando de raios. E quaesquer que sejam os anachronismos ou impropriedades notadas, são flores sylvestres, cujo perfume se condensa em torno num halo de deifeza, como as flores do Norte em lucta contra o sol.

Não é uma região que canta nos seus versos. E' toda a vida andeja desses homens magros e encoirados, que comem leguas sem parecer, é toda uma raça de gente forte e mofina de aspecto, que vai tangendo o gado, varejando nos rios, bateando o cascalho de Diamantina ou colhendo o algodão do Seridó.

Catullo é a expressão artistica de todo o sentimento poetico esparso pelas almas simples do interior. Nelle se condensaram todos os vapores que as aguas do S. Francisco, do Amazonas ou do Tieté faziam subir lentamente. Ca-

tullo deu fôrma a essa poesia informe, guardando, porém, a lingua quanto possível approximada da expressão local. Ainda por essa razão não pôde ser um poeta nacional. O fallar sertanejo não chega a ser um dialecto; nelle se não pôdem descobrir regras fixas ou fôrmas dêterminadas. E' a corruptela do idioma que nos herdou Portugal. Da mesma fôrma que o sertanejo não é senão uma sub-raça, seu fallar não passa de uma sub-lingua. Nem por isso, porém, deixa de existir incorporada essa massa de homens de character tão semelhante, em cujo sangue o caldeamento é quasi identico e cuja lingua, portanto, tem o direito de persistir, corruptela ou não, como expressão dessa onda de gente, o grande peso da nacionalidade. Que importa que essa lingua não seja senão o português errado, sem verbos regulares, sem grammatica, sem concordancias, se ella tem a belleza da fôrma adequada, se ella é bem a expressão sonôra da grande alma sertaneja! E Catullo, vate do sertão, porque soube guardar o sentimento de sua infancia, e as paisagens e os epizodios, e a grande tristeza do nosso interior onde a natureza absorve o homem, soube exprimir o sentimento que se evola de toda essa rustica epopéa dos novos bandeirantes isolados.

O livro de Catullo, excluido o "A Caminho do Sertão", peccado que o livro resgata de longe, reminiscencia da maneira anterior do poeta, é todo elle de uma unidade perfeita. Não pôdem ser destacadas uma ou outra dessas exclamações tão expressivas que fazem reter a leitura e os olhos sorrirem, não conseguimos citar sem injustiça uma canção, uma quadra, um devaneio, deixamos de repetir comparações e figuras que são verdadeiros olhos de poesia brotando a cada passo, porque o livro o não permite. A voz é uma só, feita de todos os recantos sonóros desses poemetos de terra e de folha e de agua e de lúá, até expandir-se em cheio no "Lenhador", pequenina epopéa vegetal, que coroa de sol toda a obra.

A. AMOROSO LIMA

IMPRESSÕES DE VIAGEM ⁽¹⁾

DE IGUABA AO CABO-FRIO, DO CABO Á ARMAÇÃO DOS BUZIOS

Tres cousas irritam profundamente a quem chega a Cabo-Frio: a agua, a falta de illumination e a disposiçao das janellas das casas, quasi sempre abertas em sentido perpendicular aos ventos mais constantes que são o nordeste e o sudoeste. Um velho morador do lugar deu-me a explicação. Outrora os ventos eram dez vezes mais fortes do que hoje são, de maneira que em vez de ser procurado era temido; d'ahi a abertura das janellas no sentido em que ora se vê. Por isso mesmo os ventos penetram mal nas casas, de maneira que noites fresquissimas são lá taxadas de quentes e, o que é peor, deixando em paz os mosquitos. Sahir de uma dessas casas pela madrugada é por vezes um passo arriscado, é sair de nma estufa e entrar na ventania. Felizmente, porém, agora já se enida na construcção das casas novas, de canalizar mais o ar.

Passar o verão em Cabo-Frio, numa casa com janellas abertas para os ventos, é um encanto porque, das nove ás tres horas da tarde, o sol queima como nunca vi em parte alguma, mas dali por diante começa a abrandar dando tardes fres-

(1) V. numero de Dezembro de 1918.



quissimas e noites quasi frias, o que aliás não impede que as sombras na hora maxima da canicula sejam magnificamente ventiladas.

Caça aos maribondos.

O espectáculo mais curioso que presenciei ao sol foi a caça aos maribondos pela criança local. Reunem-se ao meio dia, na Praça de N. S. da Assumpção, meninos de oito a doze annos e, de vara em punho, correm atraz dos maribondos, fustigando-os no ar até mata-los. Mas como lá não se conhecem as perigosas invenções dos gelados e dos ventiladores, a criança sahe dahi para outros brinquedos ao sol, sem o menor indício de insolação.

A respeito de crianças Cabo-Frio mereceria uma referencia especial. Que lindos modelos para um pintor de anjos!

Um pintor nesta terra teria aliás um mundo de cousas para glorificar-lhe a tela. As noites sem luar na lagoa, com as diversas cambiantes da cor escura: a agua, a sombra de uma canoa, a da rede, combinadas com a luz mortíça das lamparinas dos pescadores de camarão, formam um painel capaz de pôr sobre a frente dos mestres os louros dos illuminados. Não só os tons escuros mas ainda os effeitos de luz e de sombra sobre o mar, a lagoa e as collinas do lado opposto á cidade estão como que a pedir o pincel de um genio.

Um passeio pittoresco.

Uma tarde resolvi fazer um passeio pittoresco com pretensões historicas. Em caminho do canal da barra da lagoa fiz escala pela Camara Municipal. Ahi obtive um folheto de valor, um memorial apresentado ao Presidente do Estado de então, relativamente ao dominio directo da Municipalidade no logar denominado Figueira. — Após uma palestra com um funcionario gentilissimo, sahi com o folheto e uma triste decepção: — o archivo municipal tem quasi todo desaparecido.

O bairro proximo á barra, chamado laconicamente de Passagem, é a cidade dos operarios e homens do mar. Ahi estão localizados, na confusão geral das cordoalhas e acores os mo-

destos estaleiros de construcção de canôas, bateiras e bate-lões, alguns armazens de sal, caieiras e fabricas de conservas de camarões. Entre a Passagem e o resto da cidade fica o bairro intermediario de S. Bento que, embora variando de nome, tem o mesmo aspecto e até confunde-se perfeitamente com aquelle. Nesta parte da cidade encontram-se grandes extensões de terreno inteiramente aberto e absolutamente plano e baixo. Os trechos arruados em meio dos quaes se ergue a capellinha de S. Bento, velha, sem arte, de paredes já meio enegrecidas e sem o menor vestigio de inscripção de data, dão a triste impressão de uma cidade sem cadastro. Junto á barra existem dois outeiros baixos, de graniço escuro, embora cobertos de terra e grama em grandes extensões. Embaixo e no alto de um delles ainda se conservam alicerces que lá são considerados como da antiga fortificação dos francezes. O mais curioso, porém, é uma muralha larga e longa que, começando no outeiro, vem ter perto de uns comoros de areia, onde acaba por uma escada de pedra e cal. Num dos dois lados desta, no que fica em frente ao mar, vi uma placa de cimento ou talvez cal, onde ainda se distingue perfeitamente um desenho em relevo, muito semelhante ao ramo de café do antigo escudo imperial. Não consegui saber do que isto significava, em todo o caso supponho que durante o regimen passado a alludida muralha houvesse tido aproveitamento militar e dahi a collocação do escudo.

Um forte colonial.

No outro outeiro á beira do mar, ao invéz do primeiro, que fica na entrada da lagoa, ergue-se o antigo forte colonial de S. Matheus. Hoje fez-se-lhe inteiramente um coberto com uma parede e duas portas e deu-se-lhe o nome de lazareto. Com a alta da maré o outeiro estava ilhado; por isso pedi a um pescador o obsequio de me transpor aos hombros emquanto o companheiro segurava-me o cavallo. Logo em baixo, quasi á flôr das ondas, ha cinco canhões meio soterrados. O forte, ao alto, seria inteiramente quadrado si não houvesse ao fundo um puxado onde devia ter sido a cisterna pois ha ahi, sahindo

de uma das paredes, um pequeno boeiro de telha, desaguadouro talvez da mesma, no excesso das chuvas. Ao correr da muralha, doude sahe o puchado, foi construida modernamente o coberta do lazareto, na qual não eutrci, bem como ua supposta cisterna, por medida hygienica.

Galguei por um atalho, á borda de um despenhadeiro, uma muralha com menos de um metro de altura sobre talvez um de largura e achei-me na esplanada do forte. Esta é simples: uma grande area calcada de pedra, cercada de muralhas de uma só grossura, uma atalaia de pedra e cal ou talvez tijolo a um canto e uma larga esca'da de pedra, que ia ter á porta principal, hoje substituida por outra vulgar, de madeira. Quatro canhões de ferro, sendo dois encostados ás muralhas e os outros no meio da area onde a relva cresce alta, completam as curiosidades do fortim. Em tres delles consegui ver junto á culatra as inscrições — 44 — 0 — 14, 44 — 3 — 14 e 45 — 0 — 14, bem como as armas das quinaz portuguezas com os sete castellos e cinco escudos, rememorando-nos vinte e cinco, aliás trinta dinheiros, a façanha catholica e nacional de Ourique. A vista dahi é magnifica, não só para a bacia de Cabo-Frio e entrada da lagoa mas tambem para o oceano.

Transposta novamente a muralha, desci os atalhos e em menos de um minuto eis-me na praia donde o pescador me transpõe aos hombros para a terra firme. Estava apressado porque tinham visto o peixe e a canôa ia partir. Confesso que tive os meus calafrios ao me lembrar que, chegando tarde, talvez houvesse impedido o effeito completo da pescaria. Offereci-lhes uma prata, que um acceitou meio vexado e o outro recusou com delicadeza. Tinham feito um obsequio e um obsequio não se paga.

Cavalheirismos desta especie não são raros, antes constituem um dos mais curiosos aspectos da população da cidade.

Dois sectarismos.

Outro não menos curioso é o espirito de facção. Tempos houve em que se formaram partidos até sobre baudas de musica: uma, a da Lyra Cabo-Friense e outra, a dos Jaguços.

A primeira occupou, com os seus admiradores e associados, a parte da cidade que vae do largo da Assumpção até a Barra; a segunda, a que começando do mesmo ponto acaba no Morro da Guia. Separaram-se bairros, populações e até o commercio. Eram duas cidades rivaes. Um Lyra não se arriscava, sem maior necessidade, a entrar no bairro Jagunço e vice-versa. Dessas divergencias sahiram conflictos serios em que correu sangue e incendiaram-se casas.

Lavrou neste tempo a luta entre o Dr. Alfredo Backer e a Vice-Presidencia da Republica, de maneira que as sociedades musicaes filiaram-se por fim aos partidos politicos. Hoje, porém, apesar dos resentimentos antigos, as antigas familias Lyras e Jagunças já se começam a approximar e dentro em breve estarão no seio de Abrahão.

Parece que o velho espirito de discordia religiosa, trazido pelos Calvinistas, deixou ahi uma semente perdida qualquer, porque esta é a unica pequena cidade brasileira do interior, onde se observa um grupo regular de protestantes. Isto aliás deve ser attribuido, em grande parte, á falta de tino das autoridades ecclesiasticas, que não cuidaram em tempo opportuno de agir como deviam.

As salinas e os salineiros.

Conhecidas as curiosidades historicas da cidade, resolvi uma tarde fazer com meu irmão um passeio á Salina Grande.

Atravessamos pela restinga uma planicie immensa, onde vegeta uma flora variada e esquisita e, após cerca de tres quartos de legoa de viagem, fomos ter a uma ligeira elevação de terreno coberto de matto alto. Atravessamol-o por uma estrada deliciosamente sombreada e eis-nos na Salina do Viveiro e por fim na Salina Grande, onde Cassio Jolles nos recebe com affabilidade. Esta ultima é a maior de toda a lagôa e está situada, como a do Viveiro e a de Maria Quintanilha, em terrenos onde a producção de sal é mais facil e abundante.

Numa casa alta, espaçosa e construida com um conforto e bom gosto que dão ao viajante uma impressão de completo



bem estar, vive Cassio Jolles inteiramente entregue á direcção geral da salina e aos carinhos da esposa e quatro filhinhos. São umas crianças encantadoras que, entre meiguices e travessuras, recebem-nos offerecendo raminhos de cravos do jardim.

Sentamo-nos em cadeiras de balanço, de vime, estendidas pela varanda que circunda a casa e começamos a palestrar.

Não sei nada a respeito de salinas; dahi se encaminhar a conversa para tal assumpto.

O primeiro trabalho do salineiro consiste em descobrir na restinga, á margem da lagoa, terrepos forrados de tabatinga e requerer o seu aforamento á Camara Municipal, pagando para isso mil reis por hectare, annualmente. Obtidos o aforamento, procura-se ou antes escolhe-se, pois os offerecimentos são muitos, um contractante com o qual se faz um contracto de construir este por sua conta a salina, retirando para si a renda integral durante quatro annos e dividindo-a ao meio com o proprietario, durante os oito annos seguintes.

Por semelhante contracto, que é o mais commum, o salineiro fornece apenas as bateiras que conduzem o sal ao porto de embarque para o exterior, comtudo algumas vezes mesmo estas são fornecidas pelo contractante que, em compensação passa a ter oito annos de lucro liquido e quatro de meio lucro.

Findos os 12 annos de contracto, passa a salina para o proprietario que a explora directamente. Como, porém, nunca é entregue a um só contractante um grande terreno sinão alguns dos lotes em que o mesmo é repartido, segue-se que terminados os contractos, começam as despezas que só apparecem numa salina de graude extensão, como sejam trilhos para a conducção do sal para a praia da lagoa onde se faz o embarque e, entre muitos outros, a maior de todas, a construcção do armazem de deposito da mercadoria.

Os armazens são de construcção solida e cara, pois, no caso contrario não resistirão ao peso do sal e abalarão facilmente. Para evitar uma tal despeza é que alguns salineiros, e são muitos os que assim fazem, deixam a mercadoria exposta ao



tempo, o que lhes dá prejuizo regular por occasião das chuvas demoradas.

— De maneira, interrompo, que bastam mil reis annualmente pagos por hectare de terreno salinico e a boa sorte de haver descoberto tabatinga entre os gravatás e cipós da margem da lagoa para que se venha a ser salineiro.

— Sim, mas em todo o caso, sorte que já é rara porque os terrenos estão por assim dizer todos descobertos, è mil reis que em não pago, nem o Mario Quintanilha, nem o Nogueira.

A primeira salina.

Então fico sabendo que a primeira exploração regular de sal foi feita por Luiz Lindenberg, que para isso obteve a concessão de uma facha de terra á margem da lagoa, por um decreto de D. Pedro I, de 1824. Como, porém, só em 1828 fosse publicada a lei organica dos municipios e o reconhecimento, em 1847, por lei provincial, do direito destas aos terrenos confinantes no lugar denominado Matta da Figueira viesse implicitamente reconhecer a plena propriedade do concessionario, segue-se que este ultimo, por um direito assegurado e reconhecido, não teve obrigação alguma para com a Camara. Posteriormente a alludida salina passou, por herança ou outros titulos quaesquer, aos salineiros referidos, que estão por isso mesmo exemptos do pagamento de foro.

As questões de terra, que são convenientemente resolvidas em Cabo-Frio por accordo amigavel, começam a causar impressão de certo tempo para cá, depois que foi proposta, em juizo competente, uma acção possessoria em que figuram como autores os herdeiros de D. Maria Paula, pretendendo reivindicar grande parte da restinga de Cabo-Frio, como espolio do extincto morgadio da alludida senhora. A causa está ainda no Supremo Tribunal Federal, mas parece que suscitou alta polemica e estudo, pois, para tal fim, vi em mãos de um salineiro um exemplar, comprado por quantia superior a cem mil reis, das Memorias Historicas de Monsenhor Pizarro*.

Questões desta especie não são as de maior relevo, sinão



apenas de maior notoriedade pois, trazendo ordinariamente em seu bojo uma pagina erudita de historia demographica das margens da lagoa e muito particularmente da restinga, esbarram quasi sempre na prescripção immemorial.

As questões mais serias a se agitarem em Cabo-Frio, que já o teriam sido si não para a mania vieiosa dos acordos, quasi sempre de valor juridico oscillante, são as multas, sobretudo as *fimum repundorum*. De uma maneira geral pode-se dizer que destas ultimas só por excepção escapará um salineiro.

Para nos convenceremos disto basta um passeio por uma salina. São ali imprescindiveis um grande lago onde é guardada a agua da lagoa, então trazida de uma vala de communicação, com esta, por uma bomba hydraulica movida por um moinho de vento. Neste lago ou viveiro, como é chamado, a agua, batida pelos ventos e emposta ao sol, augmenta consideravelmente de grão, depois do que, ainda pelo mesmo processo hydraulico, é transferida aos quadros das salinas. Esses, em numero de cinco, não são mais do que uns quadrados forrados de tabatinga bem soceada e limitados por sarrafos de madeira com menos de um palmo de espessura sobre cerca de cinco metros de comprimento. São todos contiguos e construidos de tal forma, que, pd primeiro ao quinto, o nivel vac descendo sempre e cada vez mais. Nestas condições umas pequenas aberturas nos sarrafos divisorios fazem com que a agua possa deseer do primeiro ao quinto quadro onde se crystalliza definitivamente em sal.

Uma salina por menor que venha a ser nunca se compõe exclusivamente de um viveiro e cinco quadros, o que seria uma especie de mendicancia industrial, mas de um ou dois grandes viveiros e tantos grupos de cinco quadros quantos for possivel construir.

Além disto ha uma porção de factores da maxima importancia na rapidez da crystallização e intimamente ligados á permeabilidade ou quigá composição chimica do solo, que fazem actualmente e fal-o-ão muito mais para o futuro, disputadissima nna determinada nesga de terra.

A industria do sal.

Uma salina a funcionar é um bello espectaculo. O vento nordeste, revolvendo com força toda a natureza em derredor, es moinhos agitando no ar as pás brancas, os operarios puxando com os rodos para um canto do crystallizador o sal humido em via de seccar, a bateiras carregadas em demanda do porto e, lá muito ao longe, limitando os confins dos xadrezes pontilhados de mantos brancos de sal, a sebes verdes de *arredicho*, o gravatá espinhoso e de nome suggestivo, formam um conjuntó admiravel de ordem, de trabalho e de belleza.

Para se fazer uma ideia vaga do lucro que dá uma salina basta saber-se que, com o sal a oitocentos reis o sacco, o preço mais baixo até hoje conhecido, ainda assim o salineiro consegue fazer um conchavo com o exportador, que paga os impostos em quantia superior ao preço da mercadoria e ambos finalmente cobrem as despezas e retiram sempre umas aparas economicas que ninguem põe fora.

Agora, com o sal a cinco mil reis, estão os salineiros quasi que nadando em ouro e um tal estado de cousas parece que tende a se manter firme porque, descoberto, como foi ha pouco, pelos chimicos do Ministerio da Agricultura, um processo facilimo de se obter sal sem magnesia, dentro em breve os charqueadores do sul passarão a importar de Cabo-Frio o que até então tem vindo de Cadiz.

O que aqui fica é menos da metade da impressão fiel das probabilidades economicas desta terra porque, só a industria da cal, a melhor do Brazil, a dos peixes seccos ou em salmoura, a do gesso, ainda não iniciada mas de que as salinas dão uma materia prima abundante e reputada excellente, a fructicultura, sobretudo a das fructas de Conde, saborosissimas além de quasi nativas, e finalmente a pecuaria recommendam de sobra uma qualquer região aos cuidados dos governos capazes. Além de tudo, accresce que, sendo Cabo-Frio um lugar em que as tardes, as manhãs e sobretudo as noites são fresquissimas no verão, poderá tornar-se, dada a presença de uma praia muito batida embóra sem o perigo das correntes marinhas, a



primeira cidade balnearia do Brazil. Mas esta cornucopia de vantagens está inteiramente posta de lado e consideravelmente diminuindo de valor, porque a patriótica concessão feita á Estrada de Ferro Leopoldina foi tão patrioticamente elaborada que até hoje o trecho de estrada de ferro de Capivary a Cabo Frio ainda não foi sequer iniciado.

Falta de ferrovias.

Toda esta caudal de riquezas está dependendo exclusivamente da estrada de ferro afim de attingir o melhor do seu surto. Pode-se sem receio dizer que de Cabo-Frio ao Rio só ha transporte regular para o sal, porque o transporte por agua, aliás deficiente, mal chega para esta mercadoria. Quem quizer montar uma grande fabrica em Cabo-Frio esbarra logo na difficuldade do transporte do material para a sua installação, quasi sempre espaçado, difficil e incerto. O mesmo acontecerá a quem quizer montar um hotel balneario, porque se ha de arriscar a não ter clientela á vista da deficiencia de conducção.

Não ha absolutamente exaggero no que digo porque a Estrada de Ferro de Maricá, além de sem conforto e falha de recursos de toda a especie, leva os trilhos apenas a Iguaba e, dahi por diante é feita a viagem por uma lancha sem a menor ligação contractual com a companhia. De maneira que, não só a mercadoria não pode ser despachada pela lancha por haver apenas espaço para a bagagem commum dos farrapeiros, como por seu turno quem assim o tentar, ha de ter um intermediario em Iguaba para lá então realizar novo despacho na estrada de ferro.

Outro ponto em que o descaso dos nossos governos tem sido lamentavel é o que diz respeito á falta de uma succursal do Banco do Brazil em Cabo-Frio. Felizmente parece que Deus é mesmo brasileiro porque até agora nenhum banco europeu ou americano lembrou-se de criar ahi uma base de operações mercantis. Houvessem elles agido ha mais tempo, emprestando dinheiro na epoca do sal baixo, e com certeza que estariam a esta hora senhores do melhor quinhão da industria.

Um tal perigo é tanto mais grave quanto já chegou o tem-



po em que deve ser objectivo dos governos limpos o impedirem, sinão directa, ao menos indirectamente que certas industrias de lucro facil venham a cahir em mãos de estrangeiros. Que caiam em suas mãos industrias de lucro certo, mas em todo o caso dependentes de um capital de que não podemos dispor, vá; mas que outras como a do sal, onde apenas se exige um homem trabalhador e intelligente, tenham o mesmo destino, é demais.

PORFIRIO SOARES NETTO





Desenho de Vander-Burch
Navegação no Rio Doce

GRAVURAS ANTIGAS



GRAVURAS ANTIGAS

Caga do jaguar na floresta brasileira

Desenho de Vander-Burch

VOCABULARIO ANALOGICO

IX

Cores e signaes de cavallos

Alazão, côr de canella; tambem se diz lazão.

Amame, de duas cores, preta e branca.

Argel que tem malha branca no pé direito: **argel travado**, si a malha tambem existe na mão direita; **argel trastravado**, malhado no pé direito e na mão esquerda; **argel trevalvo**, calgado do pé direito e das duas mãos; **argel quadralvo**, malhado dos quatro pés.

Armino, malha de cabellos no casco do cavallo, armim.

Atavanado, ou atavonado, escuro com pintas nas ancas ou nas espaduas.

Azulego, (bras. do sul), azul quasi preto com pintas brancas, cujo conjuncto, á certa distancia, parece de côr azulada. Os animaes desta côr são excellentes, porém mui raros. Romaguera, vocabulario Sul Rio-Grandense.

Baio, côr de ouro desmaiado. O sr. Romaguera Corrêa descreve as seguintes variedades:

baio amarello, quando sobressae a côr amarella;

baio ruano, quando as crinas são um tanto esbranquiçadas e o corpo amarello;

baio oveiro, em que ha manchas brancas ou amarellas;

baio encerado, quando apresenta a côr um tanto escura, com poucos cabellos amarellos, parecendo-se com a cera escura;

baio tobiano, que tem a cauda ou a raiz desta manchada de branco e o resto do corpo amarelado, ou então o que possui, alem das manchas amarellas, outras brancas em certas e determinadas regiões do corpo;

baio sebruno, cuja côr pouca differença faz da do encerado.

Barroso, (bras. do sul), escuro acinzentado, côr de barro.

Bragado, que tem as pernas de côr differente da do resto do corpo.

Branco-couros-negros, (bras. do sul), pêlo completamente claro, sendo negro o couro.

Cabeça de monro, que tem cabeça negra e outra côr no resto da pellama.



- Calçado**, que tem malhas nos pés ou nas pernas.
- Cambraia**, (bras), completamente branco.
- Camurça**, baio muito claro, com a clina e a cauda mais claras do que as do baio.
- Cardão**, o mesmo que ruço: "O cavallo cardão, que elle montava, parecia comprehendel-o." Alencar, O Sertanejo, I, 16.
- Careto**, diz-se do burro, que tem o focinho todo negro.
- Castanho**, côr de castanha.
- Colorado**, (bras. do sul), vermelho, encarnado.
- Debruado**, diz-se do cavallo cujo pêlo tem listas brancas. Tournay, Lexico de lacunas.
- Douradilho**, de côr avermelhada; (bras. do sul), correspondente a castanho.
- Entrepêlado**, (bras. do sul), que tem tres cores muito misturadas: branco, vermelho e preto.
- Façalvo**, que tem o focinho quasi todo coberto de um signal branco.
- Ferreiro**, (bras.), que tem o pêlo côr de rato.
- Forneciro**, de côr ruiva.
- Frontino**, que apresenta malha branca na testa.
- Gargantilho**, (bras. do sul), que tem o pêlo da garganta manchado de branco.
- Gateado**, (bras. do sul), pêlo que se appproxima do amarello desmaiado.
- Interpolado**, que tem pêlos brancos entremeados com pêlos escuros.
- Isabel**, em que cada pêlo é metade branco e metade amarello; côr de camurça.
- Lavado**, na expressão castanho lavado, em que a côr castanha é muito pronunciada ou tirante amarello.
- Lobuno**, (bras.), que tem o pêlo escuro é um tanto acizentado como o do lobo. Usa-se tambem das fórmams lubuno e libuno: "O corsel lubuno, pastor da tropilha." Affonso Arinos, Pelo Sertão, 62. "Era um potro libuno." Coelho Netto, Sertão, 80.
- Loutra**, baio bem sujo, com a cara ás vezes baia.
- Lunarejo**, (bras. do sul), que se distingue por qualquer mancha ou signal no pêlo.
- Malacara**, (bras. do sul), que, tendo o corpo de uma ou mais cores, apresenta na testa uma mancha branca.
- Malhado**, que possui malhas ou manchas.
- Manalvo**, que tem manchas brancas nas mãos.
- Mascarado**, de qualquer côr, mas com a cara branca.
- Melado**, (bras. do sul), de pelle e pêlo brancos, tendo quasi sempre os olhos ramelosos.
- Melroado**, que tem a côr escura do merlo.
- Mil-flores**, mesclado de branco e vermelho.
- Mosquado**, malhado de escuro em qualquer ponto limitado dos pelames de côr clara.
- Morzelo**, de côr preta.
- Mouro**, (bras. do sul), preto salpicado de pintinhas brancas.
- Náfego**, que tem um quadril ou anca mais pequena que a outra.
- Nambi**, (bras. do sul), com uma ou duas orelhas caídas, muito pequenas.
- Nevado**, o mesmo que interpolado.
- Oveiro**, (bras. do sul), que tem manchas avermelhadas ou pretas sobre o corpo branco. Póde tambem o corpo ser preto ou vermelho com manchas brancas.
- Pampa**, (bras.), de duas cores.
- Paugaré**, (bras.), de pelame vermelho escuro ou amarellado, tendo o focinho vermelho claro ou desmaiado.
- Pedrez**, salpicado de preto e branco.
- Pêga**, o mesmo que malhado.
- Pêlo de rato**, de côr parda.
- Pêlo de tigre**, mosqueado como

- a pelle de tigre; tigrado, atigrado, tigre.
- Pezenho**, côr de pez, pezanho.
- Picasso**, (bras.), que tem o corpo preto, a testa e os pés brancos, ou então somente a testa desta côr.
- Pigarço**, malhado de preto e branco ou de côr grisalha, picarço.
- Pinhão**, zaino claro, côr de vinho carregado.
- Pombo**, de pelle preta, coberta de pêlos brancos e com crinas de igual côr.
- Prateado**, branco, mascarado, com pintas pêlo corpo.
- Quatr'alvo**, malhado de branco até os joelhos, quadralvo.
- Queimado**, tordilho claro.
- Rab'alvo**, de cauda branca.
- Rabão**, que tem a cauda curta ou cortada; rabicó, rabucho, rabichão.
- Rabicão**, que tem a cauda mesclada de branco.
- Rato**, o mesmo que pêlo de rato.
- Raudão**, synonymo de rosilho: "Cavalgava um cavallo raudão." Herculano, O Monge de Cister, I, 289.
- Remendado**, malhado ou mosqueado: "O cavalleiro estava em cavallo fomeiro remendado e grande." Palmeirim, I, 304.
- Rodado**, que tem pequenas manchas arredondadas: "Sahiu em cima de um cavallo ruço rodado." Palmeirim, I, 419.
- Rosilho**, que tem pêlos brancos de mistura com maior numero de outros vermelhos ou escuros, conforme o cavallo é rosilho vermelho ou rosilho mouro; rucilho.
- Ruano**, ou ruão, mais claro que o alazão, apresentando a cauda e as crinas amarellas esbranquiçadas, bem como a ponta do focinho, orelhas e cabellos das mãos.
- Ruço**, pardo claro; que tem mistura de pêlos brancos e pretos.
- Sabino**, de pêlo branco, mesclado de vermelho e preto.
- Salgo**, (bras.), que tem um ou ambos os olhos brancos, e em geral palpebras inflammadas e sem cilios; sapiroca.
- Sopa de leite**, de côr branco tirando á isabel.
- Tigonado**, malhado de negro: ruço tigonado.
- Tordilho**, equivalente a ruço: tordilho negro, quando sobresaem os pêlos escuros; tordilho sabino, quando é salpicado de pêlo branco de manchas vermelhas.
- Tostado**, escuro: "Cavalgava em um cavallo alazão tostado." Palmeirim, I, 130.
- Zaino**, de pêlo todo castanho escuro; saíno.
- Zarco**, o mesmo que salgo.
- Zebruno**, côr mais ou menos escura; sebruno.

FIRMINO COSTA.



BIBLIOGRAPHIA

AGENOR SILVEIRA — Rimas — Versos
— Ed. Typ. "D. Escholastica Rosa" — Santos — 1919.

E' facto curioso, nestes tempos em que todos os poetas, novos e antigos, vivem mais ou menos saturados da moderna poesia franceza, de Gauthier para cá, o existir algures um bardo 'brasileiro cujos versos possuem um sabor pronunciadamente vernaculo, trazendo á mente dos leitores o falar camoneano, o de Sá de Miranda, de Ferreira, de Bocage... Tão curioso, que só elle predispõe á sympathia pelo autor, antes mesmo que o valor artistico da obra entre em consideração. Essa immuniidade para com o virus da gallocisação intellectual é, já de si, um merito digno de uma regular parada admirativa ante tão singular manifestação literaria. E' indício de que a lingua portugueza ainda serve para alguma cousa como vehiculo de ideias e de emoções, pelo menos para aquelles que a sabem e a estimam.

E' bem esse o caso deste artista que agora nos apparece com o livro de versos — **Rimas**. Agenor Silveira, que tão auspiciosa estréa fizera com os seus contos escriptos em lidima linguagem quinhentista, dá-nos, desta feita, um mimoso volumesinho de lindas poesias pelas quaes derramou toda uma serena onda de lyrismo suave e puro. Versos de uma feitura impeccavel de parnasiano, estas Rimas ostentam a mais disso, uma linguagem escorreita e vazada nos mais puros moldes do portuguez legitimo, o que empresta relevo inestimavel ás emoções que ellas traduzem, tornando-lhes o conjuncto admiravelmente harmonioso de graça e de esthetica.

Basta, para justificar esta nossa opinião, trancrever aqui, tomando-o a esmo, um dos diversos sonetos que adornam o livro: NEL MEZZO DEL CAMMIN...

Eis-me, afinal, sem ti! — dura verdade
Com que se não conforma o entendimento,
Por mais que me torture esta saudade,
Nascida de tão triste apartamento!

Separou-nos tremenda tempestade;
Tudo perdi nesse fatal momento!
E eu te amei tanto! Imaginar quem ha de
Minha dor, meu pesar, meu soffrimento!

Eis-me, afinal, sem ti, sem teu carinho,
Sem teu amor, sem fé, sem luz, sem nada,
Tonto, da vida a olhar para o caminho!

Como ha de ser difficil a jornada
Que eu tenho agora de emprehender sosinho,
Por esta longa, immensa e escura estrada!

Mas não nos furtaremos ao gosto de deliciar-nos mais uma vez com a leitura dessa outra joia, em que o poeta demonstra os seus fecundos conhecimentos do idioma e da maneira de poetar dos antigos vates portuguezes: E' o soneto HUMILDADE.

A seu rigor, Senhora, tam sujeito
Minha estrella me traz imiga & dura,
Que nam posso crer nunqua na ventura
De vir a ser de vós bemquisto & acceito.

Se m'inclinaes os olhos desse geito,
E se comigo usaes tanta brandura,
Hé só pena de minha sorte escura,
Piedade he só que move o vosso peito.

Quem me dera nam fôra isto verdade!
Mas eu quammanhas honras imagino
Só pera nutrimento de vaidade?

Se hum bicho sou tam pobre e pequenino,
Que té da mesma natural piedade
Com que de vós sou visto, — nam sou dino!

Poderíamos citar ainda — Não voltes — Arvore velha — Vencedor — e toda a esplendida Egloga unica, que encerra o livro, se mais longas transcripções fossem necessarias para demonstrar que Agenor Silveira é daquelles que têm um lugar distincto em a nossa literatura nacional.

FRANCISCO DE HOLLANDA — Da
Pintura Antiga — Ed. Renascença Portu-
gueza — Porto — 1918.

O erudito bibliographo sr. Joaquim de Vasconcellos prestou aos estudiosos mais um bom serviço promovendo, juntamente com a "Renascença Portuguesa", uma edição definitiva da obra de Francisco de Hollanda, o artista portuguez, que, andando pela Italia em meados do seculo XIV, foi intimo de Miguel Angelo, de Vittoria Colonna, do duque de Pescara e outros artistas e mecenas illustres, obreiros do renascimento italiano.

Da Pintura Antiga é uma obra curiosissima, que era até aqui consultada e commentada por todos os que se interessam no estudo daquella epocha de agitada effervescencia de cultura e de classicismo.

Mas até agora a obra de Hollanda jazia incompletamente editada, fragmentariamente, em revistas literarias, não existindo uma edição cuidada e definitiva que a puzesse ao alcance de todos os que a desejassem ler, abreviando as difficuldades das buscas e confrontos nos follios escassos e não raro truncados e alterados por copistas inhabeis. Esse o serviço prestado pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, que, ao commentar os escriptos do Hollanda, poz toda a sua erudição e competencia em tornal-a tão correcta quanto possível, uniformisando-lhe a orthographia e a pontuação, afim de tornar-a sua comprehensão mais accessivel aos desacostumados do manuseio de codices antigos.

Dá uma perfeita ideia do tom e do espirito da obra de Hóllanda, o **CAPITULO XXVIII**, que abaixo transcrevemos:

DA PINTURA DAS IMAGENS INVISIBLEIS

As imagens invisíveis, posto que as nunca vemos, muitas vezes as devemos buscar e querer ver com a vertude da pintura, assi para lhes pedir e rogar, como para nellas contemplar; e com seu alto desejo e lembrança desejaremos mais de as ver e ser em sua companhia n'aquella eternidade em que estão. E por tanto estas são muito mais altas e dificeis que nenhuma outras pinturas, porque a sua forma, que não tem, é cousa mui ardua querer-lh'a apropriar e dar conforme ao espirito como são. E n'isto poder tanto como pode a espiritual arte da pintura e um misero de um homem, se conhece quanto poder e favor nos deu Nosso Creador, e como em tudo somos feitos á sua imagem e semelhança. E para este lugar queria eu a maior parte da theolesia ao grande pintor. E posto que o gravissimo theologo São Dyonisio Ariopagita da licença para os epri-

tos angellicos (donde começamos) serem pintados ora em flamas de fogo, ora em nuvens, e noutras semelhanças; todavia a mais conforme sua imagem ou forma assenta ser a humana, dando-lhe viveza d'olhos, olfato do nariz, graça de boca, pronteza de ouvidos, presteza de mãos, velocidade dos pés, e todas as outras partes. Assi que, havendo de pintar as tres ordens e hierarchias dos angellicos spritos, como são: anjos, arcanjos, principados, potestades, vertudes, domnações, tronos, cherubins e serafins, ou pintando cada um destes spritos celestriaes por si, primeiramente elles serão em formas mui proporcionadas e fremosas de meninos, ou mancebos, ou de velhos; as suas faces e vultos serão inflamados e acesos em grande fervor e amor; as mãos e os braços e os pés do mesmo ardor vellosimos e aparelhados ao mandamento e serviço divino em todo o tempo; os seus olhos enlevados e esquecidos em sua contemplação; os seus cabellos acesos como raios. Mas as suas vestiduras e ornamentos ás vezes serão de linhos alvos e castissimos, ás vezes d'especte de nuvem, e ás vezes de resplendor ou flama; e das mãos e dos pés delles saião raios. As asas dobradas se podem por aos anjos, e assi mesmo nos pés por mostrarem sua presteza, mas tambem podem ser pintados sem terem asas algumas, e com tal stremlidade e tão angellica, que pareça serem anjos, como já os alguem pintou.

FRANCISCO DAMANTE — Na Roça —
Ed. Typ. Cumino — S. Paulo — 1919.

Um folheto de cincoenta paginas, epigraphadas á maneira de calendário... Nellas, um pouco de phantasia, ao velho estylo, a proposito de cada mez, com resaios a mythologia e reminiscencias de perfis de jornal de aldeia, além de alguns dialogos caipiras — eis o Na Roça.

O auctor será bem joven e o seu esforço para produzir literatura, louvavel. Entretanto, talvez devã encaminhal-o por um pequeno desvlo de rumo — a leitura antes da escripta. Porque o sr. Damante revela qualldades aproveitavels de observação, que não devem ser sacrificadas á sua pressa.

E' asslm que o seus dialogos deveriam ser, mas não são, a moldura de alguma colsa, como um conto ou o pretexto para uma conclusão a que não chegam.

Recebemos :

Mercure do France; La Grande Revue; Revista de Economia Argentina; La Revue de Paris; Revista Delle Nazioni Latine; Rassegna Nazionale; La Revue Hebdomadaire; Revue Bleue Politique et Litteraire; Revue Scientifique; A Fallacia da Reincarnação—por TANCREDO COSTA; Vita e Pensiero; Journal des Dobats; La Sérénade, de SHUBERT—letra e arranjo do prof. PEDRO DE MELLO; Rêverie, idem, idem.

RESENHA DO MEZ

OLAVO BILAC

Morreu Bilac, o poeta das "Virgens Mortas" e de "Ouvir Estrelas".

O grande morto está bem dentro dessas constellações que em vida o bardo excelso se comprazia em mostrar e descrever e estadear—em toda a plenitude de suas scintillações—á turba deslumbrada. Os dois sonetos, os mais queridos, os mais sabidos e repetidos, significam perfeitamente a personalidade do poeta.

Bilac, o espirito constellado, consagrou-se justamente nas duas constellações magnificas, entremostradas e entreluzentes nas quatorze estrellas de tão varios sonetos.

Em ambos, o mesmo material obsessante — a luz estellifera, o esplendor, a magnificencia do ceu meridional. Todavia, quão diversas as ideias, quão extranhas as formas, concorrentes todas, allás, para o mesmo esplendente effeito, o mesmo estupendo exito.

Num, no primeiro,—o romantico poderoso em sua talvez unica manifestação. Ha em "Virgens Mortas" a dor suprema, temperada de uma poesia que é tambem supremo effluvio; dor educada na lingua magica do alexandrino, que não é a dos ais nem dos desesperos tragicos; dor que é resignação, que é

quasi prazer, encantamento d'alma... "das que viveram sós, das que morreram puras"...

Foi a dor unica do poeta da Luz e da alegria, essa requintada, delicadissima dor. Mas está para estudar-se a influencia que exerceu na poetica nacional, tão intensa quanto rica ella é de brasileirismo. Sentimento, imagem, phrase, musica—na lyrica hodierna não raro as encontraremos, aqui e alli, reminiscentes, teimosas.

Bilac, entretanto, está menos entre esses preciosos meteoros que em meio á "Via Lactea" murmurante dos seus sonhos de artista. "Virgens Mortas" foi o acaso de umbroso oasis entre as miragens de um Sahara todo luz, todo fascinação.

"Ouvir Estrellas", ao revez, é o genio da concepção e da forma, a pedra de toque da originalidade do vate. Do primeiro ao ultimo verso, da primeira palavra á ultima, não tem similar em lingua portugueza, nem encontraremos, com o maior trabalho, soneto ou verso de outrem que siquer de longe o recorde. E' que o verdadeiro diamante se lapida para não se amolgar jamais. Delle se desprendem brilhos, não cisalhas. E' impenetravel.

Assim a gloria do cinzelador extrenuo. O camartello do despeito fal-a-á, sómente, refluir ainda mais.

O DIARIO DE TOLSTOI

Este diário é profundamente interessante, por ser de quem é, e pelo muito que diz e ensina sobre os homens e sobre as coisas.

Escreito para si mesmo, sem enfeites e sem ambages, sem nenhuma preocupação artística, em alguns contos mesmo inacabado e confuso, é todavia uma obra admirável de um poder emotivo e de uma beleza moral que augmentam ainda a aureola de doçura e santidade que já cercava a gloria do velho artista e apóstolo de Iasnaia Poliana. A sua alma espelha-se ahí tersa e profunda, meiga e luminosa, duplamente admirável, pelo pensamento e pelo coração, pelo genio e pela bondade.

Doce e extraordinaria figura a desse homem, que apesar de todos os engodos do mundo e da fortuna soube libertar-se das vaidades e mentiras que o tolhiam, que procurou ver claro dentro e em torno de si, e senhor dessa luz interior que tudo aclara e penetra quiz suavisar a passagem do homem sobre a terra e semear nas almas a luz da crença, do amor e da bondade!

«O seu "Diário" é um desses livros renovadores, um desses livros que transformam a direcção das existencias. Mais do que uma obra litteraria, é a confissão e a dadia de uma alma, é o resplandecer de uma fé racional e incoercível, é o prégar de uma profunda e sentida fraternidade humana, é o evoluer-se de uma alma ardente e misericordiosa para perfeição moral e as beatitudes mysticas.

A par disso, assistimos ahí á vida íntima do autor, ao seu intercambio mental com o mundo, ao continuo labor do seu cerebro, á interpretação dos mil problemas moraes e philosophicos que o assaltam, ás mil maneiras por que se explicam o seu intellecto e a sua sensibilidade. Aquí é uma observação aguda, e virginea ou uma confissão singela e tocante, além uma

impressão de leitura, mais além uma silhueta inesquecível, mais além uma visão nova de um phenomeno ou de uma verdade.

Não o abandona nunca essa sinceridade absoluta, essa limpidez crystallina de coração e de mente que é uma das características essenciaes da sua alma.

Vêde :

Começo hoje por onde acabei ha dois dias.

Não me resta muito tempo para viver, entretanto queria ainda dizer tantas coisas: queria falar das coisas nas quaes devemos crer, nas quaes não podemos deixar de crer. Queria falar das mentiras a que se abandonam os homens, mentira economica, politica, religiosa; queria falar da tentação de se embriagar com o vinho e com o tabaco, que são tidos como inoffensivos; do casamento, e da educação, e dos horrores da autocracia; tudo isso amadureceu em mim, e é-me necessario falar.

Assim não posso perder o meu tempo em tollices artisticas, como comencei a fazel-o na "Resurreição".

Mas acabo de me perguntar: "poderia eu escrever sabendo que ninguém me lerá?"

Senti uma ligeira decepção, mas momentanea.

Sim, senti que poderia escrever; ha pois em mim um pouco do amor da gloria, mas ha tambem o essencial: a necessidade de falar diante de Deus.

Ajuda-me, Pae, a seguir sempre o mesmo caminho de amor. Eu te agradeço. Tudo vem de ti".

Eis mais uma pagina flagrante do seu "Diário" e da sua psyché: "15 de Agosto de 1897. I. P.

Continuo a trabalhar. A tarefa avança.

Lombroso veiu; é um velhinho ingenuo e curto. Os Maklakoff estão aqui; Liewa com a sua mulher, e o bom Boulanger. Fiz toda a minha correspondencia: Pocha, Ivan Mikailovitch, Vander-Ver. O pesado Leontieff veiu tambem.

Tinha muito que notar, mas não me lembro mais.

Imobil o relatório sobre o congresso dos missionarios em Kazan.

1.º—Notei no meu "carnet": "caracter feminino". Era uma coisa razoavel mas esqueceu-me. Crelo que era mais ou menos isto: o traço essencial do caracter

feminino é que a mulher se deixa guiar pelo sentimento. Nella é o sentimento que domina a razão: ella chega a não comprehender que se possa dar o inverso.

2.º—Mas ainda ha mais homens do que mulheres que, simplesmente, não vêm e não entendem nada que lhes seja desagradavel; fazem de conta que isso não existe.

3.º—Os que não são capazes de se desembaraçar das superstições que os escravizam, zangam-se vendo os outros se libertarem dellas. Parecem dizer:

“Porque soffro eu fazendo tolices e este outro não?”

4.º—A arte e os artistas exploram a humanidade em lugar de a servir.

5.º—Desde que envelheci, não vejo mais os homens individualmente, mas agrupo os que pertencem—ou antes os que penso pertencerem a uma certa categoria. Assim eu não conheço mais N. ou N. N., mas conheço o typo colectivo a que se prendem.

6.º—Nós nos habituamos por tal forma a considerar que tudo é nosso, que a terra é minha, que ficamos muito surpresos quando sóa a hora da morte, que a terra, os bens fiquem alli donde nós nos partimos. O erro essencial é crer que a terra nos pertence, quando somos nós que lhe pertencemos”.

Os problemas do livre arbitrio, do mundo como resultante das nossas sensações e da realidade da materia, são por elle abordados varias vezes.

“Continuo.

Pensei uma coisa: a vida, a que vemos em torno de nós, é o movimento da materia segundo leis conhecidas e precisas: mas sentimos em nós a presença de uma outra lei que nada tem de commum com estas, de uma lei que pede obediência ás suas exigencias. Pode-se dizer que só a existencia desta lei interior faz que vejamos e reconhecamos as outras leis. Se não reconhecêssemos esta lei não reconheceríamos tambem as outras. Esta lei interior distingue-se de todas as outras principalmente porque as outras leis estão fóra de nós e nos obrigam a obedecer-lhe, emquanto que esta está em nós mesmos,—mais do que em nós mesmos: ella é nós.—e é por isso que não a seguimos obrigados; ao contrario ella nos faz livres,

porque, seguindo-a vimos a ser nós mesmos. Por isso sentimos a necessidade de seguir esta lei e cedo ou tarde a effectuaremos inevitavelmente. E' nisso que consiste o livre arbitrio.

Este livre arbitrio consiste em reconhecer o que é, isto é: que somos, nós, esta lei interior. A lei interior é o que chamamos entendimento, consciencia, amor, bem, Deus. Estas palavras têm sentidos diversos, mas todos, á sua guisa, definem a mesma coisa. Reconhecer que nós somos esta lei interior, que é o filho de Deus, é a essencia do christianismo.

Pode-se encarar o mundo assim: existe um universo regido por leis immutaveis e conhecidas: no meio desse universo ha seres submettidos a essas leis, mas que trazem em si uma outra lei, em desacordo com as leis materiaes, uma lei superior,—e essa lei triumphará fatalmente nesses seres e vencerá a lei inferior. E' nessa luta e nessa victoria progressiva da lei superior sobre a lei inferior que consiste unicamente a vida dos homens e do mundo inteiro”.

Pensar, estudar a instavel trama da vida, indagar os mil enigmas que nos rodeiam, são o assumpto constante deste diario. A cada passo, a palavra reflectir e seus synonymos figuram nas linhas trazendo á tona novas idéas e novos tentamenos de luz sobre o ignoto.

Outra coisa que nos fere desde logo a attenção nestas paginas, é a frequencia da idéa da morte, essa especie de familiaridade com a implacavel delimitadora dos nossos dias.

Tolstoi não fala da morte com espavento; dir-se-ia que a trata como natural e inseparavel companheira do homem, e por vezes mesmo a deseja como um allivio e um premio, como um traspasso e uma ascensão para um mundo melhor.

Mas o que predomina nas paginas deste “Diario” e em todo o ensinamento de Tolstoi é a lição moral. A sua palavra e o seu exemplo têm alguma coisa de messianico. Por toda a parte elle semeia o bem, préga a concordia, combate a

injustiça e a mentira. Numa continua ascensão, cada vez mais a sua alma se nos revela candida e doce, ardente e benéfica.

A sua religião ampla e sem dogmas se resume no amor dos homens entre si e na communhão do homem com Deus. Elle cultivava a adorável utopia que os homens podem ser bons, fraternos e capazes de realisar o reino de Deus sobre a terra.

As paginas deste "Diario" nos mostram a sua santidade activa, humana, trabalhosa, infinitamente tocante. Ahi, como os antigos christãos, elle confessa-se em publico e a sua confissão,—tal é a virtude e a belleza de sua alma,—vale por uma apologia.

Aqui elle confessa o seu escrupulo em andar de bicycleta, além se envergonha de viver commodamente quando um mujik de oitenta annos trabalha de sol a sol, mais além aceita os seus soffrimentos com alegria e amor.

A cada passo nós somos detidos e surpresos por um lança de luz, por um moto d'alma, por um desvendar de belleza e de verdade:

"A opinião mais banal acerca do christianismo consiste em dizer-se (os palladores nietzcheanos abundam nesse sentido) que o christianismo é a renuncia á sua propria dignidade, uma fraqueza, uma humilhação. Ora é exactamente o opposto que é verdade: o verdadeiro christianismo exige antes de tudo uma alta consciencia da sua dignidade, uma força moral immensa e invencivel. E são precisamente os admiradores da força que se rojam diante da força.

E mais adiante:

a) Eu digo que esse Deus, que criou o mundo em seis dias e enviou seu filho, não é Deus como não o é esse filho que elle nos enviou, mas que Deus é Uno, que é o Bem inconcebivel por nós, o Principio de tudo. E dizem que eu nego a Deus:

b) Eu digo que se não deve resistir á violencia pela violencia, e dizem que eu ensino a não lutar contra o mal;

c) Eu digo que é preciso buscar, alcançar a castidade e que nessa via a virgindade é o gráu mais alto, o casamento puro vem em seguida, e emfim, em terceiro lugar o casamento impuro, isto é, não unico. Então dizem que quero abolir o casamento e que prégio a extincção do genero humano;

d) Eu digo que a arte é contagiosa e que o seu valor está em proporção da sua força de contagio. Mas digo tambem que é boa, não sómente em proporção da sua força de contagio, mas na proporção em que responde ás exigencias espirituaes, á moral e á consciencia. A isso objectam que prégio a arte tendenciosa, etc.

Não são raros os pensamentos como este, que têm o sabor e a virtude de uma parábola evangelica:

"Ha individuos neste mundo que são pesados, sem asas. Ras-tejam. Entre elles ha homens fortes.—Napoleão—; elles revolucionam os homens e deixam após si um sulco terrivel. Esses agem sempre sobre a terra. Ha homens que cultivam as asas, que as fazem crescer pouco a pouco, que se elevam lentamente e pairam,—são os monges. Ha ainda a gente ligeira, alada, que se eleva facilmente acima deste mundo, depois se abaixa successivamente,—são os bons idealistas. Ha gente fornecida de asas grandes e fortes, que a ambição faz descer á multidão,—elles ahi quebram as suas asas. Sou desses. Tendo quebrado as minhas asas, estou em pena cá em baixo, faço esforços para me elevar e recaio. Mas se a ferida fosse sanada eu voaria bem alto. Que Deus me ajude !

Emfim ha gente de asas celestes que desce á terra por amor dos homens. Dobram as suas asas. Elles ensinam aos homens a arte de se elevar. E depois de ter cumprido a sua tarefa, voam. Tal era Christo".

Assim, talvez destas suas ultimas paginas aprendemos a melhor conhecer Tolstoi, ou antes, a amalo e admiralo ainda mais, como elle convida e merece.—*Jacomino Define*—O Estado de S. Paulo". S. Paulo).

CHILE-PERU'

Os antecedentes da questão

Em meiado do seculo findo, alguns aventureiros do Chile, exploradores ousados do deserto, ultrapassaram para o norte a extrema provincia de Atacama.

Nas entradas que emprehenderam através dos areiaes despovoados do sul boliviano, entre o Oceano e a Cordilheira, verificaram a existencia de opulentas jazidas de salitre, acudindo em bandos á exploração dellas.

O governo de Santiago, excitada a sua cubiça pelo descobrimento de tantas riquezas, offerecidas a facil e immediato aproveitamento, não logrou reprimir os impetos de alvorçada ambição, e teve a velleidade a principio, o manifesto intento ao depois, de disputar como sua a posse da nova região.

Suscitou-se, assim, entre o Chile e a Bolivia, vivia controversia de limites.

Parece, porém, que á Bolivia assistia claro e solido direito, pois que, pelos tratados de 1866 e 1873, lhe foi pelo Chile deferida e confirmada a posse definitiva do territorio contestado.

Não se resignou, contudo, o governo de Santiago a deixar que de todo lhe escapisse das mãos tão promissora oportunidade de acrescentamento.

Ao contrario, mettendo todo o empenho em resguardar, de algum modo, o interesse que o movêra a requestar aquellas terras, declarou, numa das clausulas do instrumento então lavrado, que subordinava a sua renuncia á "condição de lhe ficar outorgada a exportação, isenta de direitos, de todo o salitre procedente das explorações de propriedade chilena.

Ocorreu, todavia, que, em época de tão agudas paixões de caudilhismo bellicoso, nunca os brios bolivianos se puderam conformar com semelhante restricção, imposta por poderosas mãos alheias á soberania

fiscal da joven Republica dos Andes.

E esse zelo de independencia, exacerbado por irrequieta animadversão contra a imposição estrangeira, encontrava novo fermento nos incitamentos do Peru', que, prejudicado pela concorrência das salitreiras chilenas existentes na Bolivia, se desentranhava em mil recursos para alcançar, do governo de Sucre, a annullação do privilegio fiscal pactuado com o Chile.

Dahi os varios tentamens do governo da Bolivia, apontados a submeter a produção das salitreiras pertencentes a chilenos a um regimen tributario, que, desforrando os melindres patricios do povo, ao mesmo passo transvertesse nas arcas do erario nacional parte dos proventos auferidos, por estranhos, dos mananciaes de riqueza nacional do territorio boliviano.

Esses tentamens, embargou-os o Chile, escorado na fé expressa dos tratados.

E tal efficacia tiveram suas protestaões, que o presidente da Bolivia, general Daza, houve de recuar das imposições tributarias, sem recuar, contudo, do proposito de alforriar sua patria de tão amarga, incóportavel servidão.

Ao governo boliviano, entalado entre a necessidade de satisfazer as altivas aspirações do paiz e o dever de abonar a palavra nacional, empenhada em pacto solemne, depa-rou-se então uma solução indirecta, que parecia idonea a pôr cõbro a todos os embaraços da difficil conjectura.

Essa solução suggeriu-lh'a um exemplo anterior, um acto já posto em pratica pelo Peru'.

Ha-se de advertir, com effeito, que o governo de Lima, com o escopo de constituir o monopolio fiscal do salitre, expropriara as salitreiras existentes, em territorio peruano, pagando-as com apolices do Estado, denominadas "certificados salitreiros".

O governo da Bolívia adoptou alvitre semelhante.

Usando do direito de desapropriação por utilidade pública—attributo de soberania, que os tratados concluidos com o Chile não cerceavam,—aquelle governo decretou a incorporação ao patrimonio do Estado das salitreiras particulares, ainda que estrangeiras.

Esse acto, que se figurava á Bolívia mero uso de suas prerogativas de nação soberana, e que lhe parecia habil a desarreigar, de vez, a causa de suas desintelligencias com o Chile, longe estava, entretanto, de surtir um tal effeito.

Pelo contrario, o Chile, que se prometia, desde muito, o gozo privilegiado das jazidas descobertas na Bolívia e exploradas por cidadãos chilenos, não annuiu á decisão do governo de Sucre, e se alevantou com vehementes protestos contra ella, acollimando-a de violadora da fé dos tratados.

Assim, baldados todos os meios suasorios tentados pelo Chile, recusada pela Bolívia a discussão e arbitramento sobre um caso que se lhe representava, não propriamente como questão internacional, mas como simples acto de soberania interna,—o Chile effectuou a occupação "mann militari" do territorio anteriormente deferido á soberania boliviana.

Esteiava-se o governo de Sucre no direito de expropriar bens particulares e na faculdade de constituir, nas lides do seu territorio, qualquer monopolio fiscal que lhe approuvesse.

Nem occorria quebra da condição de isenção tributaria accordada com o Chile, porquanto, com a expropriação feita, deixavam de existir, no paiz, as salitreiras chilenas, a cujo beneficio fôra aquella condição estipulada. Assim, ficava o tratado, não infringido, mas sómente inapplicado por falta de objecto.

Por outra parte, ponderava o Chile que a clausula inserta nos tratados tivera por objectivo assegurar aos cidadãos desse paiz a exploração, definitiva e vantajosa, das jazidas por elles buscadas e possuidas naquelle territorio, sendo, pois, elusiva do pacto firmado a providencia decretada pela administração boliviana.

Como quer que fosse, o certo é que a Bolívia se afincou no seu pressupposto, e se recusou a entrar em negociações sobre o que ella considerava ponto de honra nacional, estranho ás clausulas do convenio.

O Peru', cujos interesses naturalmente o associavam á sorte da Bolívia, offereceu seus bons officios ao Chile, para evitar um conflicto d'armas que, se terminasse pela victoria dessa Republica, constituiria, para a segurança e integridade do territorio peruano, uma ameaça evidentemente temerosa e grave.

Incidiu, porém, chegar então á noticia do governo de Santiago o teor de um tratado secreto de alliança, que o Peru' e a Bolívia, receiosos de futura aggressão, haviam entre si concluido, em 1873.

Esse incidente causou indignação e escandalo em Santiago, exigindo o governo chileno, sem mais detença, que o Peru', então mediador da paz, declarasse sua neutralidade na contenda.

E como tal exigencia, feita em termos minazes e peremptorios, não pudesse ser satisfeita, a Republica do Chile para logo considerou a Bolívia e o Peru' como inimigos contra ella conjurados, e lhes declarou guerra.

Tal a origem da memoravel "guerra do Pacifico", que perdurou de 1879 a 1883, e que, succedida com fortuna para as armas chilenas, se rematou com o celebre "tratado de Ancou"—monumento da prepotencia militar do vencedor.

. . *Gastão Netto dos Reys*.—Da "Gazeta de Noticias"—Rio.

A MISSÃO DAS NOSSAS ELITES

Um dos phenomenos mais curiosos que o Brasil actual offerece á analyse de qualquer observador sereno, que consiga sobrepôr-se ás preocupações partidarias e ás apaixonadas questões de momento, é a antinomia entre a cultura da sua elite intellectual e a degradação crescente da sua vida publica.

Devem ser de naturezas diversas as causas desta situação singular — politicas, sociaes, economicas, psychologicas e, principalmente, moraes. De naturezas diversas, pois, devem ser os remedios a tentar. Politicamente, nenhum regimen menos proprio para a formação civica de um paiz, nas condições de raça, meio e momento historico do Brasil, do que este de presidencialismo e, maximé, de federalismo feroz que, ás pressas, copiamos da America do Norte. Pela mutilação impiedosa do Congresso, como representante directo, que devêra ser da vontade popular, entregámos a alta direcção do Brasil a uma pequena e fechada oligarchia, que a explora tranquillamente, certa de que, dentro da ordem constitucional, é quasi inutil todo o movimento reaccionario; pela fragmentação do paiz em vinte pequenas patrias, estrançulámos o espirito nacional, os sentimentos de apêgo á grande terra commum. A superioridade incontestavel da vida publica na Monarchia, tanto quanto um reflexo da accção pessoal de Pedro II, com a sua probidade vigilante, foi um effeito do regimen parlamentar e centralizador. O Parlamento, bem ou mal, com os seus numerosos defeitos, menos numerosos do que as suas virtudes, era uma escola politica e um simulacro de vida democratica, de interferencia activa da nação nos seus proprios destinos. A centralização politica e administrativa salvou a unidade brasileira, cimentado o nosso patriotismo, e permittiu aos dirigentes supprir a

sua possivel incapacidade theorica pelo conhecimento directo das necessidades nacionaes.

Socialmente, atravessamos um periodo fatal de arrivismo, de indisciplina, de anarchia intimas, que todos os paizes de immigração têm conhecido. Nada existe de estavel; nivelam-se e destroem-se rapidamente todos os valores, neste tumulto de formação, de crescimento organico. Por isso mesmo, acontece aqui o que se verificava até pouco tempo nos Estados Unidos—os homens de sensibilidade delicada retraem-se deixam-se ficar á margem da vida publica. E como o surto economico do paiz se accentua, sem embargo de todos os esforços em contrario, o exercicio activo das profissões liberaes, as industrias, o commercio, a agricultura vão attraíndo as melhores intelligencias, as melhores capacidades para as realizações praticas. Restam na arena os profissionaes da politiquice, eoroneis analphabets, bachareis e escrevinhadores famintos, que só pôdem enxergar na mais nobre das actividades humanas um instrumento de vaidades e ambições pessoas. A pequena minoria de homens publicos, remanescentes do antigo regimen, raras creações da Republica, capaz de sentimentos altruisticos e abnegação patriotica, é facilmente esmagada e reduzida á impotencia.

Psychologicamente, seria triste tentar a analyse do nosso character colectivo. Em meio desta doçura geral, desta molleza de coração, desta fraqueza de sentimentos, que nos tornam quasi abullicos da intelligencia e da vontade, e que tão bem nos caracterizam, procurae medir a profundez do egoismo de cada um de nós, representante da elite brasileira... Narcisos inconcipientes, sensualistas grosseiros, epicuristas de instincto, resumimos a patria em nós mesmos, incapazes do menor sacrificio em pró do seu futuro. Alliando a este sentimento de egoismo, aos defeitos singulares da

raça—o scepticismo sonhador, a indolencia, e a indolencia, o despeito e a inveja, que nos não permitem acceitar de bom grado a prosperidade alheia—tereis a explicação do aviltamento das nossas lutas internas, desta attitude constante de demolidores em que nos comprazemos, ainda nos momentos mais delicados da nossa vida. Por tudo isto, creio bem que a grande crise brasileira é a crise moral das suas élites.

Todas as nações valem pelo que valem os seus dirigentes. O povo, mesmo com certo gráo de cultura mental, é, mais ou menos, um rebanho docil que se conduz até a hecatombe da guerra. O grande e urgente problema brasileiro não consiste no analphabetismo das classes populares e, sim, na educação ou reeducação das élites. Seria estulto pretendermos elevar de um momento para outro o nivel intellectual de um povo, aviltado ainda pela lembrança da escravidão, depauperado pela miseria physica. A simples diffusão das escolas primarias teria um alcance meramente eleitoral; ensinando a ler e escrever ao proletariado das cidades e dos campos, sem a providencia correlata das escolas technicas e do aparelhamento economico do paiz, augmentariamos o numero de candidatos ao emprego publico e ao urbanismo. Antes da grande obra da instrucção popular, de que o tempo será o melhor factor, as nossas élites precisam de educar-se a si mesmas, para poder offerer a massa dos dirigidos exemplos de elevação moral e generosidade patriótica.

Reajamos pois. Por toda a parte, em todos os tempos, atravez de todos os regimens sociaes e politicos, as maiorias incapazes foram sempre dirigidas por uma pequena minoria intelligente, instruida, activa e moralmente forte. O que vamos realizando no Brasil—esta selecção pelo avesso, este predomínio de incapazes e fallidos—é um paradoxo alarmante, uma retrogradação his-

torica. A' inercia e ao egoismo de cada um de nós devemos as culpas de tal situação. O mundo se renovará amanhã na conferencia da paz; mostremo-nos dignos da terra que occupamos e da herança que recebemos. Ha em cada homem, por mais estreito que pareça o seu circulo de acção, uma grande força latente, que movida pela fé, abalará as montanhas. Quando a vida publica dos Estados Unidos attingia o derradeiro gráo de aviltamento, a reacção da élite intellectual, da élite universitaria, salvou-a. A America, de Lincoln a Roosevelt, dos *basses*, dos *Tammany Ring*, dos *Gas Ring*, seria capaz desses exemplos de suprema belleza moral, que nos vem offerecendo, sob o dominio de Wilson? Imitemos mais uma vez este modelo, tantas vezes nefasto, por inadaptable; iniciemos a reacção contra a incompetencia ou amoralidade das élites dirigentes, todos nós que, pela cultura do espirito, creamos para com a patria, para com o nosso tempo, para com a propria vida, os mais nobres, os mais altos, os mais inilludiveis deveres.—

José Maria Bello — (Do Correio da Manhã, Rio).

AS MULHERES NA DIPLOMACIA

Telegramma de Paris, informa ter chegado a Berna, como representante da Hungria, junto ao governo da Suíssa, a senhora Rosita Schwimmer, que é a primeira mulher diplomata que entra em funcções na Europa.

Ha seis mezes, mais ou menos, foi annuciado que o Uruguay, com a sua politica liberal, havia utilizado na diplomacia uma senhorita, que ia assumir o cargo de secretario de legação, ou de encarregado de negocios, em um paiz americano. Se essa communicação trazia fundamento, cabe aos nossos vizinhos do sul a precedencia na novidade, que ali

se conseguiu sem necessidade de grandes revoluções.

No Brasil, a victoria do feminismo principiou excellentemente, porque, como se sabe, começou pelo fim. A mulher ainda não desfructa o direito do voto, nem toma parte na solução dos nossos problemas politicos; uma senhorita já conseguiu, porém, com a sua intelligencia, fazer parte da secretaria de Estado das Relações Exteriores, e dahi para o corpo diplomatico não é invencivel a distancia.

E quem sabe se, com as mulheres na diplomaçta, nós ficaríamos melhor representados? A Sra. Leolinda Daltro não substituiria, e com vantagem, o sr. Epitacio Pessoa em Versailles?

(Do "Imparcial"—Rio).

AS EPIDEMIAS DO CHOLERA MORBUS NO BRASIL

A primeira invasão de cholera morbus no Brasil deu-se em 1855, sendo a cidade de Belém, capital da então Provincia hoje Estado do Pará o primeiro poiso de hospedeção importuno. No dia 15 de Maio alli desembarcou, trazido pela galera portugueza "Defensora", procedente da cidade do Porto, com cerca de 300 colonos, tendo fallecido 47 durante a travessia. Despertada a attenção da autoridade do porto pelo crecido numero de obitos e diante das reclamações provocadas pelos infelizes immigrants que descontentes se mostravam pelas pessimas condições de hygiene e pelo mau tratamento que lhes dera o Capitão, ficou de quarentena a referida galera, aguardando ordens. Levado o facto ao conhecimento do governo da Provincia, ficou resolvido que a commissão de hygiene publica tomasse as providencias que o caso requeria, cabendo ao provedor de saude do porto a tarefa de proceder ao exame necessario. Em relatório apresentado procurou de-

monstrar que os infelizes immigrants não falleceram de molestia alguma de caracter maligno ou contagioso que na viagem apparecesse, mas sim devido ás más condições de hygiene, á fome, á sede, e ao pessimo alimento, pelo que mais acertada pareceu-lhe a livre pratica em virtude do deploravel estado em que se achavam os passageiros. Não se conformando o consul portuguez com as razões apresentadas, pediu providencias mais decisivas. O Vice-Presidente da Provincia, então em exercicio, ordenou de novo á Commissão de Hygiene Publica que fosse verificar o que de anormal havia, devendo proceder a exame mais minucioso.

Em relatório apresentado attribue a commissão entre outros consideranda que a epidemia foi devida ao envenenamento pelo chlorureto de cobre, provocado pelas vazilhas em que se preparava o condimento dos immigrants, terminando por affirmar que a dita molestia nenhum caracter offerecia por onde pudesse ser capitulada de epidemia contagiosa.

No dia 26 de Maio, isto é, onze dias depois da chegada da galera, foi a attenção publica despertada pelo apparecimento em terra e no porto de uma molestia que os praticos appellidaram de cholera, sendo que os symptomas observados eram identicos aos da epidemia da galera, chegando a morrer alguns doentes dentro de quatro, oito e doze horas. Estes factos levaram o Vice-Presidente da Provincia a ordenar novos exames, necessarios nos doentes, de modo a afastarem qualquer duvida a respeito. Depois de calorosa discussão em que tomaram parte a Commissão de Hygiene Publica e outros medicos notaveis, chegou-se á conclusão de que se tratava do mal levantino que em pouco tempo alastrou-se pela cidade com invasão de diferentes pontos da Provincia. A cidade de Cametá foi horrorosamente flagellada, cahindo no seu posto de honra, vi-

etima do dever, o Dr. Angelo Custódio Corrêa, que de Belém fôra alli prestar soccorros de sua profissão. A Junta Central de Hygiene Publica na Côte do Imperio tomou medidas efficazes de defesa sauitaria. Installou-se o Lazareto das ilhas de Maricá para as procedencias do norte, devendo servir de auxiliar ao Hospital Maritimo de Santa Isabel na Jurujuba. O Governo, de accôrdo ainda com a Junta Central de Hygiene Publica, estabelecera o prazo de 25 dias, contados da partida dos portos suspeitos, para a duração das quarentenas de observação e para no fim deste prazo serem então os navios admittidos á livre pratica. A epidemia, poupano o Maranhão, que tinha os serviços de hygiene sob a competente direcção do Dr. José da Silva Maia, propagou-se ás outras Provincias do norte, invadindo a Parahyba, Alagôas e Sêrgipe, sendo Pernambuco e Bahia as mais sacrificadas, principalmente esta, que teve os primeiros casos em fins de Julho de 1855 na povoação do Rio Vermelho, hoje um dos mais bellos arrabaldes da capital. Dahi passou ás cidades de Cachoeira e de Santo Amaro, produzindo immensos estragos. Irradiou-se por quasi todo o reconeavo, com maior ou menor intensidade, com sacrificio da vida de medicos e estudantes de medicina, destacando-se entre aquelles o Dr. Cypriano Barbosa Bettamio, que, renunciando aos commodos de sua vida privada, aos seus interesses particulares, foi sacrificar-se naquella gloriosa cruzada.

Continuando a epidemia na sua marcha devastadora e conformando-se o Governo com a deliberação da Junta Central de Hygiene Publica, fleou estabelecido o prazo de 40 dias, no rigor do termo, em vez dos 25, para as quarentenas de observação. Trouxe esta medida, como era de prever, protestos e reclamações da parte dos passageiros e dos interessados. Comprehende-se hoje com os progressos da Propy-

laxia Internacional moderna o que tinham as quarentenas de vexatorio e irritante, servindo de entrave ao commercio e de embaraço á liberdade de locomoção. Basta citar entre outros o caso do paquete brasileiro "Imperador", sahido de Belém do Pará e escalas e chegado ao Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1855, depois de longa e penosa viagem. Intimado por um tiro de canhão da fortaleza de Santa Cruz por ordem do Governo, teve de seguir para o Lazareto de Maricá. No dia seguinte alli chegou um vapor de guerra brasileiro que recebeu de bordo do "Imperador" os passageiros de ré em numero de 50 e suas bagagens; transportando-os para o Lazareto da Jurujuba, ficando os recrutas e os escravos no Lazareto de Maricá. Para a enseada do Abrahem na ilha Grande, seguiu o paquete, que foi terminar a desinfecção iniciada no Rio de Janeiro, sob a direcção do Inspector de Saude do Porto, o Dr. José Firmino Vellez, que alli terminou o serviço.

No Rio de Janeiro o primeiro caso de cholera morbus havido foi em 19 de Julho de 1855.

A segunda invasão do cholera morbus no Brasil deu-se no periodo decorrido de 1867 a 1870, trazida do sul ao Rio de Janeiro em militares que vinham de passagem no vapor nacional "Santa Cruz", entrado no dia 31 de Janeiro de 1867, quando o Brasil se achava em guerra com a Republica do Paraguay. Foram atacados aprendizes e marinheiros imperiaes aquartellados nas fortalezas de Villegaignon e Boa Vlagem, estendendo-se a molestia a alguns vasos de guerra da Marinha Nacional. A epidemia manifestou-se, como já vimos, em operações no Paraguay entre as tropas expedicionarias de Matto-Grosso depois de calamitosa jornada cheia de perigos, de molestias e de necessidades ao deixar o forte de Boa Vista (Paraguay). As forças expedicionarias tiveram de abandonar no caminho cholericos moribundos que não

podiam transportar por terem que defender-se contra aggressões constantes do inimigo, sob um fogo quasi continuo, privados de viveres, medicamentos, etc. Na parte official do Dr. Candido Manoel de Oliveira Quintana, primeiro cirurgião das forças em operações ao sul, de Matto-Grosso, datada da margem esquerda do Rio Aquidauana em 15 de Junho de 1867 e no interessante trabalho do Visconde de Taunay, "A retirada da Laguna", vêm descriptos os horrores daquella epidemia que invadiu a então Provincia de Matto-Grosso. Manifestou-se a epidemia no segundo corpo de exercito em Curuzu, morrendo grande numero de officiaes e praças. Commandava o segundo corpo do exercito o Conde de Porto Alegre. Houve tambem na esquadra casos da molestia com caracter benigno. Por occasião desta segunda epidemia, casos da molestia manifestaram-se com maior ou menor intensidade em algumas das Provincias do norte, destacando-se as do Ceará, Parahyba e Alagóas.

A terceira epidemia foi a do vale do Parahyba com invasão da Capital Federal e outros pontos do Rio de Janeiro, propagando-se ao Estado de S. Paulo e parte do Estado de Minas Geraes. Os primeiros casos appareceram em Novembro de 1894 durante a epidemia até Julho de 1895. Pela estatística do Hospital Marítimo de Santa Isabel, hoje Paula Candido, cedido gentilmente pelo digno Director Dr. Luiz Tavares de Macedo Junior, verificou-se que durante o periodo decorrido de 24 de Novembro de 1894 a 18 de Julho de 1895 só ahi foram recolhidos 379 enfermos, dos quaes falleceram 282. Na opinião de alguns profissionaes a molestia não apresentou o cortejo symptomatico do verdadeiro cholera indiano. Não ficou plenamente verificada a procedencia, parecendo ter entrado aqui pelo Rio da Prata, porquanto em 28 de Novembro de 1894 foi declarado infeccionado o porto de Rosario

de Santa Fé e suspeitos os demais portos da Republica Argentina, a contar de 6 de Dezembro, continuando assim durante algum tempo em 1895.

Esta medida estendeu-se tambem em 7 de Março de 1895 aos portos da Republica Oriental do Uruguay. Os paquetes italianos "Regina Margherita" e "Montevideo", ambos procedentes do Rio da Prata, tiveram casos suspeitos que se manifestaram ainda em outros navios daquella procedencia, principalmente nos que transportavam gado em pé. Passou o desembarque deste a ser feito na enseada da Praia Vermelha, depois no costão de Santa Cruz e dahi no porto de Itacurussá, pela vantagem de achar-se este ponto mais proximo do matadouro de Sta. Cruz.

(Dr. J. J. da Silveira Sardinha—
"Jornal do Commercio", Rio).

A ULTIMA PHRASE DE BILAC

Quando morreu Alphonse Daudet, taes exaggeros e asneiras publicaram a respeito d'elle os jornaes de Paris, que Remy de Gourmont escreveu um acre *Epilogo*, em que chamava á ordem a todos os seus confrades, os quaes, entre outras cousas, affirmavam que o autor de *Tartarin* era maior do que Miguel de Cervantes... Sirva isto de consolo a nós mesmos, quando lemos a torrente de tolices que desencadeou na imprensa do Rio a morte de Olavo Bilac.

Este homeni, cuja vida accidentada e arthmica não impediu que a sua feição litteraria obedecesse sempre a certas formulas de equilibrio e de harmonia, merecia que a imprensa, ao procurar definir-lhe a personalidade tão curiosa quanto representativa, lhe fizesse a ultima fineza de commentar a sua vida com a sobriedade de expressões que é incontestavelmente um dos principaes traços da sua individualidade academica.

Por muito pouco que se pales-trasse com Olavo Bilac, e é o caso deste que não teve com elle a menor intimidade, notava-se logo a correcta simplicidade com que elle falava. Prosando por escripto ou prosando oralmente, em palestra com os amigos, era sempre igual a sobriedade do seu estylo, sobriedade que tão altamente o destacava numa terra em que a inopia das idéas e a debilidade cultural dos escriptores é quasi sempre substituida pela pompa de um verbalismo tão sonoro quanto irritante á força de ser vasio.

Ora, pois! Tendo sido um escriptor que, jogando com poucas idéas, dava elegante impressão de atticismo, teve, ao morrer, a desventura de lhe attribuirem a paternidade de uma ultima phrase, cujo fundo talvez seja verdadeiro, mas cuja forma emperdigada e tola destôa por completo da natural simplicidade do seu falar. E' uma phrase que provavelmente não foi pronunciada (ao menos como está publicada), o que aliás succede a todas as ultimas phrases attribuidas a grandes homens...

Com effeito, conta-se que Olavo Bilac, já por alta madrugada, quiz levantar-se, pediu café e disse: *Quero escrever*. Até aqui, tudo' perfeitamente normal. Era habito seu levantar-se cedo, pedir o seu café, como faz toda a gente e assentar-se á sua mesa de trabalho para ler e escrever. De sorte que não ha inverosimilhança alguma em que o grande lyrico, sentindo, embora na penumbra precursora da morte, amanhecer o dia, dissesse aos seus: "Já está amanhecendo; dêem-me café, que eu vou escrever". Tal era o seu costume de muitos annos; ora, nada mais natural a um homem de letras—e elle o foi da cabeça aos pés—do que, ao levantar-se, desejar tomar café e escrever.

O visconde do Rio Branco, como era homem de Estado, pouco antes de morrer ainda delirava com a lei do elemento sérvil e até, segun-

do conta o Visconde de Taunay nas suas *Reminiscencias*, começou a fazer um pequeno discurso, em voz muito baixa: "Senhor Presidente, peço a V. Excia. permissão para fallar vagarosamente em vista de meu precario estado de saude..." E' possivel que as phrases não lhe sahisses correntemente, mas o seu ultimo delirio traduzia claramente as suas constantes preocupações politicas. Nada mais natural do que isso. Assim, Olavo Bilac, poucos minutos antes de expirar, podia perfeitamente estar pensando em livros, e as suas ultimas palavras bem poderam ter sido a exteriorisação oscillante e vaga de um desejo de escrever.

Mas que succedeu? A imaginação indigena, que não se recommenda pela originalidade, achou bom arredondar phrases fofas, declamatorias, e attribuil-as a um homem que faava simplesmente, como toda a gente, e de certo não iria, *in extremis*, rebuscar periodos com o fito de fazer cabotinismo para a Morte. Jornal houve que, em letras garrafaes, lhe attribuiu esta enormidade: "Já raia a madrugada; dêem-me café; vou escrever." Affirmam outros que elle disse: "Amanhece... Eu quero... eu quero... *écrire!*" Tudo isso representa um achincalhe, contra o qual se deve protestar; e á familia do morto incumbe, si não é impertinente esta suggestão, o dever de desmentir que o poeta houvesse dito coisas pernoscicas como esse "Já raia a madrugada" e esse "Eu quero *écrire!*" Para que condemnal-o, depois de morto, ao ridiculo de ser autor de ultimas phrases mirabolantes? Desautorisal-as publicamente é dever de piedade fraterna para com um homem que soube escrever coisas bellas e simples. Esse epicurista sceptico tinha muita noção do ridiculo para expor uma phrase sua á risota dos seus contemporaneos. Póde cada qual julgal-o com maior ou menor severidade, conforma este ou aquelle co-

digo de moral; a sua obra poetica mesma pôde soffrer, em certos pontos, criticas severas, pela ausencia de espiritalidade que nellas se observa. Tomou bebedeiras durante a sua mocidade! Só cantou a Carne! Era um sensual! De accordo, sim, senhores. Mas, santo Deus, cada qual tem seu temperamento; e que outra coisa sinão a Carne poderá cantar um poeta nirma terra selvagem, de clima barbaro e mulheres que nos allucinam a todos os instantes e por toda a parte com a opulencia das carnes mais insolentes que ha no globo? O que fica da sua obra é isto: harmonia que ainda não teve egual neste paiz de poetas campanudos e litteratos parlapatões. Colocado em ambiente litterario superior ao nosso, Olavo Bilac não teria o primeiro logar; mas aqui, sejamos justos, elle é o primeiro poeta *no seu genero*; e, como tal, agora que a morte lhe impoz silencio e o impossibilita de defender-se, é justo e nobre que o respeitem todos os homens intelligentes.

Antonio Torres.—da "Gazeta de Noticias—Rio).

UMA REMINISCENCIA HISTORICA

A idéa de Liga das Nações é muito antiga

Em 1612, o canonista Francisco Suarez, nascido em Granada, mas tou, em trabalho notavel, que "a raça humana, se bem que dividida em povos e reinos diversos, possui não sómente a sua unidade especifica, como tambem uma certa unidade moral quasi politica".

Confuceios na China prégou, por seu lado, uma liga internacional. Henrique IV sonhou com uma união europea, uma "republica christã" de que era excluida a Turquia. O que floresceu em Portugal, salientado de Saint-Pierre, voltando do Congresso de Utrecht, onde fôra

como secretario de Candeal Poli-guac organizou um plauo de paz perpetua por meio de uma união internacional.

Kant foi um grande defensor da idéa e Frederico Pussy, na França, foi um seu propagandista denodado. Internacionalistas como Bluntschill, Lorimer, Bentham e muitos outros chegaram ao ponto da critica ou da organização de um Estado Internacional.

Na nossa Patria, Arthur Orlando, no seu livro sobre o Pan-americanismo, — poz em relevo que uma confederação internacional não faziu periclitar as diversas nacionalidades associadas, que só teriam a lucrar com a organização juridica da vida internacional a bem da organização economica. E' este o sonho que o momento parece prompto a tornar realidade.

Cada um dos corpos politicos—disse ainda o notavel autor patriocio, — familia, communa, estado, nação, confederação, continuaria a mover-se com a respectiva economia dentro da esphera da sua actividade. Vimos á economia caseira supperpôr-se a economia da cidade e á economia da cidade a economia nacional; mas nem o estado deu cabo da economia urbana, nem a cidade fez desaparecer a economia familiar.

Bolívar, depois de ter libertado a Colombia, a Venezuela, o Peru', o Equador e a Bolivia, pensou numa federação de todos Estados livres da America de origem hespanhola. Para esse fim foram convidados o Mexico, a Argentina e o Chile.

A idéa de união internacional e do arbitramento, nos parlamentos, teve etapas gloriosas na Camara dos Communs, atravez uma moção de Henri Richard; de Mancini, na Camara italiana; de Eck e Bredius, na Camara Hollandeza.

Pois bem, em uma modesta Camara de Deputados de Provincia no Brasil— essa mesma idéa de união internacional e de arbitra-

mento teve um enthusastico apoio, que convem ser lembrado, neste momento em que tanto se fala de liga das nações e de arbitramento permanente.

Eis a moção que foi apresentada em 6 de Julho de 1888, na Camara dos Deputados mineiros:

"Indicamos que a assembléa provincial represente á Camara dos Deputados, ao Senado e ao governo sobre a necessidade urgente que sente todo o brasileiro da adopção quanto antes das seguintes medidas:

1—Federação das provincias com todas as suas consequencias naturacs.

2—Cómpleta emancipação administrativa do município.

3—Revisão da Constituição politica do Imperio em todos os artigos inconciliaveis com os principios liberaes e democraticos.

4—Organização da paz entre todos os países da America do Norte, Central, e do Sul, de modo que as questões internacionaes sejam resolvidas por meio de arbitramento.

Sala das sessões, 6 de Julho de 1888. — Camillo Prates, J. Dutra, Alvaro Machado, Porphirio Machado, Salathiel de Almeida, Aristides Maia, F. Sá, Vaz Lima, Lindolpho, Silva Fortes, G. G. Bias Fortes, Josino de Araujo, Candido Cerqueira, França Vianna, José Theodoro, Navarro Salles, Anthero Florencio, Antonio Martins Ferreira da Silva, José Horta, Chassin Drummond, Antonio Joaquim Barbosa da Silva, José Pedro e Americo Mattos".

Nesta moção, como se vê, propõe-se, no numero quatro, a organização da paz por meio de uma união entre os varios países do continente americano.

O primeiro signatario foi, como vemos, o sr. Camillo Prates, que é hoje deputado federal. Entre os demais signatarios figuram o senador Francisco Sá, actual representante do Ceará, Antonio Martins Ferreira da Silva, tambem deputado federal e Josino de Araujo, ainda

representante de Minas, na Camara Federal.

A idéa que tanto preoccupa o espirito dos grandes estadistas na actualidade, encontrou assim apoio decidido e franco na modesta Camara Mineira ha mais de 30 annos, conquistando grande numero de assignaturas e de applausos.

E' um incidente glorioso para a historia mineira.—OTTO PRAZERES—Da "Rua"—Rio).

AS NOVAS NACIONALIDADES

Viajautes brasileiros chegados da Italia, trazem a noticia do descontentamento ali reinante, em virtude da possivel formação de uma nova nacionalidade, comprehendendo os territorios austriacos pela reconquista dos quaes a Italia entrara na guerra. O presidente Wilson, de accordo com o seu programma politico, é partidario da organização do novo Estado e essa circumstancia escurece novamente os horizontes europeus, pela fallencia das esperanças, longamente alimentadas, da alma italiana.

Os principios do presidente Wilson assentam sobre ideaes muito largos e sympathicos, entre os quaes o da formação das nacionalidades de accordo com a influencia das raças. Se os territorios cobigados pela Italia são habitados por um povo que deseja viver independentemente, é claro que o governo americano está no dever de dar-lhes o seu apoio. Não foi para outra coisa que os Estados Unidos tomaram parte no conflicto, e a sua indifferença, no caso, equivaleria á repulsa do seu proprio programma intervencionista. Foi para libertar os povos subjugados que a America enviou á Europa o seu milhão de combatentes, e foi com essa condição e para esse fim, que os Alliados acceitaram o seu concurso.

De outro lado, porém, estão os interesses da Italia e os compromissos assumidos pela "Entente" com

o seu aliado de além dos Alpes. A Italia só entrou na guerra, como é sabido, com a condição de lhe serem restituídos os territorios que lhe foram arrebatados pela Austria, esses mesmos territorios que não querem voltar, agora, ao dominio italiano. E como a Inglaterra e a França concordaram com essa exigencia, e, depois, com as condições do presidente Wilson, é facil de imaginar a gravidade da situação, no momento em que se tiver de regularizar todos esses interesses pela satisfação dos compromissos tomados.

(Do "Imparcial"—Rio).

BRASIL-BOLIVIA

Em entrevista á imprensa, hontem, o illustre ministro boliviano no Brasil, recém-chegado de seu paiz, fez interessantes declarações a respeito do futuro economico da prospera Republica vizinha em suas relações commnscas.

Havendo-se propalado que o governo boliviano estava desviando a applicação, prevista pelo tratado de Petropolis, dos dois milhões esterlinos que a Bolivia recebeu do Brasil, em virtude daquelle tratado, o Dr. José Carrasco esforçou-se por demonstrar a improcedencia do boato, affirmando achar-se esse dinheiro, accrescido de juros, depositado em banco, na America, havendo já facilitado á Bolivia a construeção da estrada de ferro de Cochabamba, que deverá, por Santa Cruz e Porto Esperança, entroncar, em Corumbá, com a linha da Noroeste do Brasil, até o porto de Santos, utilizada a linha que une a capital paulista áquelle grande porto do nosso litoral atlantico

A ligação ferroviaria da Bolivia ao Brasil constitue uma antiga e portentosa aspiração do povo boliviano, aspiração a que não poderiamos, nós, brasileiros, ser indifferentes, porque isso consulta de perto os nossos vites interesses economicos

Entre as industrias creadas pela

situação de guerra no Brasil, aquella que talvez mais resista á concorrência internacional e logre impor-se definitivamente ao commercio do mundo, será a das carnes frigorificadas, cuja exportação está garantida por muitos annos, a bom preço, após a assignatura do tratado de paz.

Ligada a Bolivia a um porto de mar brasileiro, através de Matto-Grosso, poderá a nossa industria de carnes não só aproveitar os inesgotaveis supprimentos dos rebanhos daquelle Estado, como ainda receber muito e excellent gado das fazendas bolivianas.

A entrevista do ministro da Bolivia, ao mesmo tempo que esclarece um assumpto sobre o qual correu uma atoarda desagradavel, que S. Exa. asseverou ser gratuita, dá-nos todas as seguranças de que o extraordinario acontecimento economico da chamada estrada de ferro interoceânica—de Santos, no Atlantico, a Mollendo ou Antofogasta, no Pacifico, está resolutamente em marcha e será a formosa e promissora realidade que todos desejamos, na Bolivia, como no Brasil.

(Do "Paiz"—Rio.)

A FEBRE AMARELLA

Annuncia-se que o sabio japonuez Dr. Noguchi, depois de longas e laboriosas pesquisas na cidade de Guayaquil, Republica do Equador, descobriu o microbio da febre amarella, e tem ensaído, com excellentes resultados, a respectiva vaccina.

A noticia foi dada com todos os característicos de veracidade e com as minudencias technicas exigiveis para a authenticidade do sensacional acontecimento scientifico.

Com effeito, o sabio japonuez conseguiu isolar e identificar o *espirilo*, que tomou, o seu nome determinando assim, da maneira mais indubitavel, pois que a isso se vê ligada a responsabilidade intelra do seu nome, o te-

mivel agente da peste amarillica, que tanto ainda devasta grandes aglomerações humanas, até hoje privadas de rigorosa e vigilante defesa hygienica.

Ocioso seria exaltar a importancia da descoberta. Paizes como o nosso, com os seus portos do litoral em maioria infestados por esse mal implacavel, cuja extincção no Rio, em Santos e no Pará custou e continua a custar aos cofres publicos incalculavel dispendio, acolhem naturalmente com caloroso entusiasmo e commovida gratidão o resultado das investigações do benemerito scientista japonex, que elegeu a America para campo das suas experiencias e nelle logrou a victoria suprema, com que contribue para attenuar as tragicas afflicções da humanidade.

Descoberto o espirilo Noguchi, preparada a vaccina, obtido o serum curativo, o reinado macabro da febre amarella em todo o mundo poderá ser dado por findo, e um dos mais devastadores flagelos da vida da humanidade e do adiantamento e cultura das nações terá cessado de tornar mais extenso e negro o coefficiente de mortalidade entre os povos. (Do "Paiz" — Rio).

O ASSUCAR DAS PALMEIRAS E O DO MILHO

Um dos mais conhecidos divulgadores de coisas scientificas, o sr. Francis Marre, trata, em recente publicação, da carencia do assucar na Europa. A questão do assucar, diz elle está-se tornando cada vez mais grave. Não basta tomar medidas com o fim de proteger a industria e intensificar a produção da canna de assucar e da beterraba. O que é ainda preciso é procurar outros vegetaes que produzam tambem assucar.

As plantas sacchariferas são, entretanto, bem numerosas, e, se todas não possuem tanto assucar que permitam um aproveitamento re-

numerador, em todo o caso ha algumas que poderiam, dadas certas condições de cultura e de tratamento industrial, egualar com a canna e com a beterraba. São deste numero algumas especies de palmeiras. Do ponto de vista alimentar, as palmeiras se acham entre os vegetaes mais uteis: dão fructos riquissimos de substancias nutritivas; muitas dellas fornecem em abundancia materias graxas e oleos de qualidade superior; outras têm um tronco cuja polpa se transforma facilmente nmma farinha perfeitamente comestivel; e muitas finalmente, podem dar assucar.

Com effeito, se se praticam incisões no tronco das palmeiras, no momento em que saem os seus humores em abundancia, sae um liquido assucarado o "lanche" que por fermentação espontanea, dá uma especie de vinho capaz de provocar uma embriaguez curta mas intensa. As chamadas palmeiras "Besse" são as mais estimadas sob este ponto de vista, e onde cresce a "Cocos nucifera" os indigenas preparam com ella vinho de palmeira. Em alguns logares, como na Malasia, elles obtêm, por meio da distillação, uma bebida espirituosa, o "arrack", que provoca embriaguez tenaz, caracterisada por uma forte excitação cerebral.

Desse succo não fermentado se tira, na maior parte da India, o assucar de palmeira, graças a um trabalho rudimentar que permite fazer, nos paizes de produção, uma seria concorrência ao assucar de canna. O rendimento do assucar de palmeira varia em quantidade e qualidade, segundo os terrenos e segundo os enidados e os processos de cultura e de extracção, mas pôde-se em geral dizer que o succo obtido das palmeiras contém de 8 a 15 cento de saccharose, isto é, quasi tanto quanto dá a beterraba.

A palmeira utilizada para esse fim é especialmente a "Phoenix sylvestris", a qual poderia render muito mais do que agora, se os indigenas consentissem em cultivar a

racionalmente, dar-lhe um adubo adequado e não exaurir-a depressa com os talhes muito abundantes. A produção total do assucar de palmeira na India é, segundo E. Annett, o decimo da produção total do globo. Bengala fornece cerca de 750.000 toneladas. A quantidade média do succo que se obtém de cada arvore é, segundo Annett, de 77 kilos, que são cerca de 10 kilos de assucar bruto.

Para obter este assucar, os indigenas fazem ferver longamente o assucar de palmeira em simples vasos de barro... Na India, qualquer proprietario que possua palmeiras, fabrica por si mesmo o seu "Gur" ou assucar grosseiro. Se a produção supéra o consumo, o excedente é vendido a pequenos mercadores que o mandam a centros como Calcutá, onde o assucar é refinado em estabelecimentos especiaes. E Annett avalla em mais de vinte por cento a perda devida á imperfeição dos methodos adoptados. Todavia, levando em conta as pequenissimas despesas de colheita e o rendimento que se tem por cada hectare (cerca de 600 arvores), o preço do assucar de palmeira é sempre inferior ao do assucar de canna.

Além do seu emprego natural, o "Gur" entra em parte consideravel na fabricação dos confeitos, de que os indigenas são muito gulosos.

Quanto ao melado que resta no fim, elle pode ser aproveitado para a fabricação do rhum.

A industria do assucar de palmeira é ainda uma industria rudimentar, mas remunerativa, e, em todo o caso susceptivel de ser aperfeiçoada. E' pois, desejavel que seja introduzida onde fôr practicamente possivel, isto é, nos logares onde houver em abundancia palmeiras sacchariferas.

Outra planta que pode fornecer assucar é o milho. Antes da guerra, já o dr. Naby e o professor Stevart faziam nos Estados Unidos experiencias muito interessantes a respeito, pelas quaes ficava demons-

trado que o milho pode dar tanto assucar quanto a canna. Se se colhem as espigas quando os grãos estejam ainda lactigosos, isto é, antes que os elementos de reserva da planta tenham affluído ao fructo, a quantidade das materias hydrocarbonadas da haste augmenta progressivamente até attingir a 17 °° do peso da planta. Nessas condições a haste dá 38 °° de succo contendo 13 °° de saccharima, emquanto as partes da espiga contém 20 °° de materias fermentaveis, da qual se tira metade de alcool a 95 °° e um residuo de materias azotadas muito util como alimento ao gado.

De cada tonelada ter-se-ia assim um producto de 90 kilos de assucar, e outro tanto de cellulose que poderia servir para o fabrico do papel. O Mexico e os Estados Unidos que colhem, respectivamente, cerca de 130 a 170 toneladas de milho por hectare, produziram com elle 11.000 e 15.000 kilos de assucar, outro tanto de cellulose, o decimo de alcool e o vigesimo de residuos para os animaes. Isso só numa colheita. E nós sabemos que nos Estados Unidos e no Mexico se fazem duas colheitas de milho por anno.

(Do "Diario de Pernambuco" — Recife).

O TRABALHO MODERNO

Para produzir, porém, não é mais bastante o trabalho simples, descuidado, ao Deus dará! Na tremenda luta economica em que os povos se vão empenhar como reacção inevitavel da grande guerra, em que avultaram nos orçamentos das nações as despesas improductivas, os que desejarem produzir na accepção economica da palavra — têm de organizar em seus minimos detalhes o systema de produção — seja qual fôr a natureza desta, visando a maxima eficiencia na applicação de todos os seus elementos.

Os povos em guerra desperta-

ram e conseguem augmentar em todos os sentidos a sua capacidade de producção.

Na Inglaterra, por exemplo, essa organização fez crescer a efficiencia a tal ponto que já declarou Lloyd George em famoso discurso:

"Ignoro qual será a divida da nação quando chegar a paz; prophetizo, porém, o seguinte: seja ella qual for, o que já se lucrrou em nosso activo e reservas, excede infinitamente a qualquer passivo que o balanço venha a accusar. Os recursos de que dispunhamos foram desdobrados e postos em movimento em todas as direcções; a nação em peso, disciplinada, despertada, prompta, acha-se transformada em potencia viva. Despino-nos de roupagens inúteis. Eis-nos a desenvolver a musculatura pela gymnastica. Estamos em pleno exercicio. Somos um povo differente do que éramos antes."

Nos Estados Unidos, já antes de sua entrada na guerra, constitua uma verdadeira preocupação, para os grandes, homens de negocio, a organização do trabalho que se operava na Inglaterra, França e Allemanha.

Uma commissão de homens competentes, estudando a defesa da producção americana apresentou em seu relatório trechos como estes:

"O problema de nosso paiz após a guerra é talvez o mais grave de quantos tem tido que enfrentar a União. Delle só conseguiremos escapar a contento, realisando prodigiosos esforços no sentido de "augmentar, em todas as direcções, o nosso rendimento de trabalho". E mais adiante:

"Não devemos nunca esquecer que os nossos competidores estrangeiros são homens e mulheres que estão sendo educados em uma escola de sacrificio, que se vão habituando aos poucos a produzir mais e a receber menos; e que pela parte que nos toca é em nós mesmos que de-

vemos pensar, apromptando-nos a consagrar ao problema nacional — barateamento da producção — todo o nosso esforço."

Associando-se os Estados Unidos á guerra, a mobilisação dos esforços americanos em todos os seus campos de acção chegou a proporções fantasticas, das quaes só se pôde ter idéa pelos numeros. Em Outubro do corrente anno, um mez antes da paz, as compras diarias effectuadas alli pelos paizes alliados chegaram a 150 milhões de dollares! O total das compras realizadas naquelle paiz assombroso, em 8 dias, ultrapassava assim em valor, aos estragos produzidos pelos allemães em todo o norte da França! Nessa mobilisação agricola e industrial, além dos sentimentos patrioticos, não teria influido tambem o espirito providente do Americano visando a perfeita organização "post bellum"?

Em França, vozes de autorizados economistas, clamavam sem cessar: "Se quizermos sobreviver á luta economica que se vai travar após a guerra, temos que augmentar á "outrance" a nossa producção, aperfeiçoar ao maximo a sua distribuição. Adeus ao doce "laissez-aller" doutro tempo. Adeus aos negocios feitos ao acaso. Ao duro periodo da guerra sobrevirá um duro periodo de paz. Os homens de governo, os homens de negocio, têm o dever de mostrar, no terreno economico, uma energia semelhante á que nossos irmãos demonstraram no Marne, em Verdun, na Picardia."

Nessas grandes nações envolvidas na guerra, em nosso paiz, em todos os continentes, pelo equilibrio social, oriundo do entrelaçamento internacional, a producção, para ter efficiencia economica precisará, pois, assentar em bases scientificas.

Nun paiz como o nosso, o Ministerio da Agricultura assume, portanto, preponderancia capital.

Referi-me atraz ao valor da produção industrial americana; pois no desenvolvimento economico dos Estados Unidos a agricultura manteve e mantém o papel preponderante! Foi nella que a America buscou os elementos de vida para as suas industrias, ás quaes a lavoura não fornecia apenas a materia prima, proporcionava tambem ás usinas os seus capitaes.

Em principio deste seculo, mostrava uma estatística que a exportação de productos agricolas da America do Norte apresentava um saldo liquido de mais de 6 billões de dollars. Em dez annos a agricultura creou uma riqueza igual a metade de toda a fortuna publica, americana, accumulada em 3 seculos!

Como consequencia dessa produção prodigiosa veio o augmento rapido do valor das terras — que num espaço de 5 annos accusava um acrescimo, em cada pôr de sol, de 4 milhões de dollars!

Esse augmento de riqueza, esse desenvolvimento da agricultura americana, que começou a ser observado principalmente nos ultimos 50 annos, é o fructo legitimo do trabalho associado, do cerebro, do musculo e da machina; é o fructo de uma cultura intelligente, intensiva, de melhores methodos e de um emprego judicioso do sólo; é devido á execução dos trabalhos uteis, á drenagem, á irrigação, ao desenvolvimento das estradas de ferro, á construcção e melhoramento das estradas de rodagem, á diffusão do ensino agricola; resulta ainda dosapparelhos de credito agricola organizados e funcionando de modo admiravel.

O cultivador americano transportou para o campo os ensinamentos da moderna organização industrial, da organização scientifica; dirige sua fazenda como uma manufactura ou casa de commercio; multiplica a capacidade productiva de suas ter-

ras, substituindo o braço custoso e raro pela intelligencia, pelo talento inventivo, pela organização. Elle é auxiliado, porém, de um modo decisivo e pratico pelo Ministerio da Agricultura.

A acção do Estado nada tem allí de burocratica.

Os campos de experiencia e demonstração espalhados por toda a Republica; as publicações gratuitas de propaganda e ensino; a larga distribuição de sementes; os agentes scientificos que por todo o globo procuram, sem cessar, novas plantas, novos grãos, que possam ser introduzidos com successo nos Estados Unidos; a diffusão do ensino agricola; os meios de consulta, demonstram a sábia orientação do Estado Americano nesse assumpto.

O departamento da agricultura não distribue premios; a sua única preocupação é proporcionar aos agricultores meios e ensinamentos de ordem a poderem elles ganhar dinheiro — no commercio legitimo — com a exploração de suas fazendas. Os que estão em condições de merecer premios presume o Estado que sejam os que mais dinheiro ganham, na exploração intelligente de suas propriedades.

Não se supponha que todos os terrenos lá se apresentem docéis e faceis ao trabalho do agricultor.

O cultivador americano, na ancia de estender os seus domínios, teve tambem de abordar terras rebeldes e insociaveis. Sirvam de exemplo as terras sujeitas ás seccas, constituindo uma faixa a Leste das Montanhas Rochosas que se estende do Golfo do Mexico ao Canadá, abrangendo uma área de 120.000.000 de hectares; ou ainda os terrenos inundados em excesso, sobretudo os do valle do Mississippi calculados em 40.000.000 de hectares.

Nas terras da secca, "no paiz da morte" como ficou denominado, após os fracassos das primeiras colonizações em que os pre-

juizos totaes devidos a uma secca intensa, alcançaram cifras bem americanas, houve uma nova tentativa, uma nova onda de immigração — "Wave of settlement".

Essa segunda investida, porém, não foi a simples repetição da primeira; novos methodos foram imaginados e apropriados pela experiencia, a esse clima semi-arido.

Rebuscando pelo Mundo, descobriram os Americanos uma vegetação de valor que resistia á secca.

Inventaram um aparelho que paralytava a evaporação do sólo. A combinação desses instrumentos, desses methodos e desses grãos e plantas especiaes constitue o que os Americanos chamam a cultura a secco — "dry farming", — a qual permittiu vencer a aridez e cobrir de colleitas os milhões de hectares que, com os systemas communs de exploração, apenas serviriam para pastos de baixa qualidade.

E o que diremos dos trabalhos de irrigação emprehendidos por poderosas Companhias, que foram buscar em grandes rios, por canaes que algumas vezes atravessaram diversos Estados, agua necessaria para fertilizar desertos que uma vez assim transformados foram revendidos em lotes, a prestações, proporcionando farta remuneração aos capitaes applicados? E os poços artesianos com as florestas dos moinhos de vento, trazendo do sub-sólo o liquido que a terra avara queria esconder no seu amago?

O aproveitamento dos desertos d'Alkalis — que figuram nos mappas como emulos do Sahara — conseguido pelo estudo do laboratorio e pela experimentação pratica nos campos e mais os serviços de drenagem dos banha-dos fecham o cyclo desses grandes empreendimentos da Moderna Agricultura Americana.

E' a sciencia, portanto, ao serviço constante da intelligencia ávida do americano que perscruta

ta ao sólo os seus intimos segredos, collocando-o ao serviço do trabalho intenso e organizado.

E no nosso Brasil, o que vemos?

Geologicamente um immenso massiço de terras altas, separadas das outras do continente pelos valles do Amazonas e do Paraná e margeadas no litoral por uma estreita faixa de terras baixas.

Presume-se que nosso paiz, coberto pelo mar em outros tempos, affluio á superficie na época terciaria. Os nossos rios cavam nos chapadões, em todos os sentidos os leitos profundos, que dão ás suas margens os aspectos illusorios de serranias abruptas; os do centro e norte do paiz, levando os alluviões provenientes da decomposição de nossas rochas para além das suas emboaduras, prolongando as nossas divisas naturaes pelo mar a dentro; os do sul, levando o alluvião fertilizador para extranhas terras... O nosso Brasil, geologicamente, ainda se apresenta em formação, novo e incerto. A Amazonia inspirou nesse sentido paginas inesqueciveis a Euclydes da Cunha.

Pois bem, se é verdade que a civilização do homem foi sempre indissolvelmente ligada á terra e ás suas possibilidades, superpondo-se como uma ténue camada á conformação geologica, em nosso paiz, mais do que em qualquer outro, o homem é dirigido pela terra.

A historia da exploração de nossas riquezas naturaes repete, impressionantemente a historia de nossa conformação geologica, como já o fez observar o eminente mestre Afranio Peixoto. A primeira phase do nosso desenvolvimento foi marcada pelo descobrimento das minas de ouro e jazidas de diamante nos terrenos archeano e siluriano.

Depois, o cretacio decomposto da Bahia e Pernambuco (Maspapé) permittiu a cultura da canna de assucar dirigindo a civilização colonial, a cobiça hol-

landeza, e as guerras coloniaes para esses territorios.

Temos em seguida a phase caracterisada pela cultura do café, na terra roxa, alteração da diabase e do porfirito que em vastos lenções de lavas cobriu o permiano do Rio e de São Paulo —; em torno dessa cultura giram ainda os principaes interesses ligados á administração e á politica do paiz. Finalmente, o alluvião amazonico, produzindo na sua exuberancia tropical a vegetação de succos elasticos, attrahindo para o norte parte consideravel dos interesses do Brasil.

Impõe-se, portanto, e cada vez mais, a exploração generalizada e intensiva de nossas riquezas e a consequente promoção de intimas relações interestadaes em nosso paiz, para que a nacionalidade Brasileira se mantenha una, á semelhança do massiço central que forma o nucleo da nossa natureza.

E' indispensavel que a acção dos nossos homens actue nesse sentido.

Se as primeiras tentativas entre nós para uma organização colonial de grande desenvolvimento não deram, fóra do cultivo do café, os resultados desejados, devido principalmente á falta dos elementos indispensaveis para uma cultura intensiva de accôrdo com as exigencias do nosso sólo, não devemos desanimar.

A cultura extensiva tão condemnavel sob todos os pontos de vista, foi tambem usada nos Estados Unidos, pela attracção que produz a larga extensão de terrenos virgens; lá tambem se usaram as derrubadas, as plantações em terreno natural, emquanto bem produzia; o seu abandono, logo que cansado, mais além novas derrubadas, emfim, o cyclo que tão bem conhecemos. Hoje, porém, essa cultura extensiva se tornou alli uma lenda.

Entre nós para praticarmos a cultura intensiva devido ás diffi-

culdades de obtenção de adubos chimicos e dos meios de transporte, teremos forçosamente que recorrer ao adubo animal. Apresenta-se assim, o problema da pecuaria como intimamente ligado ás nossas demais produções agricolas; e, para collaborar na veracidade desse facto vemos autoridades competentes, como Victorio Nicóli e Freise declararem, após notaveis estudos, como tendo obtido francos successos economicos no Brasil apenas os nucleos coloniaes nos quaes se procurou dar vasto incremento á pecuária.

Surge assim como uma necessidade indispensavel ao desenvolvimento da nossa lavoura, a pecuária — que por si só coustítue uma formidavel fonte de receita e uma auspiciosa promessa do nosso enriquecimento futuro.

O fomento da nossa produção exige ainda o estudo do desenvolvimento do credito agricola; do problema da mão de obra, tão complexo no momento actual pela rarefacção havida no mercado de braços; da orientação acertada na escolha dos productos e do instrumental agricola; do transporte, a preços modicos; depende, emfim, da organização da produção em bases scientíficamente determinadas.

A nossa posição de fracos exportadores na America, em relação a paizes muito menores que o nosso, como a Argentina e Cuba, precisa, em absoluto, ser alterada.

Havemos de conquistar o posto a que temos direito pela nossa grandeza e pelos nossos recursos; e isso será sómente no dia em que tivermos reconhecido praticamente, como observa, o escriptor inglez Frazer, em relação aos Estados Unidos — que o "Ministerio da Agricultura é a administração mais util do paiz."

(Roberto Simonsen — Discurso de saudação ao Ministro da Agricultura, pronunciado em Santos a 7 deste mez.)

EXPOSIÇÃO DE PINTURA

D. Helena Pereira da Silva, expansionista do Estado de S. Paulo em Paris, abriu este mez á Rua Direita, uma exposição de pintura. Filha de pintor, fez os primeiros estudos com seu pae, o sr. Oscar Pereira da Silva e aperfeiçoou-os em seguida no estrangeiro, sob a direcção de mestres de nomeada como J. P. Laurens, Roehgrosse e Hebert. Ha cerca de tres annos, de volta de França, expoz conjuntamente com Oscar Pereira uma serie de estudos de figura e reproduções de quadros de mestres, nos quaes já denunciava uma forte individualidade de artista. Não eram pintados á maneira commum das senhoritas *prendadas*. Hoje, já mais senhora da sua arte, apresenta-se-nos com estudos de natureza morta, paisagens, marinhas, figuras e até quadros de composição, denunciando em todos um progresso visivel. *Mãe e enfermo*, uma figura de mulher sentada que vêla um filhinho doente, é um quadro feito com bastante largueza; a creança, pelo inacabado da pintura, realça mais o trabalho, cujo ponto central é a mulher sentada. Outra composição interessan-

te, embora menos feliz, é o *Interior de sala* onde o arranjo das cadeiras, a diversidade dos moveis e das duas poltronas parecem dispostas com o fim de armar o effeito, artificio que não deixa de peccar contra o bom gosto; já as figuras estão muito bem estudadas. Depois deste merecem menção os quadros de natureza morta nos quaes os meritos da artista são deveras notaveis. Tanto nos de flores — muito bem composto, como nos de metaes e fructas, a sta. Helena dá medida de optimas e invulgares qualidades; alguns delles são verdadeiros quadros de mestre. Não contente com esta variedade de generos abordados, a artista tenta ainda o de interior de igreja, e sae-se da empreza com galhardia. O *Altar da Virgem*, e *Sachristia de S. Julien* são trabalhos dignos de exame, muito bem estudados quanto á perspectiva e ás meias tintas sombrias de agradável effeito. Ha ainda marinhas que em nada desmerecem dos trabalhos de outros generos. Do exame destas telas conclue o observador achar-se diante de uma artista das mais bem dotadas, das mais estudiosas, e das que mais progressos têm feito ultimamente como se verifica pela comparação das suas ultimas composições.

AS CARICATURAS DO MEZ

TUDO E' POSSIVEL



Na duvida sobre se o Conselheiro assume ou não assume, Sancho, que tem a velha pratica do governo da Barataria, resolve empossar-se no governo da Republica da Pirataria e dá a sua 1.ª audiencia á preta Iñez, ministra das Subsistencias no Cattetinho.

(MAXIMO — "D. Quixote" — Rio).

A INAUGURAÇÃO DA CONFERENCIA DE VERSALHES



— E agora tratemos tambem da paz!...

(VOLTOLINO — "Il Pasquino Coloniale" — S. Paulo).

VENCIDA!



Agora, as fumaças são de incenso.
(J. CARLOS — "Caretá" — Rio).

UMA PEQUENA INFORMAÇÃO



— Vossa Excellencia pôde-me dizer onde é o Palacio do Cattete?
— Deve ser alli, assim, pela rua Senador Vergueiro.
(RAUL — "D. Quixote" — Rio).

O BOLCHEVISMO RUSSO SEGUNDO AS VISTAS INGLEZAS



Se o bolchevismo não quizer reconhecer os empréstimos de guerra.

Se o bolchevismo aceitar o pagamento dos empréstimos de guerra.

(VOLTOLINO — "Il Pasquino Coloniale" — S. Paulo).

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escritorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO — Tra-
vessa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escritorio: Rua Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. RENATO KEHL — Espe-
cialista em syphilis e vias urina-
rias (molestias dos rins, bexiga,
prostata e urethra). Cons. Rua
Líbico Badaró, 119. Tel. Cent.
5125. Res.: r. Domingos de Mo-
raes, 72. Tel. Cent. 2559.

DR. SYNESIÓ RANGEL PES-
TANA — Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica especialmente das
crianças — Res.: R. Bella Cintra,
139. Consult.: R. José Bonifacio,
8-A, das 15 ás 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA —
Medico, S. Cruz do Rio Pardo —
S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Pariz.
— Consultas das 9 ás 11 e das
14 ás 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-

TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escritorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
lephone 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Títu-
los — Escritorio: Travessa do
Commercio, 7. Teleph. 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323 — Res.: R. Al-
buquerque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA — Caixa Pos-
tal 174. End. Teleg. "Leonidas",
S. Paulo. Telephone 626 (Cen-
tral) — Rua Alvares Penteado —
S. Paulo.

COLLEGIOS:

EXTERNATO DR. LUIZ PE-
REIRA BARRETO — Admissão
aos cursos superiores da Repu-
blica para ambos os sexos —
Rua Carlos Gomes, 50 — Aca-
cio G. de Paula Ferreira.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
3333 — Cidade — S. Paulo.

LIVRARIA DRUMMOND

Livros Escolares, de Direito, Medicina,
Engenharia, Litteratura. — Revistas.
— Mappas. — Material Escolar.

ED. DRUMMOND & COMP.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPH. NORTE, 5667 — End. Tel.
— "LIVROMOND" — Caixa Postal, 785 — Rio de Janeiro —

Joallerie — Horlogerie — Bijouterie
Maison d'importation
Bento Loeb
 RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)
 Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
 et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable
Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Casa de Saude ≡

EXCLUSIVAMENTE PARA DOENTES DE
 MOLESTIAS NERVOSAS E MENTAES

Dr. HOMEM de MELLO & C.

Medico consultor — **Dr. FRANCO DA ROCHA,**
 Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — **Dr. TH. DE ALVARENGA**
 Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director
Dr. C. HOMEM DE MELLO

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro ALTO DAS PERDIZES em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo. Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á oasa de Saude (Alto das Perdizes)

Caixa do Correio, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 560

LIVROS USADOS A' VENDA EM PERFEITO ESTADO

JULIO DANTAS, O Amor em Portugal no Seculo XVIII	5\$000
F. LAGRANGE, La fatigue e le repos	4\$000
FONSSAGRIVES, Hygiène alimentaire	6\$000
FERNET, Les vertus hygiéniques	4\$000
THEOPHILO BRAGA, Cancioneiro Portuguez (2 vols.)	7\$000
MARCHAND, Le gout	3\$000
G. DROZ, Mr. Mme. e Bêbê	3\$000
HAUTECOEUR, Greuze	3\$000

Pedidos á "Revista do Brasil" — Caixa 2-B — S. Paulo



CONVALESCENTES DA GRIPPE

Ilmo. Sr.
Pharmaceutico
C. Fontoura.

Para bem de todos communico-lhe que só tenho tido sobrejos motivos de satisfacção com o emprego, já bastante extenso, de varios seus preparados, mórmente o seu "BIOTONICO" e os seus comprimidos da GLANDULA THYROIDE. A' vista deste successo venho lembrar-lhe o alvitre de alargar o campo de suas operações pharmaceuticas, aando-nos daqui por diante preparados da therapia pluri-glandular ...
S. Paulo, 6 - Agos-
to - 1918.

Dr.
Pereira Barreto,
Medico.

"O Biotonico Fontoura merece os meus applausos e applicação. A associação feliz do phosphoro, arsenico e ferro, nerasthenia e RESULTADOS DA GRIPPE — encontra sua verdadeira approvação pela feliz combinação das substancias que o compõem. Nos casos de biopiose, taes como dyspepsias atonicas, anemia, neu-ta época de tanta decadencia organica, será usada sempre com proveito para os organismos debilitados.

BRAGANÇA.

Dr. J. H. Pereira Guimarães — Medico."

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS



Edições da "Revista do Brasil"

Sacy-Pêrêrê — Interessante estudo de folk-lore, em bello volume de 300 paginas, papel Buffon, e illustrado com numerosas gravuras de pagina inteira.

PREÇO — 4\$000

Pelo correio — 4\$500

Urupês — contos por Monteiro Lobato, terceira edição

(4.º a 7.º milheiro). PREÇO — 2\$000

Pelo correio — 2\$300

A SAHIR:

Vida e Morte de Gonzaga de Sá — romance de Lima Barreto o laureado autor do "Triste fim de Policarpo Quaresma" e das "Memorias do escrivão Isaias Caminha".

Rindo — Os melhores trabalhos satiricos e humoristicos de Martin Francisco.

PEDIDOS A

"REVISTA DO BRASIL"

CAIXA 2 B — S. PAULO

HA MUITAS MACHINAS ...

... mas nem todas realizam o beneficio do café da maneira impecavel por que o faz a machina "Amaral".

O attestado que abaixo publicamos, firmado por um nome da mais absoluta respeitabilidade tanto no nosso meio social como nos circulos da lavoura, — resume com simplicidade o maior elogio que se pudesse fazer á machina "Amaral".

"PIRASSUNUNGA. — Fazenda "Jatobá", 30 de Outubro de 1918 — Ilmo. sr. Director-Gerente da Companhia Industrial "Martins Barros". — S. Paulo.

Concluindo hoje o beneficio da decima safra de café desta fazenda depois que aqui assentei a machina "AMARAL", de fabricação dessa Companhia, — venho espontaneamente significar-lhe o inteiro agrado em que me acho quanto a essa machina, para mim sem igual entre todas as suas congengeres.

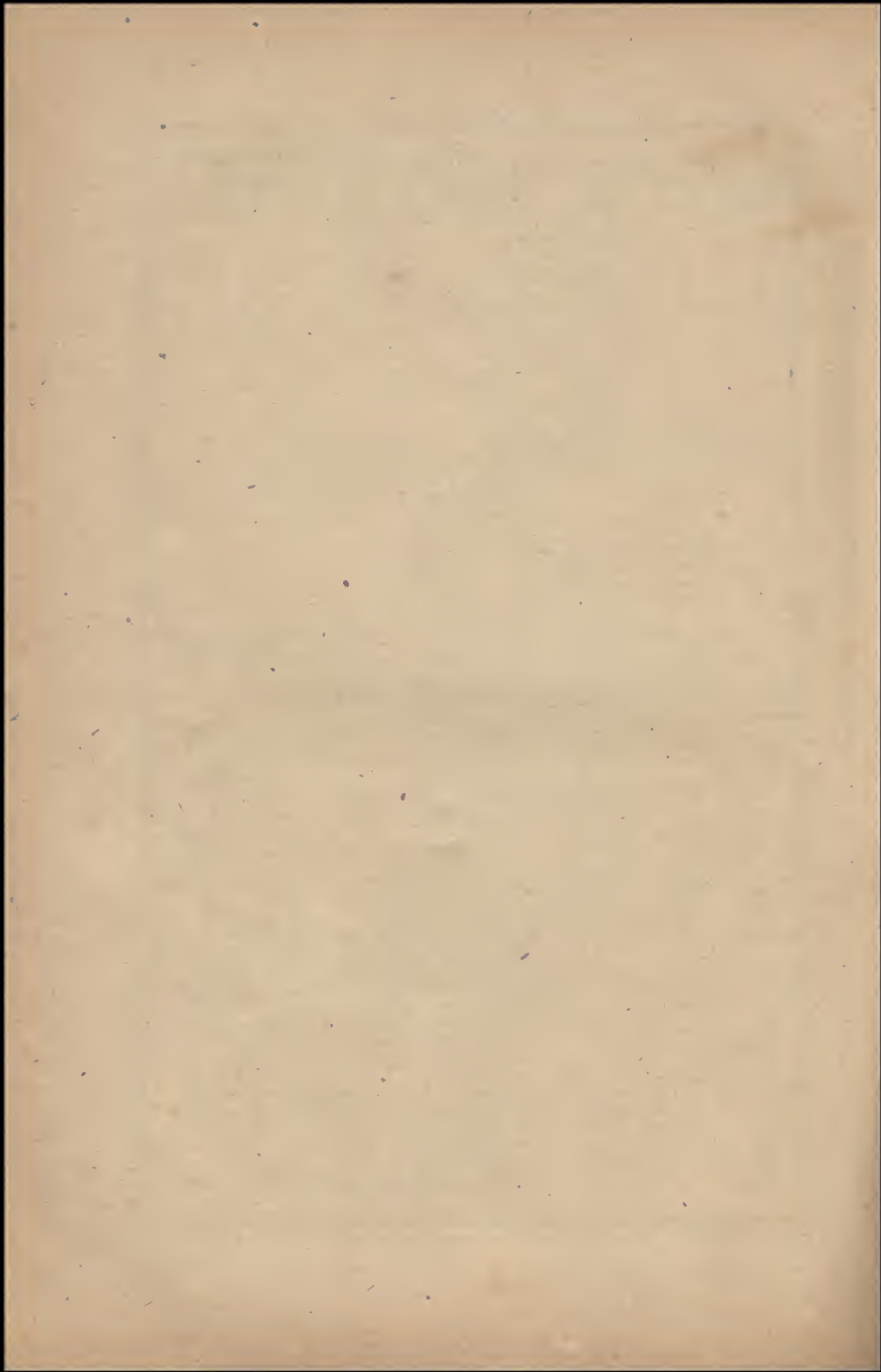
Movida rusticamente a agua, manobrada quasi por simples camaradas e trabalhando por vezes á noite, — minha machina tem já beneficiado para mais de 150 mil arrobas de café, sem ter tido nunca mais pequeno accidente. Economia de força e de tempo, de correias e lubrificantes, tudo me tem ella permitido, ao passo que mantêm os meus cafés, em Santos, na ordem dos mais bem preparados que lá se apresentam. E' por isso que a tenho sempre recommendado aos fazendeiros das minhas relações, os quaes por sua vez me têm confirmado esse juizo. Congratulando-me com v. s. pelo legitimo triumpho da sua excellente machina, sou com estima e consideração, seu — Att.º cr.º obr.º (a) BENTO BUENO".

SR. LAVRADOR !

Si v. s. ainda não escolheu a machina que ha de assentar em sua fazenda de café, — não realize o seu negocio sem primeiramente procurar conhecer as reaes vantagens de ECONOMIA e de SOCEGO DE ESPIRITO que a machina "Amaral" lhe poderá proporcionar. Mande-nos o seu endereço hoje mesmo, para receber informações completas, catalogo, orçamentos, planta de instalação, etc. TUDO SEM O MENOR COMPROMISSO para v. s.

CIA. MARTINS BARROS

Rua Boa Vista N. 46 — Caixa, 6 — S. Paulo

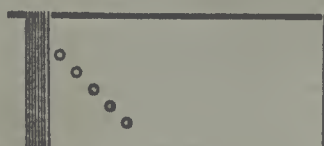


ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.



RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega



S. PAULO
Rua Libero Badaró, 14

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-ÓLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-6

SÃO PAULO

OFFINAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

